

Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Ano 53 - Série VII - N.º 607
14 de Agosto de 1985
Preço: 40\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

GOVERNO SOARES INCOMPATÍVEL COM ELEIÇÕES DEMOCRÁTICAS

Manipulação da Comunicação Social estatizada • Uso de dinheiros públicos para campanhas eleitorais do PS e do PSD • Ultrapassagem das competências de governo de gestão

A campanha de desinformação já vem de longe, tendo no entanto vindo a acentuar-se nos últimos tempos. Contra ela, sempre o PCP se insurgiu. Sobre ela tem o PCP advertido que põe em causa a

democraciedade do próximo acto eleitoral. Agora, a mentira vai mais longe. Diversos órgãos de comunicação social estatizados - com especial realce para a RTP e a RDP - têm posto na boca do secretário-geral do PCP declarações que este nunca proferiu.

A este propósito, a SIP do Comité Central do PCP emitiu um esclarecimento onde afirma que «o facto de, num curtíssimo espaço de tempo, por duas vezes, ser veiculada uma série de falsificações e deturpações sobre declarações de Álvaro Cunhal relativamente à mesma matéria, torna legítima a suspeita de que na sua origem estejam não lapsos, desatenções ou incompreensões, mas a vontade deliberada de criar factores de confusão e perturbação da opinião pública».

Trata-se, pois, de uma campanha deliberada que em nada dignifica a função de jornalista. Como Álvaro Cunhal afirmou na conferência de imprensa de divulgação da nota da Comissão Política do CC do PCP o interpretar declarações é compatível com a função do jornalista, «o que não consideramos dentro da função do jornalista é o atribuir declarações que nunca foram proferidas».

Toda esta campanha só serve a direita e os partidos de um Governo demitido que exorbita as suas funções. Toda esta campanha só beneficia as anunciadas, mas não formalizadas, candidaturas de direita à Presidência da República. Toda esta campanha não tem outro fim senão denegrir a imagem do PCP e da APU e desviar as atenções da opinião pública para a grande e decisiva batalha que se aproxima: as eleições antecipadas para a Assembleia da República. Trata-se de um assunto que, pela sua gravidade, leva o PCP a pedir uma audiência ao Presidente da República. Trata-se de um assunto que, pela sua gravidade e pela forma como, lado a lado com outros abusos do Governo demitido, põe em perigo a democraciedade das eleições, leva o PCP a sublinhar a necessidade da demissão deste Governo e da sua substituição por um governo sério e isento.

• Nota da Comissão Política

1. A Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português, na sua reunião de 12 de Agosto, procedeu ao exame da situação política e da preparação das eleições antecipadas de 6 de Outubro para a Assembleia da República.

2. A Comissão Política sublinha que se confirma a gravidade de ter sido mantido em funções o Governo de Soares PS/PSD depois de demitido.

Mário Soares e o seu Governo PS/PSD estão demitidos e com limitados poderes de gestão. Entretanto, não observam esses limites e continuam tomando ilegalmente medidas contra o povo e contra o regime democrático.

Mário Soares e o seu Governo PS/PSD têm a estrita obrigação constitucional, institucional, política e moral de garantir a democraciedade das eleições.

Entretanto, manipulando escandalosamente a comunicação social, fazendo propaganda que já foi considerada ilegal pela Comissão Nacional de Eleições, fazendo demagogia, utilizando as funções governativas e o aparelho e recursos do Estado para fins eleitoralistas, comprometem e impedem o esclarecimento do eleitorado e o carácter democrático das eleições.

A Comissão Política expressa a firme determinação de não só continuar, mas desenvolver e intensificar a luta, por todos os meios ao seu alcance, para que seja prontamente assegurada a verdade de informação e o pluralismo nos meios de comunicação social do Estado.

A Comissão Política confirma a reclamação do PCP de que o Governo PS/PSD de Mário Soares seja imediatamente afastado e substituído por um Governo sério e isento que assegure a democraciedade do processo e do acto eleitoral.

3. A Comissão Política sublinhou a gravidade do que aparece como nova forma de desinformação, difusão e provocação política e ideológica: não só

o silenciamento ou deturpação, mas a invenção ou falsificação das posições do PCP e das afirmações dos seus dirigentes como sucedeu no último fim-de-semana com supostas declarações do secretário-geral do PCP.

4. A Comissão Política salientou que, no que respeita a eleições, as tarefas fundamentais são relativas à preparação das eleições para a Assembleia da República e para as autarquias.

No que respeita às eleições presidenciais, a Comissão Política confirma a posição do PCP repetidamente expressa em documentos dos organismos da Direcção do Partido e em declarações dos seus dirigentes:

1.º O objectivo fundamental deverá ser a derrota dos candidatos da direita (incluindo Mário Soares) e a vitória de um candidato da democracia.

2.º O apoio e os votos (e portanto o acordo ou consenso verificado) das forças (incluindo o PCP) que têm de assegurar a vitória do candidato da democracia, é a tarefa que de momento se impõe a todos os democratas e patriotas.

3.º Neste momento é precipitado e inconveniente o lançamento e campanha de apoio de qualquer candidatura democrática.

5. O exame das actividades, posições e programas das outras forças políticas, confirma a conclusão de que o reforço da votação na APU e o aumento substancial do número de deputados eleitos pelas listas da APU, é condição indispensável para que seja posto fim à política de desastre, miséria e fome dos governos de direita dos últimos 9 anos e seja possível uma alternativa democrática que resolva os graves problemas nacionais existentes.

A Comissão Política
do Comité Central do PCP

• Nota da SIP do PCP

1. O Partido Comunista Português considera necessário e urgente chamar a atenção do povo português e das instituições democráticas para o facto de estar criada no País uma situação que ameaça comprometer frontalmente a seriedade e a democraciedade do processo e do acto eleitoral do próximo mês de Outubro.

2. Essa situação, claramente ofensiva da legalidade e das regras essenciais da vida democrática, envolve dois aspectos fundamentais:

a) a desproporcionada instrumentalização e manipulação de órgãos de comunicação social do Estado, com extrema gravidade na RTP e RDP, em favor dos partidos do governo - PS e PSD - e das suas candidaturas, e em prejuízo de outras forças concorrentes às eleições, particularmente do PCP e da APU;

b) a arrogante ultrapassagem pelo governo demitido dos seus limitados poderes de gestão, com o escandaloso abuso das funções governativas, do poder, do aparelho de Estado e dos dinheiros públicos para as campanhas eleitorais e manobras eleitoralistas dos partidos - PS e PSD - que compõem o governo.

3. Com efeito, em órgãos de comunicação social do Estado nomeadamente nos de maior influência na opinião pública, verifica-se a persistência e o agravamento e uma orientação sectária, discriminatória e ofensiva do pluralismo, que se traduz numa operação global de intoxicação, conduzida com o claro objectivo de, em pleno período pré-eleitoral, condicionar e influenciar de forma ilegítima a formação da vontade e das opções dos cidadãos em relação ao próximo acto eleitoral. São patentes e gritantes as

discriminações contra o PCP e a APU, como ontem ficou demonstrado o facto de a RTP não ter enviado qualquer equipa de reportagem ao comício de apresentação da lista de candidatos da APU por Lisboa, em que intervieram designadamente o Secretário-Geral do PCP e o Presidente do MDP/CDE.

É patente o favorecimento global do PS e PSD, numa evidência que não é alterada pelas vistosas encenações de queixas recíprocas montadas por estes dois partidos.

É patente a activa promoção e divulgação, sem qualquer real fundamento de interesse jornalístico ou informativo, de actividades, declarações e promessas do governo PS/PSD e dos seus membros.

É patente o empolamento conferido a actividades e a declarações de anunciadas (mas não formalizadas juridicamente) candidaturas às eleições presidenciais, com o notório objectivo de, por esta via, propiciar ao PS, PSD e CDS uma dupla ocupação de espaço e tempo de antena, sendo de destacar neste âmbito a intensa promoção de Mário Soares que, como é sabido, é também Secretário-Geral de um partido concorrente às eleições legislativas e ele próprio candidato a essas eleições.

4. O PCP denuncia desde já como um novo acto de grosseira instrumentalização da RTP a aventada hipótese da realização de um debate televisivo entre Cavaco Silva e Almeida Santos. O facto de, em período pré-eleitoral, aqueles destacados dirigentes do PSD e do PS terem o atrevimento de formular ou aceitar uma tal proposta, basta só por si para pôr em destaque a sua mútua, comum e recíproca falta de vergonha e total desrespeito por regras e princípios democráticos elementares. No plano político, um tal debate - ou qualquer outro limitado aos partidos do governo - cor-

responderia a uma grotesca encenação ao serviço de uma enorme mentira e mistificação pré-eleitoral: a de que PS e PSD seriam forças adversárias, constituiriam pretensamente as principais opções de voto, seriam alternativa um ao outro, quando, na verdade, são conjuntamente responsáveis por dois anos de desastrosa experiência governativa, participam conjuntamente no demitido governo e nos seus abusos e ilegalidades, defendem a mesma política, prosseguem os mesmos objectivos de fundo, celebraram já coligações eleitorais para as autarquias, planeiam de facto, para depois de 6 de Outubro, ressuscitar as suas fracassadas alianças e coligações.

O PCP anuncia que se opõe firmemente à realização de um tal debate televisivo e sublinha que qualquer debate político-partidário, em período pré-eleitoral, deve obrigatoriamente contar com a participação das principais forças concorrentes.

5. A par da situação na comunicação social, adquire extraordinária gravidade o abuso de funções por parte do Governo demitido e dos seus membros, que atinge níveis tão escandalosos que só são explicáveis por uma total falta de escrúpulos e por uma inqualificável degradação moral e corrupção política.

Com efeito, entre muitos outros aspectos, são de denunciar a desenfreada demagogia eleitoralista, o facto de o Governo anunciar e propagandear planos e medidas cuja hipotética realização se situa muito para além do seu limitado prazo de vigência, a utilização das funções governativas e de dinheiros públicos ao serviço das campanhas eleitorais do PS e do PSD.

É por si só elucida desta actuação ilegal, o facto de o primeiro-ministro demitido aparecer pessoalmente associado à ostensiva violação da legalidade democrática consubstanciada pela afixação, em meios de pu-

blicidade comercial, de cartazes com a sua imagem, com slogans eleitorais e o símbolo com que o PS concorre às eleições legislativas.

6. Uma vez que é absolutamente certo que o Governo demitido, voluntariamente, não rectificará o conjunto de actuações ilegais com que está comprometendo a democraciedade do próximo acto eleitoral, o PCP considera que o termo deste escândalo institucional só pode ser completa e eficazmente assegurado pelo imediato afastamento e substituição do Governo PS/PSD.

Estando manifestamente em causa a necessidade imperiosa de garantir as condições essenciais para que o povo português possa formar e expressar livremente as suas opções, o PCP considera que a situação existente coloca as instituições democráticas diante do imperativo moral e político de uma pronta intervenção.

7. Nestes termos, o PCP anuncia que hoje mesmo iniciou diligências junto da Comissão Nacional de Eleições, do Conselho de Comunicação Social e do Provedor de Justiça, com conhecimento ao Supremo Tribunal de Justiça e ao Tribunal Constitucional, visando que estes órgãos, na medida dos seus poderes e responsabilidades, possam intervir na rectificação das situações ofensivas da legalidade democrática.

8. Finalmente, o PCP anuncia que, com vista a transmitir as suas preocupações e opiniões sobre estes aspectos centrais da actual situação política, vai solicitar hoje mesmo uma audiência ao Presidente da República.

8 de Agosto de 1985
O Secretariado do Comité Central
do Partido Comunista Português



O PCP promoveu no passado fim-de-semana o Encontro sobre Problemas da Emigração, dois dias de debate em que surgiram propostas inovadoras

Encontro do PCP sobre emigração

Um debate aberto sério e rigoroso



OS CANDIDATOS DA APU EM TODO O PAÍS

No 3.º caderno / Em Foco



Nos Concelhos de Coruche e de Santarém, o camarada Álvaro Cunhal, em visita realizada na sexta e no sábado, contactou com as populações numa jornada de fraternidade

Álvaro Cunhal no distrito de Santarém

O secretário-geral do PCP esteve na passada semana em várias localidades do distrito de Santarém e participou na sessão de apresentação dos candidatos APU de Lisboa. Reportagem e discurso nas páginas centrais / Semana



Avante!
António Dias Lourenço
SUPLEMENTO N.º 5
14 de Agosto de 1985
Não pode ser vendido
separadamente

Encontro do PCP sobre problemas da emigração

Um debate franco e aberto

Foi em ambiente quase de festa — com os participantes a manifestarem por entre palmas e palavras de ordem a sua confiança e a sua vontade colectiva de tudo fazer para eleger o primeiro deputado da APU pelo círculo eleitoral da Europa — que terminou já ao fim da tarde de domingo, em Almada, o Encontro do PCP sobre problemas da Emigração.

Concluíam-se assim dois dias de intenso trabalho no decorrer dos quais mais de centena e meia de participantes e várias dezenas de convidados provenientes de 13 países efectuaram aquele que é seguramente, até ao momento, o mais completo levantamento das principais características e problemas da emigração portuguesa.

Quer nas quatro secções que funcionaram ao longo do dia de sábado quer nas sessões plenárias, as muitas dezenas de intervenções proferidas proporcionaram um debate vivo e participado durante o qual foram transmitidas muitas experiências e apresentados os problemas mais sentidos nas diferentes comunidades de portugueses espalhados pelo mundo, contributos esses que enriqueceram enormemente as conclusões do Encontro.

De referir também — e quem teve oportunidade de assistir aos trabalhos não deixou certamente de o constatar — a forma aberta e franca que caracterizou o debate, bem como a ampla abordagem que se fez de toda a problemática da emigração durante a qual ficou patente o elevado nível de muitas das intervenções proferidas, a revelarem um domínio e um conhecimento perfeitos das matérias em discussão.

Um realce ainda para a presença activa de muitos democratas sem filiação partidária cujos contributos ao longo dos trabalhos foram considerados de muito positivos, tendo nomeadamente contribuído para levar ao Encontro aspectos das realidades que ultrapassam a Europa, concretamente da África do Sul, Brasil, Zaire e Canadá.

Mas se o Encontro — recorde-se que é a primeira vez que um partido político promove uma iniciativa com estas características e com esta envergadura — representou uma grande tribuna de protesto e de repúdio pela política que tem norteado a acção dos governos nos últimos anos, ele constituiu também pelo balanço que efectuou e pelo conjunto de propostas que apresentou (muitas delas inovadoras) a mais importante achega até hoje dada para a resolução dos múltiplos e graves problemas que atingem os nosso compatriotas emigrantes.



Proclamação contém linhas para uma política e um programa democrático

Acolhendo a unanimidade de todos os participantes, a proclamação do Encontro do PCP sobre problemas da emigração começa por salientar a importância do período actual, em vésperas de eleições para a Assembleia da República, e o interesse dos emigrantes em que os resultados eleitorais «forcem uma viragem na política» e levem à formação «de um governo capaz de fazer face à gravidade da situação em que o País se encontra e de fazer concretizar as esperanças que Abril abriu».

Nesse sentido, o documento salienta que apesar «dos condicio-

nallismos que existem na emigração» é necessário e é possível eleger, em 6 de Outubro, um digno representante dos emigrantes nas listas da APU pelo círculo eleitoral da Europa. Uma tal eleição «contribuirá fortemente para a resolução dos problemas dos emigrantes e será uma importante ajuda da emigração para a defesa da democracia, da independência nacional e para a melhoria das condições de vida do povo português dentro e fora do país».

Detendo-se sobre a necessidade urgente de pôr fim à situação de abandono em que se encontram os emigrantes portugueses a proclamação sublinha que «a vida comprovou, antes e depois do 25 de Abril, que os problemas do regresso, do apoio às jovens gerações de emigrantes e da luta pela igualdade de direitos entre nacionais e emigrantes nos países onde estes

se encontram não têm solução adequada no quadro de uma política de submissão aos interesses do capital e de sacrifício da independência nacional».

Adesão à CEE

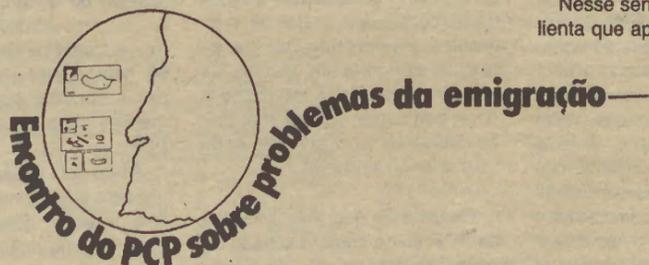
Quanto à questão da entrada do nosso país no Mercado Comum, o documento afirma serem «completamente falsas e demagógicas, afirmações tentando fazer crer que a adesão de Portugal à CEE representa um benefício para os emigrantes».

O PCP afirma solenemente que a adesão de Portugal à CEE representa para muitos milhares de emigrantes o sacrifício real das suas aspirações ao regresso e dos seus interesses imediatos no campo da livre circulação e dos direitos sociais.

O PCP alerta os emigrantes para que a chamada moderniza-

ção do país, prometida por Mário Soares e por toda a reacção, com a entrada na CEE, mais não representa do que a exploração de mão-de-obra barata portuguesa, o agravamento do atraso de Portugal, a diminuição do nível de vida dos portugueses e uma maior alienação da soberania nacional».

Depois de enunciar alguns dos problemas que mais afectam os emigrantes em consequência da política de recuperação capitalista seguida nos últimos nove anos, o texto destaca alguns dos aspectos desta política de abandono e desprezo, como sejam a venda «de mão-de-obra, para em troca receber as remessas enviadas pelos emigrantes e através de diversas formas de manipulação tentar utilizar os seus direitos eleitorais contra o regime



A CRISE ECONÓMICA E SOCIAL NO MUNDO

Um livro fundamental

Fidel Castro



Preço:
500\$00

Soares e a disneylândia

Num trecho famoso já uma vez aqui citado, escreveu Marx que «a última fase de uma forma histórica universal é a sua **comédia**». «(...) o moderno **antigo regime**, lê-se em «Acerca da Crítica da Filosofia de Direito», não passa do **comediante** de uma ordem universal cujos **heróis reais** já morreram. A história é lúcida e passa por muitas fases antes de enterrar as velhas formas. A última fase de uma forma histórica universal é a sua **comédia**. Os deuses da Grécia, já tragicamente feridos no Prometeu Agrilhoado de Ésquilo, tiveram contudo que morrer de novo comicamente nos diálogos de Luciano. Porquê esta trajetória histórica? Para que a humanidade possa separar-se **alegremente** do seu passado.»

O paralelo é irresistível.

Há quarenta e tantos anos, fascinado pelos cenários que em Nuremberga Albert Speer criava às encenações de Goebbels que alastravam enlameadas em sangue pela Europa e pelo mundo, um bisonho ditador chamava a capítulo os seus homens do espectáculo da política.

As coisas tinham, já então, as suas proporções e as suas comédias. Ao granito de Speer substituiu Cottinelli Telmo, ali para as bandas da Junqueira, o manuelino do estafe e da ripa povoado por pretinhos de saio de rafia e bandeja de «bica» que ilustrassem a missão civilizadora pela óptica de Santa Comba. Falho dos archotes e capacetes de aço proporcionados a Goebbels pela IG Farben ou pela Krupp, Leitão de Barros e António Ferro faziam desfilar pelas ruas de Lisboa a história de um povo com a dimensão estética e cultural de uma revista pateada na estreia.

Carenciado do couraçado «Bismarck» tão invulnerável quanto ao 10 séculos do Reich anunciado, fazia-se fundear no Bom Sucesso um pastiche dos barcos dos Descobrimentos. Não uma caravela de povo marinheiro, claro, mas sim uma nau com o maior bojo, o do saque de uma aristocracia que, roubada a Índia, venderia a própria Pátria inquisitorialmente arrasada aos Filipes de 1580. O «Bismarck» foi a pique às bordadas da Home Fleet de Sua Graciosa Majestade a umas milhas da costa portuguesa, a nau de Leitão de Barros acabou num naufrágio de banheira.

Estavas-se, em suma, em plena montagem e construção da Exposição do Mundo Português em que se perspectivava a História pela dimensão dos atacadores das botas do ditador, concedendo-lhe o sugestivo aspecto do gesso a imitar betão. Os fascismos europeus haviam feito a sua actualização do **panem et circensis**: pouco ou nenhum pão, circo que de tal falta fizesse o povo esquecer-se.

Debruçado sobre experiências históricas que crescentemente sem dúvida o seduzem, vocacionado como se sente para voos que, se de água não puderem ser, tenham pelo menos a amplitude dos de um papagaio, o dr. Soares ergueu-se no passado fim-de-semana do seu triclinio estival da praia do Vau para um passo de insuspeitadas consequências culturais. O dr. Mário Soares recebeu — registou-se — dois directores da Management Resources que à larga visão de Sua Excelência foram sujeitos as propostas de montarem na lusa pátria uma Disneylândia.

O projecto é ambicioso. O Gabinete de Mário Soares informa a população em alvoroço que «o anteprojecto do parque sujeita as diversões ao tema dos Descobrimentos».

Há que convir que Leitão de Barros está vingado. Pela mão talentosa e fofinha deste primeiro que para nossos males ainda temos, acabou o estafe. Fim ao manuelino de cenário, alegrem-se, vem aí os americanos. Ao timão das naves do Bojador teremos o Pato Donald, desembarcando em Calicute estará o Peninha, o rato Mickey ombreará com Afonso de Albuquerque. Pela módica quantia de 25\$00 qualquer pessoa poderá ascender aos mastarés de Pedro Álvares Cabral, sofrer a sede de Fernão Mendes Pinto, adquirir frasquinhos de plástico com as drogas e simples da Índia seleccionados por Garcia d'Orta. O rigor contabilístico que os americanos sempre põem nestas coisas levará a que o pessoal das bilheteiras esteja paramentado matematicamente de Pedro Nunes e poder-se-ão adquirir saquinhos de pimenta e outras especiarias para que o autocarro de regresso a casa tenha o forte sabor emotivo do marítimo regresso ao cais de Alfama.

Graças aos bons ofícios do dr. Soares e da Management Resources poderão uma vez mais os portugueses constatar que não se nasce impunemente nas praias de Portugal. E muito menos se vive impunemente num país governado por esta gente.

A exposição do gesso dos anos quarenta, erguida quando a Europa e o mundo vergava à bôta fascista, foi de facto a encenação trágica de uma política. Faltava-nos esta comédia, esta miserável palhaçada de **special friends** e tíos Patinhas. A que não falta sequer o sabor amargo da comédia quando sentimentos o travo de vergonha de tanta indignidade e pequenez.

Seja.

Para que nos separemos alegremente de tudo isto.

■ RC



democrático, têm sido objectivos centrais da política destes governos.

A desorganização, a corrupção e a falta de meios têm caracterizado os organismos do Estado português, destinados a acompanhar a emigração. Medidas da mais elementar justiça não são tomadas ou são ignoradas para se tomarem outras em claro prejuízo dos emigrantes.

Por incompetência, incapacidade política e falta de sentido patriótico, os interesses dos emigrantes têm sido mal tratados na acção diplomática e desprezados na negociação de Acordos e Convenções».

Política democrática

Depois de chamar a atenção para o facto de existirem soluções para todos os problemas com que se debatem os emigrantes, a proclamação adianta, que ao «apresentar as linhas fundamentais de uma política e de um programa democrático para a emigração» o Encontro considera ser indispensável a participação «muito variada dos emigrantes para dar adequada satisfação às suas aspirações».

E prossegue:

«A todos no entanto o PCP proclama, que só com a Democracia e o Desenvolvimento do país é possível a Defesa dos Emigrantes. Só com uma política de desenvolvimento assente no respeito pela Constituição e pela legalidade democrática e virada para a melhoria das condições de vida dos portugueses, é possível caminhar no sentido de pôr fim ao expatriamento forçado dos emigrantes e criar condições para o seu regresso.

Democracia: porque só o regime democrático assegura as condições de liberdade e participação dos trabalhadores, indispensáveis ao prosseguimento de uma política virada para a satisfação das aspirações do povo português dentro e fora do país.

Desenvolvimento: porque só com uma política de desenvolvimento é possível garantir o progresso e a melhoria das condições de vida dos portugueses, travar o processo emigratório provocado pelo desemprego, a miséria e o atraso, a perseguição e a injustiça, e criar condições para o regresso dos que aspiram voltar à Pátria e também para reforçar a capacidade negocial e de intervenção directa de Portugal na defesa dos interesses dos seus concidadãos emigrantes.

Rectificar injustiças

De seguida, o documento aponta alguns dos aspectos que deverão presidir à acção de um governo democrático e patriótico designadamente:

«— **rectificar, estabelecer, melhorar e fiscalizar, acordos e convenções e outros instrumentos jurídicos internacionais de carácter bilateral ou multilateral de interesse para os emigrantes;**



— assegurar o funcionamento de um sistema eficaz de serviços de protecção e apoio aos emigrantes no território nacional e no estrangeiro;

— garantir o ensino, a protecção e a promoção da língua e da cultura portuguesa no estrangeiro;

— estabelecer uma ligação mais rápida e eficiente entre Portugal e as comunidades de emigrantes no sentido de uma maior aproximação e conhecimento mútuo entre portugueses;

— apoiar as Associações e todas as formas organizadas do movimento associativo na base do reconhecimento da sua autonomia, do seu papel na defesa dos emigrantes e da cultura portuguesa».

Sublinhando o carácter prioritário que alguns problemas devem merecer à intervenção de um governo democrático, a proclamação salientando «— os problemas dos que continuam a partir, sobretudo dos que o fazem como temporários, contratados ou para trabalhar clandestinamente;

— os problemas dos jovens emigrantes da segunda geração;

— os problemas dos que querem regressar».

Medidas prioritárias

O texto da proclamação aponta depois alguma das medidas con-

sideradas como indispensáveis para a concretização de uma política justa no campo da emigração, a saber:

«— a reorganização da Secretaria de Estado da Emigração, de modo a pôr fim à anarquia, à incompetência, ao clientelismo e ao partidarismo que tem caracterizado a sua relação com os emigrantes, criando assim condições para uma acção eficaz junto destes;

— a definição rigorosa das relações da SEE e de outras Instituições portuguesas com as estruturas representativas dos emigrantes, por forma a assegurar-se a efectiva participação destes na definição da política que lhes é dirigida;

— a criação de legislação que assegure a atribuição de um orçamento digno para protecção e apoio à emigração e a sua correcta gestão.

O PCP propõe ainda a todas as forças democráticas e patrióticas, às organizações sociais e a todos os portugueses de boa vontade, a unificação de esforços no sentido da elaboração de uma Carta do Emigrante que condense e actualize a legislação portuguesa sobre os emigrantes, garantindo-lhes, na situação concreta do mundo de hoje, a protecção, a dignidade e o respeito que devem merecer os cidadãos portugueses onde quer que se encontrem».

Prosseguir a luta

No seu penúltimo capítulo a proclamação considera que a luta dos emigrantes em defesa dos seus interesses é condição central para a melhoria das suas condições de vida e apela a todos os emigrantes «para que com grande persistência, espírito de abertura e de compreensão mútua, se unam e defendam a autonomia das associações, desenvolvam a sua vida democrática e promovam a sua identificação com os interesses das comunidades em que se inserem».

Mais adiante, «o PCP alerta os emigrantes para a brutal ofensiva lançada pelos governos do PSD/CDS e PS/PSD contra o Conselho das Comunidades que, a ter êxito, levaria à completa subversão deste enquanto Instrumento de defesa dos interesses dos emigrantes.

Depois de condenar «as campanhas de racismo e xenofobia lançadas contra os trabalhadores estrangeiros» e de alertar «os emigrantes portugueses contra as mais diversas formas de estreito nacionalismo», a proclamação dá destaque à denúncia do PCP relativamente à «extrema hipocrisia das forças reacconárias que, recusando aos trabalhadores as condições para uma vida livre e digna no seu país, só admitem dar-lhes direitos políticos na medida em que os consigam iludir e manipular».

Propostas inovadoras

Quem leia com um mínimo de atenção o documento-síntese ou a proclamação aprovados no Encontro — trabalhos que consubstanciam um levantamento e uma análise séria e rigorosa de todos os grandes problemas que dizem respeito à emigração e durante os quais foram despendidos muitos milhares de horas que envolveram centenas de comunistas e outros democratas — não deixará certamente de se aperceber do conteúdo inovador que surge nalgumas considerações e propostas apresentadas pelo PCP.

Uma dessas propostas é a Carta do Emigrante, um documento que unificando esforços de todas as forças democráticas

e organizações sociais venha a condensar e a actualizar a legislação portuguesa sobre os emigrantes, «garantindo-lhes na situação concreta do mundo de hoje, a protecção, a dignidade e o respeito que devem merecer os cidadãos portugueses onde quer que se encontrem».

Recorde-se que esta iniciativa do PCP surge como resultado do desconhecimento da legislação portuguesa, nomeadamente no campo dos direitos que a lei confere aos emigrantes e que por isso os torna vítimas «dos actos arbitrários da administração ou de funcionários, e presa fácil dos mais diversos burlões».

A desactualização e desorganização do quadro legal existente — não correspondendo ao que a Constituição propõe e prevê, nem sequer à própria realidade — constitui outro dos fundamentos para esta proposta do PCP.

Ainda em matéria de propostas sem dúvida inovadoras podemos referir a dotação de meios para a emigração como forma, entre outras coisas, de acabar com os manobristismos e clientelismos que têm caracterizado a prática de sucessivos governos e as propostas que levam à participação dos emigrantes na definição da política que lhes diz respeito.

sobre problemas da emigração

Com a democracia e o desenvolvimento é possível a defesa dos emigrantes

A encerrar os trabalhos interveio o camarada Blanqui Teixeira com um discurso onde abordou circunstancialmente os aspectos essenciais da actual situação política e algumas das questões em matéria de emigração que estiveram em foco ao longo dos trabalhos.

São dessas intervenções as passagens que a seguir transcrevemos:

(...)

De um tal Encontro é possível extrair muitos e diversos ensinamentos.

Quero-me referir preferentemente a três questões.

Dentro da preocupação de que os próprios emigrantes têm de se debruçar sobre os seus problemas e têm de ser os primeiros a lutar pela sua solução, importa salientar a participação muito ampla da parte dos diversos núcleos do Partido na emigração.

A existência de núcleos de membros do Partido junto dos emigrantes é uma questão essencial para o acompanhamento da sua vida, das questões que os preocupam, das acções que são obrigados a levar a cabo em relação à orientação do governo do seu país natal. Se não existissem tais núcleos, o Partido Comunista Português não estaria em condições de defender

capazmente os interesses dos emigrantes e de levar por diante uma orientação correcta e consequente em relação aos problemas da emigração portuguesa. É na base desses núcleos que é possível realizar uma acção de esclarecimento político, de mobilização e de organização, indispensáveis para a acção que os emigrantes têm realizado, unitária e combativamente, para que o governo português resolva as questões mais prementes que lhes dizem respeito e não se demita da sua função de acompanhamento e de defesa dos cidadãos portugueses onde quer que se encontrem.

A participação dos emigrantes nas eleições legislativas portuguesas, nos países de acolhimento onde isso é permitido, é uma razão mais que obriga a um trabalho constante e perseverante para consolidar aqueles núcleos e elevar a sua influência.

(...)

A segunda questão refere-se à participação das Organizações Regionais do Partido neste Encontro.

Tal participação foi de grande importância para ligar os problemas, vividos pelos emigrantes nos diversos países de acolhimento, aos problemas das suas regiões de origem. Essa ligação tem de ser mais estimulada, pois em cada região do nosso país as questões que envolvem a saída de novos emigrantes, o relacionamento dos emigrantes com as suas terras natais, a vida dos seus familiares, a defesa dos seus bens, a sua reinserção quando do regresso, são questões de crescente importância.

Não há hoje região do nosso país que não tenha um grande peso de emigrantes.

Encontro aberto

(...)

O Encontro proporcionou um outro ensinamento de muito interesse.

É de destacar o papel fundamental desempenhado pelos núcleos de membros do Partido na emigração. É de destacar a importância da participação das organizações regionais neste Encontro sobre problemas da emigração. Mas é ainda preciso referir o relevo que neste encontro do Partido Comunista Português teve a intervenção de muitas pessoas que não são comunistas.

Não se trata de uma novidade nas realizações do Partido. Em todos os campos há sempre a preocupação de colher a informação e a opinião de outros sectores democráticos. A experiência tem mostrado que, dessa forma, se obtêm excelentes contribuições que enriquecem a dis-

cussão e as decisões tomadas. Ao contrário do que a reacção afirma, o PCP é o Partido mais aberto em relação a outros sectores desde que defendam os princípios democráticos, desde que não se posicionem contra a revolução de Abril, desde que não estejam inquinados pelo anticomunismo.

Com tal abertura, não temos dúvidas, ganha o Partido e ga-



nham também os que presenciavam as suas realizações e participam activamente nelas.

É natural uma referência especial a todos os convidados, a todos aqueles que, preocupados também com o flagelo da emigração, vieram ajudar-nos com a sua presença e com a sua opinião. Estamos certos que também colheram algumas coisas deste Encontro que não foi só do PCP, foi de todos os que aqui têm estado.

(...)

É necessário alargar ainda mais o diálogo com os emigrantes qualquer que seja a sua actual influência política, desde que tenham um espírito são de ajuda ao seu semelhante, ao seu compatriota.

(...)

Democracia e Desenvolvimento

É fundamental dizer-se que o Encontro do PCP proclama que só com a Democracia e o Desenvolvimento do país é possível a Defesa dos Emigrantes.

Isto significa, por outras pala-

avras, que na luta que se está travando, o que interessa aos emigrantes, como interessa a todo o nosso povo, é que a democracia seja defendida e consolidada e que a política a ser seguida seja uma política de expansão económica que arranque o país do atraso em que os governos da reacção o têm mantido.

Só com a vitória dos que defendem as conquistas e as esperanças do 25 de Abril é possível abrir o caminho que permita o regresso — a aspiração mais entida por todos os que foram obrigados a emigrar — e que permita pôr fim ao expatriamento forçado dos portugueses.

Entretanto, é necessário encontrar solução para os problemas que mais preocupam as comunidades de portugueses emigrados.

Para isso, é questão central que o governo português deixe de considerar os emigrantes como meros fornecedores de remessas e deixe de os pretender ludibriar para colher votos e posições contra a revolução portuguesa.

É questão central que haja um governo de Abril, que defenda os interesses dos emigrantes no país de acolhimento, melhorando, fiscalizando ou estabelecendo acordos, convenções ou tratados com os governos dos países em que os emigrantes trabalham.

Um tal governo tem de garantir protecção e apoio aos emigrantes quer quando estão no estrangeiro quer no nosso país.

Um tal governo tem de resolver e assegurar o ensino da língua portuguesa aos emigrantes bem como promover a cultura portuguesa nas diversas comunidades espalhadas pelo mundo.

Um tal governo tem de criar condições para uma maior aproximação e conhecimento mútuo entre os portugueses que laboram no país e no estrangei-

Blanqui Teixeira encerrou trabalhos

ro, quer melhorando as comunicações e os transportes no que estiver ao seu alcance, quer dedicando uma grande atenção e apoio à informação que é divulgada entre os emigrantes, incluindo a que os próprios procuram realizar.

Um tal governo tem de ter um

particular cuidado na ajuda às associações e outras estruturas autónomas dos emigrantes, tendo em conta o importante papel que elas desempenham na defesa dos seus interesses, na defesa das aspirações das respectivas comunidades.

(...)

Eleger o 1.º deputado pela Europa

Resultado de uma longa e dura experiência, combinando vontades e um desejo colectivo de mudança, uma questão apareceu quase invariavelmente na grande maioria das intervenções proferidas ao longo dos trabalhos: a necessidade, por um lado, e a real possibilidade, por outro, de eleger pela primeira vez um candidato da APU no círculo eleitoral da Europa.

Esta confiança dos participantes e convidados esteve presente ao longo de todo o Encontro, tendo muitos dos oradores que subiram à tribuna manifestado a sua convicção na certeza de tal vitória, certeza essa que advém — como insistentemente sublinharam — na disponibilidade total em que se encontram para desde já trabalhar com redobrado vigor para a prossecução deste objectivo.

Aliás, no decorrer do próprio Encontro, alguns dos momentos que suscitaram maior entusiasmo dos presentes aconteceram sempre que se tratou de referir este objectivo e muito particularmente quando, já perto do final, foram apresentados publicamente os candidatos APU pelos círculos da Europa e Fora da Europa.

Na ocasião, falando em nome dos candidatos pela Europa, António Barbosa Topa, 37 Anos, independente, cabeça de lista, actual secretário-geral do Sindicato dos Trabalhadores Consulares e das Missões Diplomáticas na Europa, salientou a importância de tal vitória sublinhando que ela será a «vitória dos que querem servir a emigração sobre aqueles que a têm vindo a explorar; uma grande vitória do trabalho sobre a inacção; uma grande vitória da honestidade sobre a demagogia; uma grande vitória da Aliança Povo Unido: a do primeiro deputado eleito pelos emigrantes para com eles lutar, para os servir, para os defender».

Estar solidário

No decorrer dos trabalhos do Encontro chegaram à mesa várias saudações provenientes quer de organizações do Partido quer de outras organizações, entidades ou associações de carácter vários. De entre elas pudemos registar as saudações dos Sindicatos dos Trabalhadores Consulares e das Missões Diplomáticas na Europa, da CGTP-IN, do MDM, do Secretariado do Conselho da Comunidade Portuguesa de França, da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, da DORBI do PCP e da Comissão Concelhia de Almada.

Várias moções foram também submetidas à aprovação dos participantes tendo todas elas merecido a sua aprovação unânime.

«O dever fundamental de um governo consiste em garantir e promover os direitos e interesses dos seus cidadãos, onde quer que se encontrem», assim começa o texto de uma moção que aborda a situação dos portugueses em Espanha e na qual se repudia a política de abandono e

desprezo levada a cabo pelos sucessivos governos relativamente à comunidade de 30 mil compatriotas originários de Trás-os-Montes que labutam nas minas de Leão.

Na moção aprovada contra a agressão imperialista na África Austral os participantes no Encontro condenam as acções desencadeadas pelo regime racista sul-africano contra os países da Linha da Frente e especialmente contra a República Popular de Angola e a República Popular de Moçambique, «campanha de ingerência e provocação e uma pérfida guerra de agressão, pondo em risco a segurança na região e a paz mundial.

Depois de denunciarem os «escandalosos e criminosos» comportamentos dos governos do PS e do PSD neste domínio, os quais foram incapazes de condenar as agressões, a moção exige que o «Governo português não dê cobertura» a tais actos, condena «os actos de ingerência e a agressão do imperialismo contra os povos da África Austral» e manifesta a sua incondi-

cional solidariedade «à luta heróica da SWAPO e do ANC» e aos povos dos Países da Linha da Frente e em particular aos povos de Angola e Moçambique».

As recentes declarações do indigitado embaixador norte-americano para o nosso País mereceram também, através de uma moção, o veemente repúdio dos participantes, repúdio esse que foi extensivo — numa outra moção — ao comportamento da generalidade dos órgãos de comunicação social estatizados (com destaque para a RTP) que primaram pela ausência.

Num texto apresentado à consideração do Encontro e que foi subscrito por alguns dos presentes é ainda saudada e apoiada a acção dos dirigentes e activistas das associações portuguesas na emigração, as quais na sua maior parte «têm obrigado os sucessivos governos do PS, do PSD e do CDS a recuar nos seus projectos de manipulação e destruição do movimento associativo».

Mais de 30 horas de trabalho

Os trabalhos do Encontro do PCP sobre problemas da Emigração, que decorreram durante dois dias nas instalações da Incrível Almadense (velha e prestigiada colectividade da margem sul) contaram com a presença de 157 participantes em representação dos emigrantes e cooperantes comunistas em 13 países de vários continentes.

Assistiram igualmente aos trabalhos, com direito ao uso da palavra, várias dezenas de convidados, entre os quais se encontravam pessoas de diferentes correntes de opinião, algumas delas destacadas personalidades interessadas e intervenientes na problemática da emigração.

Do total de participantes, 114 eram emigrantes, isto é, 73 por cento, sendo os restantes membros de várias organizações do PCP com destaque para as Organizações Regionais.

A elevada presença de operários (48,4 por cento), seguida de empregados (21%), e intelectuais (16,5%) revela — também na emigração — a forte implantação e influência do Partido nas classes trabalhadoras e ao mesmo tem-

po o interesse e capacidade de luta destas na defesa dos seus interesses e direitos.

Ao longo das mais de 30 horas de trabalho (repartidas pelas sessões plenárias e pelas secções) foram produzidas, entre intervenções escritas e orais, mais de duas centenas.

Culminando um intenso trabalho preparatório que se vinha desenvolvendo desde há uns meses a esta parte os trabalhos do Encontro iniciaram-se com uma intervenção de abertura proferida por Joaquim Judas, membro suplente do CC e do Grupo para o Trabalho entre a Emigração do PCP e encerraram com um discurso do camarada Blanqui Teixeira, da Comissão Política e do Secretariado do CC, do qual falamos noutra local.

A introduzir os grandes temas em debate registaram-se ainda as seguintes intervenções: **Segurança Social** — Maria João Afonso; **Ensino** — Júlia Pedro; **A Constituição e os emigrantes** — Marina Oliveira; **Organismos Internacionais** — Joaquim Fernandes; **Organismos do Estado português para a emigração** — António Augusto.

Trabalhadores

Os responsáveis da crise têm rosto e nome

• CGTP-IN divulga números esclarecedores

Bem podem o PS e o PSD tentar sacudir a água do capote responsabilizando-se mutuamente pelas consequências da política que nos últimos anos tem agravado a todos os níveis os problemas que afectam os trabalhadores e o País. Os resultados falam por si.

Em vésperas de eleições, as manobras demagógicas e eleitoralistas começaram e tudo indica que até final do ano a dança continuará em bom ritmo para todos os gostos. Só que por mais malabarismos e exercícios de alquimia que o PS e restantes partidos de direita se dêem ao trabalho de fazer, existem factos que entraram no quotidiano dos portugueses e que não é possível ocultar ou branquear.

As centenas de milhares de trabalhadores e famílias lançados no desemprego, o escândalo dos salários em atraso, a maior

taxa de inflação da Europa, uma das mais elevadas dívidas externas do mundo, a falência de milhares de pequenas e médias empresas, a corrupção generalizada, a manipulação da comunicação social, a repressão patronal e policial contra as classes trabalhadoras são factos concretos que resultam de uma política determinada, política essa fria e meticulosamente executada pelos governos e partidos políticos que nos últimos anos tiveram nas mãos os destinos do País.

Os responsáveis por este estado de coisas têm, pois, um rosto, e um nome. São identificáveis!

Ainda na semana passada a CGTP-IN divulgou um documento esclarecedor de qual foi a evolução da situação portuguesa, em vários domínios, de 1976 para cá. Os resultados anuais e oficiais da política dos governos

apoiados e dirigidos pelo PS, pelo PSD e pelo CDS aí estão.

De 1976 até ao ano transacto o aumento mais brutal dos preços verificou-se em 1984 (29,3 por cento), seguindo-se o ano de 1977 (27,4%) — em ambos os casos era Mário Soares o Primeiro-Ministro. Quanto à evolução dos salários reais foi também sob a sua chefia que se registaram as maiores quebras no poder de compra (menos 10% em 1984 e menos 7,7% em 1977).

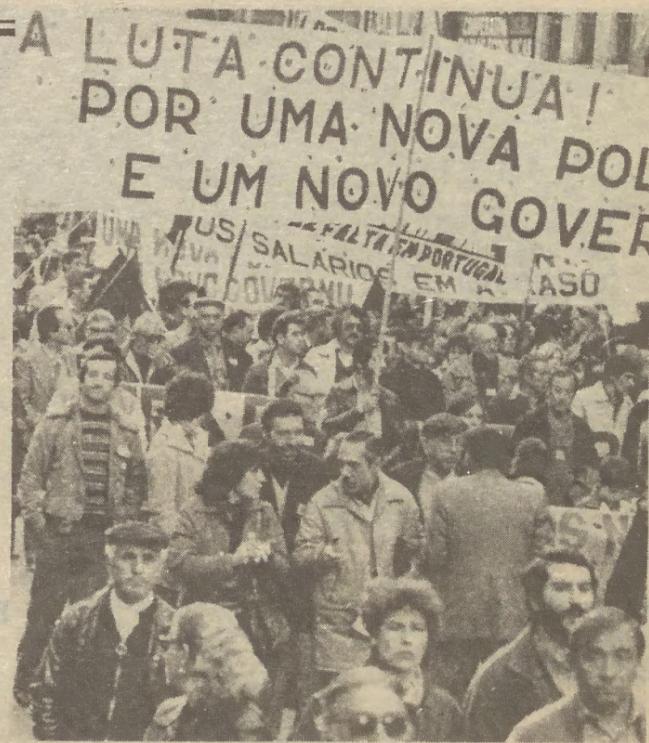
No que respeita aos impostos pagos por trabalhadores registou-se um aumento de 20,6 contos, em 1976, para 136,2 contos em 1984, sendo que os valores mais elevados ocorreram sempre com Mário Soares a dirigir o Executivo.

Em matéria de desempregados o número oficial quase que duplicou de 1976 para 1984, ten-

do passado de 244 mil para 478 mil. As pensões mínimas do regime geral da Previdência tiveram os seus valores mais baixos em 1977 (menos 21,4%) e em 1983 (menos 20,3 por cento) também sob governos da responsabilidade de Mário Soares.

O défice da balança comercial teve o seu valor mais elevado durante a gestão de governos PSD e CDS, nomeadamente em 1982 (com Pinto Balsemão como Primeiro-Ministro) em que atingiu o valor de 398 milhões de contos e em 1981 com 330,9 milhões de contos.

No que se refere à dívida externa a sua progressão é também contínua desde 1976, passando de 2892 milhões de dóla-



res nesse ano para 15200 milhões de dólares em 1984, isto é, cerca de cinco vezes mais.

A evolução do investimento também apresenta os seus valores mais baixos em governos sob a batuta de Mário Soares

(um valor negativo de 20 por cento em 1984 e menos 7,5% em 1983) cabendo o mérito do terceiro lugar a um governo dirigido por Mota Pinto do PSD (ano de 1979 com um valor negativo de 1,6%).

LUTAS E TAREFAS

Com início previsto para amanhã, os trabalhadores da Torralta observam uma greve que se prolongará por quatro dias como forma de luta pelo pagamento dos salários em atraso. Nas unidades hoteleiras que a empresa possui em Tróia a paralisação tem início às 7 horas do dia 15 (quinta-feira) e termo às 8 horas do dia seguinte; no Algarve, na serra da Estrela, nos serviços centrais, delegações e restantes estabelecimentos da empresa a greve decorrerá entre as 7 horas do dia 16 e as 8 horas do dia 20. As ORT's da empresa procuravam, entretanto, avistar-se com a administração da Torralta com vista a garantir «um protocolo negociado em que de forma inequívoca se estabeleça um pagamento a curto prazo de todos os salários em atraso».

Está anunciada para a próxima sexta-feira, dia 16, em defesa da obtenção de aumentos salariais justos, uma greve dos trabalhadores dos CTT. No âmbito da actividade preparatória para esta jornada de luta que se iniciou com um plenário que reuniu os trabalhadores de Lisboa estavam ainda previstos plenários no Porto, Coimbra, Braga, Évora e Faro. Recorde-se que desde Março que as organizações sindicais procuram negociar com a administração dos CTT ao que esta se furtou durante quatro meses. Em Junho passado a administração não teve, todavia, outro remédio se não iniciar as negociações mas fê-lo apresentando propostas consideradas pelos trabalhadores como «ridículas».

Na sequência de uma reunião em que participaram mil e quinhentos pescadores artesanais da costa de Setúbal manteve-se até à passada segunda-feira uma paralisação do sector e o bloqueio à lota e à doca de pesca de Setúbal. Esta forma de luta foi desencadeada como protesto contra a presença ilegal de arrastões na área de seis milhas reservada exclusivamente à pesca artesanal. Os pescadores artesanais sentem-se legitimamente lesados pela presença dos arrastões que não só destroem as suas redes como os pesqueiros do linguado e de outras espécies que desovam nos fundos de areia da costa.

Uma paralisação dos trabalhadores da CP anunciada para ter início na

passada segunda-feira deverá prolongar-se até ao próximo dia 23 se até lá o conselho de gerência não alterar as suas posições em matéria de regulamento de carreiras. Durante esta luta que abrangerá 12 dias os trabalhadores ferroviários paralisam 48 horas cada um, tendo os dirigentes sindicais responsabilizado o CG pelas consequências da greve e advertido os utentes para os riscos que correm caso a administração pretenda fazer circular comboios nessa altura dado que não existirá um mínimo de segurança. Este conflito surge na sequência de uma contraproposta do conselho de gerência que favorece carreiras em desfavor de outras, discrimina a Federação dos Sindicatos Ferroviários (75 por cento dos trabalhadores da empresa) para «ajudar a sobreviver os sindicatos paralelos».

Os trabalhadores em consultórios médicos e laboratórios viram finalmente publicada a PRT na qual se estabelecem aumentos de salários e o subsídio de alimentação. A vigorar desde Junho último os aumentos agora efectuados não repõem contudo, como sublinha um comunicado da Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços, o poder de compra entretanto perdido. De acordo com esta estrutura sindical o Ministério do Trabalho tinha condições «e tudo justificava que actualizasse os valores de todas as matérias pecuniárias», pelo que, ao não fazê-lo, «beneficiou claramente as entidades patronais».

A decisão governamental de alterar os Estatutos da Quimigal mereceu o mais vivo repúdio da Comissão de Trabalhadores desta empresa pública. Reunida para analisar esta decisão governamental aquela estrutura representativa dos trabalhadores entendeu tornar público a sua posição de que o Executivo não deverá proceder à alteração dos estatutos em vigor. Como fundamentos, a CT invoca o facto de continuar ainda pendente no Tribunal Constitucional o pedido de declaração de inconstitucionalidade do referido decreto-lei, para além de que o actual Governo tem apenas funções de gestão, isto é, não lhe compete tomar «decisões de fundo como esta que teria repercussões significativas no futuro da Quimigal».

O flagelo dos salários em atraso

Só em Lisboa mais de 3 milhões de contos

Abrangendo 24 mil trabalhadores de 196 empresas, o montante dos salários em atraso no distrito de Lisboa eleva-se a três milhões de contos, segundo o balanço sindical de Agosto efectuado pela União dos Sindicatos de Lisboa (USL/CGTP-IN), recentemente divulgado.

Este valor, de acordo com a fonte sindical, é calculado por defeito na medida em que algumas empresas não é conhecido o montante exacto da dívida (quer pela existência de critérios de pagamento diferenciados, quer por não serem cumpridos os contratos colectivos de trabalho ou acordos de empresa).

A encabeçar os sectores mais atingidos no distrito por este flagelo encontra-se a metalurgia com 7274 trabalhadores a quem o patronato de 49 empresas deve já um total de mais de um milhão e 260 mil contos.

No comércio e serviços o balanço revela a existência de 34 empresas com 3735 trabalhadores com salários em atraso, enquanto na construção, mármore e madeiras o seu número atinge 2709 trabalhadores distribuídos por 24 empresas; na hotelaria estão nesta situação 11 empresas com 3072 trabalhadores e no ramo de material eléctrico o

número de empresas é de 11 com 2381 trabalhadores.

De acordo com o balanço efectuado pela USL embora tenha aumentado o número de empresas com salários em atraso o número de trabalhadores do distrito naquela situação diminuiu entretanto relativamente ao levantamento efectuado em Maio último. Tal facto, segundo aquela estrutura sindical, explica-se pelo aumento do desemprego com origem no encerramento de empresas, e secções, falências, despedimentos colectivos ou de contratos a prazo, rescisões por «mútuo acordo» e reformas compulsivas ou antecipadas.

Degradação social em Setúbal é da responsabilidade do Governo

— acusam cidadãos do distrito

Um elevado número de personalidades dos mais variados quadrantes políticos e sociais assinou já um texto em que se denuncia a grave situação que se vive no distrito de Setúbal (designadamente o caso da Lisnave) e no qual manifestam a sua solidariedade para com os trabalhadores que se encontram com os salários em atraso.

Na opinião dos subscritores do documento, a situação a que o Governo deixou chegar a Lisnave não pode deixar de constituir «um motivo para sérias e reflectidas preocupações e apreensões para todos quantos se batem pela justiça social e pela dignidade do homem».

«À instabilidade e degradação social impostas pelo não pagamento dos salários — sublinha o documento que circula sobre a forma de abaixo-assinado — juntaram-se a ilegalidade e a crise económica, artificial e deliberadamente criada como forma de tentar justificar a situação hoje existente.

Ao erguer o seu protesto contra este estado de coisas os cidadãos que subscrevem este autêntico libelo acusatório afirmam que é totalmente inaceitável que num distrito castigado como é o de Setúbal e num país «depaupeado e atravessado por graves dificuldades», os governantes não desenvolvam uma política

que proceda a um «correcto e integral aproveitamento dos recursos próprios e de todo o aparelho produtivo, subordinando estes à elevação do nível cultural, material e social do Homem».

Para as centenas de personalidades que subscreveram o documento — acto que interpretam como uma exigência de «justiça» e de «reposição e respeito pela legalidade democrática» — a realização de tais objectivos passa necessariamente pela «eliminação do flagelo dos salários em atraso e do desemprego como condição-base para o empenhamento necessário e indispensável dos trabalhadores».

PCP

No Porto

Campanha de 10 000 contos para novo Centro de Trabalho

O Comité Local do Porto do PCP acaba de lançar uma campanha para angariar a quantidade de 10 mil contos e que se destina a comprar um edifício que possa substituir o Centro de Trabalho de Aníbal Cunha, cujas instalações o Governo PS/PSD exigiu que fossem devolvidas.

Em Abril de 1974 abriu o primeiro Centro de Trabalho do PCP na cidade do Porto — o Centro de Trabalho de Aníbal Cunha — que ficará para sempre na memória dos que vieram regressar a liberdade a Portugal.

Contrariando a ofensiva da direita que procurava privar o PCP e os seus militantes de um importante local de trabalho, a Organização Local do Porto decidiu

comprar um edifício para funcionar como sua sede e, assim, ultrapassar as dificuldades que o desaparecimento do Centro de Trabalho de Aníbal Cunha provocaram.

O Centro de Trabalho agora adquirido e que vai começar a funcionar no início de Setembro, situa-se numa zona central da cidade, na zona do Campo 24 de Agosto, reunindo todas as condições de trabalho, vindo a decorrer ali, desde há algum tempo, obras de adaptação.

Contudo, a aquisição do edifício e as obras de adaptação colocam a necessidade de se angariarem dez mil contos, tal a quantia que é preciso dispendir, pelo que o Comité Local do Por-

to do PCP apela aos militantes e simpatizantes comunistas e outros democratas que dêem o seu melhor contributo para que a campanha se concretize.

O êxito da campanha dos 10 000 contos está intimamente ligada ao trabalho, ao dinamismo, à capacidade de iniciativa das Comissões de Freguesia, dos organismos de direcção de sector profissional, das células de empresa, das Comissões de bairro e de zona, de todos os organismos do partido na cidade do Porto.

É necessário definir, de imediato, as metas a atingir por cada empresa, bairro, zona ou sector e as iniciativas a levar a cabo. É necessário divulgar am-

plamente a campanha. É necessário organizar a difusão e a venda dos materiais da campanha (para já do grande sorteio e dos cupões). É necessário inserir a campanha dos 10 000 contos nas grandes tarefas políticas que temos pela frente, no grande esforço eleitoral por uma grande vitória da APU nas eleições de 6 de Outubro.



Terra

Atenção às manobras eleitorais

• Subsídio de gasóleo pago em tempo recorde

Em véspera de actos eleitorais que assumem uma importância decisiva na escolha de um novo rumo para o País, avolumam-se as manobras do Governo PS/PSD tendentes a iludir o eleitorado, falsear os resultados e perpetuar esta política de desastre e miséria. É o caso da anunciada decisão do Governo de efectuar em tempo recorde o pagamento do subsídio de gasóleo do corrente ano de 1985.

Apesar de só terem passado dois meses sobre a data de inscrição, o Governo apresta-se a pagar numa primeira prestação o subsídio de 1984 (feliz coincidência, quando anteriormente

nunca houve dinheiro) e parte do referente a este ano. Numa segunda prestação — há que fazer «render o peixe», como sublinham os comunistas de Coimbra em comunicado emitido a propósito — os agricultores poderão então receber a totalidade do que lhes é devido e recebê-lo — claro, em Dezembro, ou seja, exactamente em cima de novo período eleitoral (Autarquias e Presidência da República).

Através de estas e outras medidas demagógicas que certamente ainda serão tomadas em semanas próximas o PS e o PSD procuram assim enganar de

novo os agricultores incautos e esconder a verdadeira natureza da sua política apostada no afundamento e na ruína dos pequenos e médios agricultores.

Com eleições à porta, até aparece o dinheiro que ainda há três meses não havia, até prazos de inscrição para receber subsídios e indemnizações são reabertos. Pré-campanha eleitoral?

Não. Tão só o inaceitável desdém de partidos exclusivamente interessados em caçar votos para a execução de uma política divorciada dos interesses nacionais e de vergonhosa submissão ao grande capital nacional e estrangeiro.

Figueira da Foz Que nada perturbe a visita do ministro

Almeida Santos, ministro do demitido Governo PS/PSD, visitou sábado passado o concelho da Figueira da Foz, na sua qualidade de dirigente partidário, mas foi o bastante para que a Câmara Municipal, de maioria PS, talvez por incumbência do próprio Almeida Santos, fizesse o aproveitamento político da deslocação, não se importando, para isso, de gastar o dinheiro dos munícipes.

E foi mais longe a vereação socialista. Mandou destruir toda a propaganda do PCP na cidade, na qual era denunciada o carácter eleitoralista da visita e ainda o uso escandaloso dos dinheiros públicos para pagar a visita e o jantar do ministro.

Na propaganda do PCP acentuava-se, também, a completa falta de vergonha por parte destes dirigentes e de quem os convidava para que visitem o concelho, onde devido à sua política caíram na miséria os trabalhadores da Vidreira da Fontela, quando Mário Soares lhes prometera a viabilidade da empresa.

Convidar e pagar festins a dirigentes governamentais num concelho onde, devido à sua actual situação, o desemprego aumentou, os salários em atraso são um abuso permanentemente consentido e onde os agricultores se encontram numa situação de ruína.

Contestando a ameaça à liberdade de expressão manifestada pela Câmara PS da Figueira da Foz a Comissão Concelhia do PCP tenciona processar judicialmente o presidente da Câmara pela decisão de ter mandado destruir a propaganda afixada.

Pré-campanha em marcha

Após a entrega da lista da APU pelo distrito de Coimbra no tribunal respectivo, a pré-campanha arrancou com um vasto movimento de esclarecimento público.

A denúncia da responsabilidade da actual crise por parte dos

partidos do governo e as propostas da APU têm sido o tema dominante.

Paralelamente, têm sido realizados numerosos convívios, tanto em Coimbra como nas restantes localidades do distrito, nomeadamente Figueira da Foz, Miranda do Corvo, Oliveira do Hospital, Penacova, Arganil, Góis, Tábua, Condeixa, Soure e Cantanhede.

De referir a inauguração do Centro de Trabalho de Cantanhede, no passado dia 4 de Agosto e que reuniu no almoço-convívio mais de uma centena de camaradas. Também em Almedina e na Sé Nova sardinhadas-convívio juntaram, respectivamente, mais de duas centenas de pessoas.

Entretanto, a Organização Local do PCP emitiu uma nota denunciando o pagamento do subsídio do gasóleo aos agricultores como mais uma medida eleitoralista e que no futuro, caso a situação política não se altere, vai ser paga e bem paga por estes.

No Minho, vinho e batata continuam por escoar

Uma situação «alarmante» cuja responsabilidade incumbe por inteiro à orientação política que sucessivos governos têm vindo a desenvolver para o sector, assim classifica a Associação de Defesa dos Agricultores do Distrito de Braga (ADADB), as graves dificuldades enfrentadas pelos agricultores da região, nomeadamente no escoamento das suas produções de vinho e batata.

Segundo aquela estrutura minhota, num momento em que se anuncia uma boa produção de vinho é inaceitável que as adegas continuem ainda cheias com a colheita do ano passado, en-

quanto a batata está a ser vendida a preços considerados de miséria que representam um prejuízo de cerca de dez escudos por quilo.

De acordo com cálculos efectuados pelos agricultores, os custos de produção actuais da batata (semente, adubos e mão-de-obra) exigiriam que a sua venda se situasse acima de 17 escudos por quilo, valor que como se sabe está muito distante do preço praticado, existindo neste momento zonas onde os produtores se encontram na contingência de «dar a batata quase de graça».

A ADADB decidiu, entretanto, na sequência de uma reunião da

sua direcção, pôr em prática várias medidas no sentido não apenas de denunciar mas também de combater a grave situação presente. Nesse sentido, está já em preparação uma concentração distrital de protesto bem como plenários concelhios em todas as feiras de gado.

Ainda segundo declarações prestadas na conferência de imprensa onde a Associação deu conta destas decisões, a lavoura da região irá apresentar um caderno de reclamações a todos os partidos políticos e exigir dos mesmos medidas concretas que dêem resposta aos problemas existentes.

Jornada de trabalho em Montargil

• jantar reúne 800 participantes

Nas instalações da UCP Cooperativa «12 de Maio», em Montargil, realizou-se no passado sábado uma jornada de trabalho voluntário com vista a uma recolha de fundos para a campanha eleitoral da APU na qual participaram 180 tiradores e ajudadores de cortiça.

No mesmo dia, 90 democratas da região, entre membros e simpatizantes do Partido, participaram também nas obras para o novo Centro de Trabalho de Montargil, local onde ao fim da tarde se realizou um jantar que reuniu 800 pessoas.



Entre os presentes encontravam-se os camaradas Dinis Miranda, da Comissão Política, Diamantino Dias, do CC, elementos da direcção da Cooperativa, eleitos nas autarquias (entre os quais o presidente da Câmara de Ponte de Sor) e ainda Joaquim Manuel, candidato da APU pelo distrito de Portalegre às próximas legislativas.

No decorrer do jantar registaram-se várias intervenções, as quais abordaram a situação da Cooperativa, os problemas da freguesia e do concelho e a situação política nacional.

Internacional

África Austral

Está o imperialismo interessado em deixar cair o regime racista?

Nunca é de mais falar da opressão que sofre a esmagadora maioria do povo sul-africano, vítima do regime do «apartheid». Mas não só o regime do «apartheid» é o único responsável por esta repressão impiedosa e convém não esquecer que o imperialismo apoia, se não declaradamente, subrepticamente, esta situação.

O dinheiro que o governo de Pretória precisa para manter em pé-de-guerra um exército armado com tudo o que há de mais moderno e sofisticado é-lhe proporcionado pelos créditos e donativos que surgem dos Estados Unidos, da França, da República Federal da Alemanha e outros.

As armas e a tecnologia para as produzir têm também a mesma origem. E quando o imperialismo faz declarações públicas, condenando o «apartheid», mais não pretende do que aparecer perante a opinião pública mundial com uma máscara que não corresponde à sua verdadeira face.

Recentemente, um documentário televisivo apresentado em Bona, capital da RFA, revelava que grande parte do material bélico utilizado pela polícia sul-africana era fornecido pela RFA.

O consórcio industrial-militar «Messerschmitt — Boelkow-Blohm» vendeu, recentemente, à África do Sul, quatro helicópteros BO-105 e um helicóptero BK-117, utilizado pela polícia para reprimir as manifestações anti-racistas da população africana. Também a «Mercedes-Benz» tem fornecido camiões a este país, depois de transformados em veículos blindados para transporte de pessoal militar e em rampas de lançamento de mísseis.

E não se pense que estes negócios foram feitos por portas e travessas. Todos eles tiveram a autorização do Ministério das Finanças da Alemanha Federal.

Mas não são só estas as empresas que assim procedem. Desprezando a proibição da exportação de armas e equipamentos militares para a África do Sul, estipulada pela ONU, grandes empresas de armamento da RFA forneceram também às forças armadas do regime racista, nos últimos anos, aviões de transporte tipo «Transall», vedetas, veículos militares e munições, como foi informado no referido programa televisivo.

A cooperação militar entre a RFA e a África do Sul é multifacetada. É prova disso, por exemplo, a participação regular de especialistas de consórcios de armamento da África do Sul em simpósios do instituto Fraunhofer, para combustíveis e explosivos, situado na RFA, o qual é financiado pelo Ministério da Defesa da RFA.

Além do mais existe, também, uma cooperação estreita entre a

polícia de ambos os países e os oficiais da polícia sul-africana são instruídos por especialistas da RFA sobre modernos métodos de pesquisa.

O regime do terror

A vaga de prisões continua, ascendendo já a mais de 1500 os cidadãos negros presos após a instauração do regime especial de «emergência» decretado pelo governo de Pieter Botha, a 21 de Julho último.

Mas o regime de terror não se manifesta só nesta vaga descontrolada de prisões. O regime de Pretória volta a suprimir fisicamente todos aqueles que possam ser um entrave — por menor que seja — à manutenção do racismo.

É o caso do assassinio recente da advogada Victoria Mxenge, conhecida defensora nos tribunais racistas dos que lutam contra o regime do «apartheid». Quatro anos antes, também o seu marido tinha sido assassinado. Fora um dos dirigentes políticos da comunidade negra de



Durban que mais lutaram contra o sistema de discriminação racial.

Uma outra acção dos criminosos racistas efectuou-se recentemente contra a residência de Winnie Mandela, esposa de Nelson Mandela, dirigente histórico do ANC que se encontra condenado a prisão perpétua nos cárceres do regime de Pretória. Não só o interior da residência foi completamente destruído como oito familiares desapareceram. Winnie Mandela escapou por não estar em casa.

Enquanto toda esta situação se desenrola, o imperialismo mais não faz do que tomar atitudes de fachada. Retirar os embaixadores, como o fizeram alguns países ocidentais, seria uma atitude coerente se fossem cumpridas as determinações da ONU relativamente às sanções à África do Sul.

Mas o que se verifica é que a

RFA vende armas ao regime racista, a França que gosta de ocultar estes negócios também não deve ter suspenso o comércio de material de guerra para aquela zona da África Austral e o Senado dos EUA vetou a proposta de sanções económicas àquele país.

Não tarda, pois, que os embaixadores que se retiraram voltem a Pretória, como aliás já informou Londres, dizendo que o seu embaixador apenas tinha vindo a uma reunião política da CEE.

O racismo como instabilidade na África Austral

O regime racista é o foco de tensão em toda a África Austral. A instabilidade social que se verifica nos mais diferentes países da zona tem como origem a África do Sul. Até agora os países mais afectados têm sido Angola

e Moçambique. Mas o regime de Pretória não hesita em fazer incursões armadas no Lesotho, Zâmbia, Botswana e Zimbabué, ou de fomentar a actuação de bandidos armados nesses países, com o objectivo de destruir as suas fracas economias de molde a que venham a cair na sua influência.

Só assim se compreende a actuação dos criminosos que, em Angola e Moçambique, atacam exclusivamente alvos económicos e civis, não tendo outra intenção do que destruir e matar. Uma actuação deste tipo não os pode identificar como opositores dos respectivos governos, mas como mercenários a quem foi dada uma ordem: destruir e matar. Só assim se compreendem os velhos, mulheres e crianças mortos quando circulam de autocarro, a destruição das linhas de caminho-de-ferro, das fábricas e de outros alvos com interesse especificamente civil. Quase nunca atacam alvos militares. E os encontros com as forças militares fazem-se apenas quando estas perseguem os bandoleiros ou localizam os seus acampamentos.

A paz nesta região, está provado, só poderá ser atingida quando desaparecer o regime racista. Mas estará o imperialismo interessado em que o «apartheid» acabe? Se fosse esse o seu intento já há muito que poderia ter dado um contributo valioso — aplicar as sanções aprovadas pela ONU. Ora isso foi coisa nunca feita...

Novo sistema de gestão económica vai entrar em vigor na URSS

O Novo Sistema de Gestão da Economia Nacional da União Soviética que, durante anos, foi objecto de vastas discussões e pesquisas experimentais, entra oficialmente em vigor em 1986, segundo uma resolução conjunta do CC do PCUS e do Conselho de Ministros, divulgada no país.

O sistema entra em vigor concomitantemente ao início do novo Plano Quinquenal (1986-90), em fase de elaboração. Durante esse quinquénio, serão desenvolvidos importantes esforços para tornar a imensa economia nacional soviética (mais de 400 ramos e sub-ramos) sensível ao máximo ao progresso científico e técnico.

A profunda reestruturação do mecanismo económico de gestão que o novo sistema implica está, recorde-se, em fase de experiência que, desde 1 de Janeiro de 1984, envolve cinco ramos com a participação de mais de 20 ministérios.

A experiência tem demonstrado ser positiva, tendo as empresas e os agrupamentos de produção envolvidos ultrapassado os seus planos de produção, elevado a produtividade de trabalho e aumentado a parte dos produtos de alta qualidade. Os economistas sublinham a importância do facto destes resultados terem sido obtidos mantendo-se o número de trabalhadores, aspecto

particularmente relevante para o país, carenciado em mão-de-obra.

Linhas gerais do novo modelo

O novo sistema, apoiando-se embora na planificação centralizada, na propriedade socialista e na repartição dos bens segundo a quantidade e a qualidade do trabalho fornecido por cada trabalhador, reduz ao mínimo, diferentemente do sistema anterior (ainda em vigor), a intervenção imperativa dos Ministérios nas actividades práticas das empresas e agrupamentos, sendo aumentados os direitos e a autonomia destes.

Nas empresas entram em acção os mecanismos económicos e financeiros, que incluem a utilização de créditos bancários destinados à modernização técnica da produção e a instituição de um fundo único de encorajamento material dos trabalhadores o que, como tem confirmado a experiência, contribui para interessar mais os colectivos de trabalhadores no resultado final do seu trabalho.

Os preços por grosso passarão a exercer, também, uma acção maior na aceleração da produção dos equipamentos mais recentes. Segundo a sua eficácia, aqueles preços poderão au-

mentar até 30 por cento. Mas, se depois de testada, não se confirmar a alta qualidade do produto, diminuirá o preço por grosso, que pode ir até 15 por cento no terceiro ano. Em seguida, este produto será colocado no índice.

Os dirigentes das empresas recebem o direito de dispor, eles próprios, do fundo de desenvolvimento da produção e de o repartir segundo o seu próprio plano. Os Ministérios intervirão apenas enquanto coordenadores do processo de modernização técnica, sugerindo vias a tomar e avaliando a eficácia e possibilidade de reequipamento da empresa, nos prazos fixados pelos dirigentes.

Entretanto, o colectivo de trabalhadores intervirá não só como executante mas, também, como participante directo na gestão da produção, planificação e realização dos planos e solução dos problemas de ordem social.

A partir de 1986 e 1987, as empresas e os agrupamentos serão autorizados a criar um fundo único de encorajamento material. Estes meios serão utilizados para financiar a construção de alojamentos, estabelecimentos para crianças, centros de prevenção de doenças, colónias de férias e outros equipamentos fora do sector da produção. Este fundo será exclusivamente gerido pelo colectivo de trabalhadores.

«O Governo colonialista de Salazar acaba de cometer mais um hediondo crime contra o povo angolano. Uma aldeia arrasada a ferro e fogo, 3 dezenas de mortos e mais de 200 feridos sob a metralha da tropa, prisões de angolanos em massa — eis o trágico balanço de uma acção de massacre dos colonialistas portugueses.

«Scolo Bengo é uma aldeia do concelho de Catete, a cerca de 30 quilómetros de Luanda. Uma pobre aldeia de miseráveis palhotas como tantas outras do território angolano, onde uma população de alguns milhares de almas vive a vida de miséria a que a condena o colonialismo português.

«Mas Scolo Bengo tem a particularidade de ser a terra natal do médico patriota Agostinho Neto, profundamente estimado pelos seus conterrâneos, recentemente preso em Luanda, no seu próprio consultório, e ali mesmo brutalmente agredido e insultado pela PIDE. (...)

«O povo de Scolo Bengo ao tomar conhecimento desta prisão injusta, decidiu solicitar ao administrador a libertação do seu conterrâneo. E naquela tarde cerca de um milhar de homens, mulheres e crianças, ordeiramente, pacificamente, dirigiram-se a Catete, à sede da administração local a fim de apresentarem a sua petição. Mas os colonialistas portugueses, lá como cá, não querem ouvir falar de reclamações, mesmo pacíficas.»

(«Corre o Sangue do Povo de Angola!» — «Avante!», VI Série, n.º 292, Agosto de 1960)

AVANTE!

«O evidente reforçamento da luta libertadora dos povos de Angola, o começo de acções armadas dos patriotas da Guiné, a expulsão do Forte de S. João Baptista de Ajudá, o alargamento da unidade de acção dos povos das colónias portuguesas, testemunham o inevitável desmoronamento do colonialismo português. (...)

«Os acontecimentos confirmam plenamente as previsões há muito feitas pelo Partido Comunista Português: poderemos afirmar sem receio que a continuação da política colonial de Salazar lançará o País num verdadeiro «desastre nacional», mas não impedirá que os povos das colónias portuguesas consigam a liberdade e a independência a que aspiram e têm direito.»

(«A Unidade de Acção é Um Imperativo Para Fazer Cessar a Guerra de Angola» — «Avante!», VI Série, n.º 304, 1.ª Quinzena de Agosto de 1961)

Avante!

«Nas vésperas da chegada do Tomás, apesar da intensa vigilância policial e de várias prisões de democratas, as ruas do Porto e seus arredores, particularmente as ruas mais populosas e de maior concentração operária, viram-se inundadas de propaganda; esta mascarava a «habilidade» dos salazaristas e chamava ao mesmo tempo a atenção do povo do Porto para o facto da Ponte da Arrábida ter saído do seu esforço e dos seus bolsos e não ser qualquer dádiva dos governantes, os quais com a sua política criminosa impedem que se façam outras obras que o nosso povo tanto necessita, pois o custo da Ponte da Arrábida equivale ao de 12 dias de guerra em Angola.» (...)

(«A Visita do Tomás ao Porto» — «Avante!», VI Série, n.º 332, Agosto de 1963)

URUGUAI

Regresso à legalidade

Após mais de onze anos de ditadura e de vida na mais rigorosa clandestinidade, o Partido Comunista do Uruguai voltou à actividade legal, o que inclui a publicação da sua imprensa própria.

É com a maior alegria que se anuncia o aparecimento do se-

manário «El Popular» como órgão central do PCU, que prosseguirá a honrosa tradição iniciada com os jornais «Justiça» e «El Popular», mantida clandestinamente no Uruguai durante a ditadura pelos boletins de informação «Carta» e «Liber Arce» e no exterior por «Desde Uruguai» e «Maioria».

O primeiro número do semanário «El Popular» inclui um suplemento especial com saudações e opiniões de diversas personalidades do mundo político e cultural do Uruguai, de órgãos de informação e personalidades de diversos países que apoiaram a luta do povo uruguai contra a ditadura.

Em Foco

Avante!

Ano 53 — Série VII
N.º 607

14 de Agosto de 1985

3.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Para salvar o país

NOVO RUMO

NO CAMINHO DE ABRIL



As listas da APU em todos os círculos eleitorais

A Aliança Povo Unido apresentou já listas para as eleições legislativas em todos os círculos eleitorais do país. Antes de findar o prazo, todas as listas se encontravam concluídas e foram entregues nos tribunais respectivos. Mais, porém, que a celeridade do processo — o que por si quer também dizer a preparação prévia e o trabalho exigido para a constituição das listas — cumpre salientar o amplo leque que as mesmas abrangem, a sua composição social, a qualificação dos candidatos a desempenharem na Assembleia da República a tarefa de zelarem superiormente pelos destinos do país. Naturalmente encabeçadas por dirigentes comunistas na

maior parte dos casos, as listas da APU para as legislativas retomam hoje a linha da unidade que lhes é tradicional, apresentando ao eleitorado democrático não apenas membros do Partido Comunista Português mas também os seus aliados de sempre do MDP/CDE, membros do Partido «Os Verdes» e ainda vários independentes, vozes democráticas que têm integrado ou vieram agora de novo integrar as fileiras do Povo Unido.

Contando com uma apreciável percentagem de mulheres e de jovens, de pequenos e médios comerciantes e industriais, de agricultores, de quadros especializados, as listas da APU que se apresentam mais uma vez aos portugue-

ses nesta batalha política, fazem-no para defender no parlamento as aspirações dos trabalhadores — muitos operários e outros membros de classes laboriosas se destacam nelas —, e das mais amplas massas do país que no dia-a-dia das suas lutas têm demonstrado quererem uma nova política que retome os caminhos de Abril.

As listas completas que hoje publicamos, integrando nomes que a nível nacional — e mesmo na própria Assembleia da República — e a nível regional se têm destacado na defesa dessas aspirações e interesses populares, concorrem sob um lema que diz tudo — para salvar o país, para desbravar um novo rumo no caminho de Abril.



AVEIRO

Zita Seabra, 36 anos, membro suplente da Comissão Política do Comité Central do PCP, deputada à Assembleia da República.

Ferreira Mendes, 40 anos, metalúrgico, membro do PCP, suplente do Conselho Nacional da CGTP/IN, membro do Conselho Nacional da Federação dos Sindicatos da Metalomecânica, Metalurgia e Minas de Portugal e do Conselho Distrital da União dos Sindicatos de Aveiro, membro da Assembleia Municipal de Espinho.

Carlos Jerónimo, 50 anos, empregado de escritório, membro da Comissão Política e do Conselho Nacional do MDP/CDE, dirigente do Sindicato da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pescas, membro do Secretariado da Federação das Pescas e do Conselho Distrital da União dos Sindicatos de Aveiro.

Bernardino Ribeiro, 40 anos, empregado bancário, membro do PCP, Presidente da Junta de Freguesia de Fiães e membro da Comissão de Trabalhadores do Banco Pinto e Sotto Mayor.

Jorge Carvalho, 40 anos, advogado, membro da Comissão Concelhia de Espinho do PCP, Director da Revista Técnica do Trabalho, membro da Assembleia Municipal de Espinho.

Carlos Cabral, 39 anos, professor do ensino secundário, independente, activista do movimento associativo da Pampilhosa, vereador da Câmara Municipal da Mealhada.

Abel Godinho, 53 anos, médico, membro do MDP/CDE.

Carlos Pimpão, 42 anos, engenheiro mecânico, independente.

Flávio Laranjeira, 44 anos, médico, membro do PCP.

José Alberto Loureiro, 44 anos, técnico de vendas, membro do PCP, director da Cooperativa Cultural e Recreativa da Gafanha da Nazaré, vereador da Câmara Municipal de Ílhavo.

Manuela Antunes da Silva, 37 anos, professora, licenciada em História, membro da Comissão Distrital de Aveiro e da Comissão Concelhia da Feira do PCP, membro da Direcção Nacional do MDM.

Jorge Cortez, 30 anos, engenheiro técnico mecânico, membro da Comissão Concelhia de S. João da Madeira do PCP, vereador da Câmara Municipal de S. João da Madeira.

Luís Dias, 34 anos, operário químico, independente, membro da Comissão Internacional da Quimigal, delegado sindical dos Químicos do Norte, membro da Assembleia Municipal de Estarreja.

Edmundo Fonseca, 45 anos, professor universitário, membro do PCP, licenciado em Geologia pela Universidade de Coimbra e pela Universidade Livre de Bruxelas, Doutor em Geoquímica pela Universidade Católica de Lovaina, Presidente do Conselho Pedagógico da Universidade de Aveiro, membro da Assembleia Municipal de Águeda.

Isabel Martins Perelra, 26 anos, trabalhadora-estudante, independente, activista do movimento estudantil.

Suplentes

António Brandão, 42 anos, professor do ensino primário, independente, Director do jornal «Defesa de Arouca», Presidente da Associação «Unidos de Rossas», autor teatral, delegado sindical dos Professores, membro da Assembleia de Freguesia de Rossas.

Manuel Afonso, 66 anos, agricultor, independente, activista do Movimento dos agricultores.

Fernando Mouta, 24 anos, livreiro, membro do Conselho Nacional do Partido «Os Verdes».

Alice Ferreira, 46 anos, operária corticeira, independente, dirigente do Sindicato dos Corticeiros do Norte, responsável pelo Departamento de Mulheres, membro da Comunidade Cristã de Mozelos e militante da Liga Operária Católica.

Manuel Vieira, 43 anos, metalúrgico, membro da Comissão Concelhia de Aveiro do PCP, técnico das escolas de hóquei em patins nos «Galitos» de Aveiro, da Comissão de Trabalhadores da Renault.



Zita Seabra



Bernardina Sebastião



António Lopes



Modesto Navarro

BEJA

Bernardina Sebastião, 32 anos, operária, membro suplente da Comissão Política do Comité Central do PCP.

Francisco Miguel Duarte, 77 anos, manufactor de calçado, membro do Comité Central do PCP.

Belchior Alves Perelra, 56 anos, empregado de escritório, membro da Comissão Distrital de Beja do PCP.

Cláudio José dos Santos Percheiro, 35 anos, funcionário público, membro da Comissão Concelhia de Odemira do PCP.

José Martins Rocha, 59 anos, funcionário da administração pública, membro do Conselho Nacional do MDP/CDE.

Suplentes

Manuel António Canhoto Frade, 32 anos, advogado, membro da Comissão Distrital de Beja do PCP.

Bento Aniceto Calado, 37 anos, operário agrícola, membro da Comissão Concelhia de Serpa do PCP.

Maria Guilomar Marques de Sousa, 46 anos, licenciada em Filosofia, membro do Organismo Regional dos Professores do PCP.

Luís Manuel Rosindo Raposo, 30 anos, professor, independente.

Francisco Brás Calxinha, 30 anos, operário agrícola, membro do PCP.

BRAGA

António Lopes, 38 anos, empregado, membro suplente da Comissão Política do Comité Central do PCP.

José Manuel Mendes, 37 anos, advogado, membro do PCP, escritor, deputado à Assembleia da República e membro da Assembleia Municipal de Braga.

António Marinho Dias, 75 anos, advogado, membro do MDP/CDE.

Oscar Jordão Pires, 47 anos, advogado, membro do PCP.

Alfredo Cardoso da Concelção, 36 anos, operário, membro do PCP, dirigente do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Norte e da União dos Sindicatos de Braga, membro da Assembleia Municipal de Barcelos.

Paulo Guimarães Dias, 31 anos, engenheiro técnico agrário, independente, activista do Movimento dos Pequenos e Médios Agricultores do Distrito de Braga.

Margarida Malvar, 41 anos, advogada, membro do PCP, vereadora da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.

José Lopes Fernandes, 34 anos, operário têxtil, membro do PCP, dirigente do Sindicato dos Têxteis, presidente da Junta de Freguesia de Polvorea.

Alfredo Casais Batista, 39 anos, engenheiro civil, membro do PCP, dirigente do Sindicato da Função Pública do Norte, vereador da Câmara Municipal de Braga.

António Pinheiro Braga, 68 anos, engenheiro civil, membro do MDP/CDE.

Manuel Teixeira Ramoa, 34 anos, operário metalúrgico, membro do PCP, dirigente do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Braga e da União dos Sindicatos de Braga.

Abílio Capela Dias, 36 anos, advogado, membro do PCP, membro da Assembleia Municipal de Guimarães.

José Maria Ferrelra, 39 anos, operário da construção civil, independente, Presidente da Assembleia de Freguesia de Polvorea.

Manuel Martins Costa, 49 anos, advogado, independente.

Ester Oliveira Feló, 33 anos, operária, independente.

Suplentes

Manuel Barbosa da Silva, 41 anos, empregado de escritório, membro do PCP, membro da Assembleia Municipal de Vila Nova de Famalicão.

Joaquim Magalhães, 39 anos, empregado comercial, membro do PCP, membro da Assembleia de Freguesia de Antime.

António Rodrigues Dias, 35 anos, médico, membro do PCP, membro da Assembleia Municipal de Braga.

Lília Maria Leite dos Santos, 35 anos, professora, membro do PCP, dirigente do Sindicato dos Professores do Norte.

Maria José Reis, 34 anos, operária têxtil, membro do PCP, dirigente do Sindicato Têxtil de Braga e da União dos Sindicatos de Braga.

Vitor Martins, 27 anos, trabalhador-estudante, membro da Comissão Nacional da Juventude Comunista Portuguesa.

BRAGANÇA

António Modesto Navarro, 43 anos, funcionário público, membro do PCP, escritor, membro da Assembleia Municipal de Vila Flor.

Leonel Artur Veloso, 46 anos, empregado bancário, membro do PCP.

Carlos Abílio Moreno, 30 anos, professor do ensino secundário, membro do Conselho Nacional do MDP/CDE.

Cassiano António Reboredo, 42 anos, funcionário público, independente, dirigente do Sindicato da Função Pública do Norte e da União dos Sindicatos de Bragança.

Suplentes

Eugénio Martins Cavalheiro, 50 anos, capitão de fragata na reserva, independente, membro do Conselho Português para a Paz e Cooperação.

Serafim Brás da Silva, 30 anos, operário agrícola, membro suplente do Comité Central do PCP.

Manuel Carvalho Salazar, 41 anos, membro do PCP.

António José Afonso, 34 anos, economista, membro do PCP, membro da Assembleia Municipal de Alfândega da Fé.



Gascão Nunes



Jaime Serra

CASTELO BRANCO

José Paulo Rebordão Gascão Nunes, 42 anos, técnico de informática, membro do Secretariado da Direcção da Organização Regional da Beira Interior do PCP, membro da Assembleia Municipal do Fundão.

Vasco Luís da Conceição Silva, 61 anos, professor do ensino secundário, membro do MDP/CDE, 1.º governador civil do distrito após o 25 de Abril.

José Corceiro Mendes, 58 anos, professor do ensino primário, membro da Comissão Distrital de Castelo Branco do PCP, membro do Executivo de Castelo Branco do Sindicato dos Professores da Região Centro.

Luís Pereira Garra, 27 anos, membro do Executivo da Comissão Distrital de Castelo Branco do PCP, dirigente sindical têxtil e membro do Conselho Nacional da CGTP-IN.

Carlos Alberto de Sousa Vale, 50 anos, comerciante, membro do Executivo da Comissão Distrital de Castelo Branco do PCP, membro da Assembleia Municipal de Castelo Branco.

Ana Rita Carvahais, 31 anos, licenciada em Germânicas, membro do Secretariado da Comissão Concelhia da Covilhã do PCP, membro da Assembleia Municipal da Covilhã, membro da Direcção do Sindicato dos Professores da Região Centro.

Suplentes

Maria Manuela de Carvalho, 54 anos, licenciada em Farmácia, membro da Comissão Política do MDP/CDE, vereadora da Câmara Municipal de Belmonte.

António José Mourão Dias Lopes, 34 anos, empregado bancário, membro da Comissão Distrital de Castelo Branco do PCP, sindicalista.

Joaquim Manuel da Costa, 30 anos, arquitecto, membro da Direcção Nacional do Partido «Os Verdes».

Maria Alzira Serrano Ramos, 18 anos, estudante, independente, monitora dos Pioneiros de Portugal.

Fernando Cardoso Oliveira, 39 anos, fogueiro, candidato à Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão.

COIMBRA

Jaime Serra, 64 anos, operário, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP.

João Carlos Abrantes, 39 anos, engenheiro técnico agrário, membro do PCP, deputado à Assembleia da República.

António José Avelãs Nunes, 45 anos, professor universitário, independente, foi Secretário de Estado dos Desportos e Acção Social Escolar no I e II governos provisórios, e Secretário de Estado do Ensino Superior e Investigação Científica nos II, III, IV e V governos provisórios, é redactor da revista «Vértice».

António Pereira Júnior, 67 anos, empregado de escritório, membro do MDP/CDE, Presidente da Assembleia Geral do União de Coimbra.

António Augusto Menano, 48 anos, membro do PCP, vereador da Câmara Municipal da Figueira da Foz.

Manuel Lousã Henriques, 52 anos, médico psiquiatra, membro do PCP.

Alberto Oliveira Vilaça, 55 anos, advogado, membro do PCP, membro da Assembleia Municipal de Coimbra.

Manuel Ferreira Roxo, 40 anos, ferroviário, independente.

Maria Clara Pimenta, 25 anos, assistente social, membro do PCP, membro da Assembleia da freguesia de S. Martinho do Bispo.

António da Silva Rodrigues, 39 anos, operário têxtil, membro do PCP, membro da Assembleia de Freguesia de Tavadede.

Carlos Alberto Ferreira, 35 anos, operário, membro do PCP, dirigente do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Centro e membro da Assembleia Municipal de Coimbra.

Suplentes

Alberto Severo de Melo, 47 anos, professor do ensino secundário, membro do MDP/CDE, redactor da revista «Vértice».

Fernando de Azevedo Nogueira, 50 anos, empregado bancário, membro do PCP, membro do Conselho Geral do Sindicato dos Bancários do Centro e dos corpos gerentes do Ateneu de Coimbra.

José Orlando Rels, 35 anos, engenheiro técnico, membro do PCP, membro da direcção do jornal «Trevim» e da Assembleia de Freguesia de Casal de Ermio.

Fernando Carvalho da Gama, 23 anos, empregado de escritório, membro do PCP.

Joaquim dos Santos Marques, 28 anos, professor do ensino preparatório, membro do PCP, presidente da Mesa da Assembleia Geral do «Pedra Rija» de Portunhos.

ÉVORA

António Gervásio, 58 anos, operário agrícola, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, membro da Assembleia Municipal de Montemor-o-Novo.

Custódio Gingão, 42 anos, operário agrícola, membro da Comissão Concelhia de Montemor-o-Novo do PCP, deputado, membro da Assembleia Municipal de Montemor-o-Novo.

António Vidigal Amaro, 43 anos, médico, membro da Comissão Concelhia de Portel do PCP, deputado, Presidente da Assembleia Municipal de Portel.

José Rodrigues Figueira, 35 anos, empregado de escritório, membro da Comissão Distrital de Évora do PCP, membro da Direcção do Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul, da União dos Sindicatos do Distrito de Évora e membro da Assembleia Municipal de Évora.

Catarina Luísa Ferreira, 50 anos, funcionária pública, membro do Conselho Nacional do MDP/CDE e membro da Assembleia Municipal de Évora.

Suplentes

Celino Rodrigues Silva, 39 anos, empregado de seguros, membro do organismo concelhio para o trabalho das autarquias do PCP, vereador da Câmara Municipal de Évora.

Maria Luísa Marcão, 34 anos, funcionária pública, membro do organismo do sector de segurança social do PCP, delegada sindical, membro da Assembleia de Freguesia de Santo Antão.

Maria Luísa Salsinha, 25 anos, operária agrícola, membro da Comissão Distrital de Évora do PCP, presidente da Federação dos Sindicatos da Agricultura do Sul, membro da Assembleia Municipal de Viana do Alentejo.

Guilherme Jorge Vicente, 43 anos, membro da Comissão Concelhia de Vila Viçosa do PCP, membro da Assembleia Municipal de Vila Viçosa.

Jorge Ribeiro de Araújo, 43 anos, professor da Universidade de Évora, independente, presidente da Assembleia Geral do Sindicato dos Professores da Zona Sul, membro da Assembleia Municipal de Évora.



FARO

Carlos Brito, 52 anos, membro da Comissão Política do Comité Central do PCP, deputado e presidente do Grupo Parlamentar do PCP na Assembleia da República.

Margarida Tengarrinha, 57 anos, membro do Comité Central do PCP, membro do Secretariado do Grupo Parlamentar do PCP na Assembleia da República.

Cândido Mariano, 39 anos, empregado bancário, membro da Comissão Política do MDP/CDE, presidente da Assembleia Municipal de Vila Real de Santo António.

Carlos Luís Figueira, 40 anos, membro do Comité Central do PCP, responsável pela Direcção da Organização Regional do Algarve do PCP.

João Guerra, 30 anos, advogado, independente.

Fernando Amaro, 33 anos, *barman*, membro da Direcção da Organização Regional do Algarve do PCP, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Hotelaria do Distrito de Faro.

Lúcio Beles, 40 anos, professor, membro do Conselho Nacional do MDP/CDE, vereador da Câmara Municipal de Faro.

José Cruz, 38 anos, empregado bancário, membro da Direcção da Organização Regional do Algarve do PCP, 1.º Secretário da Assembleia Municipal de Vila Real de Santo António.

José Leal, 45 anos, professor, independente, membro da Assembleia Municipal de Silves.

Suplentes

Isabel Elias, 33 anos, médica, membro do PCP.

António Dias Mendonça, 36 anos, engenheiro electrotécnico, membro da Comissão Concelhia de S. Brás de Alportel do PCP, vereador da Câmara Municipal de S. Brás de Alportel.

Joaquim Paulino, 32 anos, professor, membro do MDP/CDE.

Marcolino Jorge, 48 anos, pescador, membro da Direcção da Organização Regional do Algarve do PCP, presidente do Sindicato dos Pescadores do Distrito de Faro.

Sérgio Romualdo, 22 anos, membro da Comissão Central da Juventude Comunista Portuguesa.



António Gervásio



Carlos Brito

GUARDA

Mário do Nascimento Canotilho, 63 anos, advogado, membro da Comissão Distrital da Guarda do PCP, vereador da Câmara Municipal de Pinhel.

João Alberto Garcia de Abreu, 29 anos, operário da construção civil, membro suplente do Comité Central do PCP.

António José Gouveia Dias de Almeida, 40 anos, professor do ensino secundário, membro do Conselho Nacional do MDP/CDE.

Fernando Alberto Maltez Horta, 35 anos, professor, independente.

Maria do Céu Ferreira Jesus, 39 anos, empregada têxtil, membro da Comissão Distrital da Guarda do PCP, dirigente sindical, coordenadora da União dos Sindicatos da Guarda, membro da Assembleia Municipal de Gouveia.

Suplentes

Ana Catarina Rabaça Miller Guerra, 22 anos, educadora de infância, membro do Partido «Os Verdes».

Carlos José das Neves Fazenda, 29 anos, operário têxtil, membro do PCP, membro da Direcção do Sindicato dos Lanifícios.

Letícia Maria Reis Massena Vedes, 51 anos, professora do ensino secundário, independente.

José Monteiro Vaz, 28 anos, professor, membro do PCP, jogador e treinador de futebol.

Luís Manuel Cambra Nogueira, 47 anos, licenciado em História, professor, membro do PCP, dramaturgo e encenador.

LEIRIA

Joaquim Gomes, 68 anos, operário vidreiro, membro da Comissão Política e do Secretariado do Comité Central do PCP, deputado à Assembleia da República.

Pedro Carvalho Santos, 36 anos, médico, membro do PCP.

Basilio Martins, 38 anos, advogado, membro da Comissão Executiva Distrital do MDP/CDE.

Raúl Ferreira, 49 anos, operário vidreiro, membro do PCP, Presidente da Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira.

Maria da Piedade Silva, 39 anos, médica, independente.

Aleixo Brás, 33 anos, motorista marítimo, membro do PCP, dirigente da Unicoopesca.

Rui Nunes, 47 anos, contabilista, membro do PCP, Presidente da Junta de Freguesia do Bombarral.

Madalena Marques, 38 anos, professora do ensino secundário, independente.

Fernando Soares, 62 anos, médico veterinário, independente.

Prates Miguel, 36 anos, advogado, independente.

Saúl Fragata, 39 anos, operário metalúrgico, membro do PCP, Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Leiria.

Suplentes

Telmo Rodrigues, 40 anos, empregado bancário, membro da Comissão Concelhia da Marinha Grande do MDP/CDE.

Jaime Marques, 26 anos, agricultor, membro do PCP.

Albino Marques, 23 anos, empregado de escritório, membro da Direcção da Organização Regional de Leiria da Juventude Comunista Portuguesa, membro da Comissão Municipal da Juventude da Marinha Grande.

João Lázaro, 27 anos, actor, independente.

António Matias, 32 anos, funcionário público, independente, vice-presidente da Direcção Nacional do Sindicato dos Trabalhadores das Autarquias Locais.



Mário Canotilho



Joaquim Gomes



VILA REAL

Helena Cidade Moura, 63 anos, psicopedagoga, membro da Comissão Política e vice-presidente do Conselho Nacional do MDP/CDE, deputada à Assembleia da República.

Agostinho Lopes, 40 anos, engenheiro químico, membro do Comité Central do PCP, membro da Assembleia Municipal de Vila Real.

João Cunha Serra, 67 anos, engenheiro, independente, membro da Assembleia Municipal de Lisboa, presidente da Assembleia Geral da Associação do Nordeste Transmontano.

Cecília Sevivas, 34 anos, médica, membro do PCP, presidente da Assembleia da Freguesia de S. Pedro de Agostém.

Armando de Carvalho, 32 anos, agricultor.

Justino Alves, 74 anos, comerciante, independente.

Suplentes

Manuel Diogo da Silva Ferreira, 42 anos, professor, membro do PCP.

José António Lopes, 40 anos, professor, membro do PCP, dirigente do Sindicato dos Professores do Norte.

Joaquim Vassal, 26 anos, operário, membro do PCP, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Cerâmicos e da União dos Sindicatos de Vila Real.

Guedes Pereira, 36 anos, engenheiro técnico agrário, membro do PCP, membro da Assembleia Municipal da Régua.

João Nuno Correia de Sousa, 34 anos, empregado de escritório, membro do PCP.

UISEU

Jaime Gralheiro, 55 anos, advogado, membro do PCP, autor teatral e encenador.

Carlos Fralão, 37 anos, intelectual, membro suplente do Comité Central do PCP.

Manuel Martins da Costa, 52 anos, professor, membro do Conselho Nacional do MDP/CDE.

Diamantino de Oliveira Henriques, 54 anos, médico, membro do PCP.

Joaquim Negrais de Matos, 50 anos, industrial, independente, dirigente da Associação Comercial de Lamego.

Manuel da Silva Florindo, 35 anos, médico veterinário, membro do PCP.

Rogério de Oliveira Martinho, 39 anos, agricultor, independente.

Fausto Cardoso Gomes, 38 anos, empregado de escritório, membro do PCP, dirigente do Sindicato dos Transportes Rodoviários e Urbanos de Viseu.

Maria Teresa Almeida Cruz, 45 anos, professora, membro do PCP.

Manuel Guedes Jacinto, 38 anos, funcionário público, membro do PCP.

Suplentes

Manuel Jesus Pereira, 32 anos, operário agrícola, membro do PCP, secretário da Junta de Freguesia de Trevões, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Viseu.

Albano Barbosa Morais Lobo, 59 anos, comerciante, independente, presidente da Direcção dos Bombeiros Voluntários de Mortágua e dirigente da Cooperativa de Produtos Florestais de Mortágua.

António Figueiredo de Matos, 39 anos, professor, membro do PCP.

Orclano dos Santos Pereira, 35 anos, operário químico, membro do PCP.

Amadeu Batista Ferro, 68 anos, médico veterinário, membro do MDP/CDE.

AÇORES

José Decq Mota, 36 anos, professor, membro do Comité Central do PCP, deputado à Assembleia Regional dos Açores.

Francisco José Machado, 38 anos, técnico tributário, independente.

Carlos Martins Gomes, 46 anos, engenheiro electrotécnico e professor, membro do MDP/CDE.

José Manuel Ávila Serpa, 34 anos, médico, membro do PCP.

Maria Clotilde Pereira, 39 anos, membro da direcção do Sindicato dos Professores dos Açores, membro do PCP.

Suplentes

António José Macedo, 60 anos, funcionário público, membro do Conselho Nacional do MDP/CDE.

Paulo António de Freitas Valadão, 36 anos, médico veterinário, membro do PCP.

Augusto Correia da Silva, 52 anos, pescador, membro do PCP.

João Henrique da Fonseca Carneiro, 34 anos, operador de aeronáutica, independente.

Luis Manuel de Noronha Botelho, 32 anos, professor, membro do PCP.



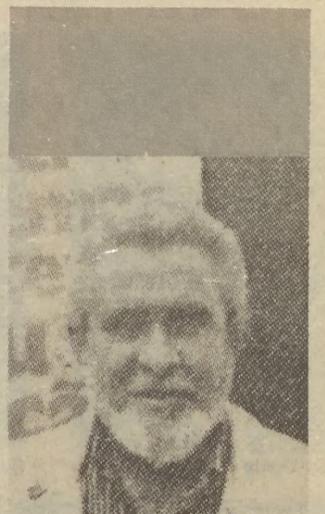
Helena Cidade Moura



Jaime Gralheiro



Decq Mota



Rui Nepomuceno



António Joaquim Topa



Eugénio das Mercês

MADEIRA

Rui Nepomuceno, 49 anos, advogado, membro do Executivo da Direcção da Organização da Região Autónoma da Madeira do PCP, jurista do Movimento Sindical Unitário.

Jorge Ladeira, 32 anos, técnico de radiologia, independente, membro da Assembleia de Freguesia de Santa Luzia.

Ana Maria Nunes, 32 anos, médica, membro da Direcção da Organização da Região Autónoma da Madeira do PCP.

José Luís Gonçalves, 28 anos, empregado bancário, membro do PCP, dirigente sindical, membro da Assembleia Municipal do Funchal.

José Arlindo Ferreira, 46 anos, motorista, membro do PCP, dirigente sindical.

Suplentes

José Manuel Coelho, 33 anos, pintor da construção civil, membro do PCP, membro da Assembleia Municipal de Santa Cruz.

Inês Márcia Afonseca, 62 anos, caseira, membro do PCP, dirigente da União dos Caseiros da Ilha da Madeira.

José António Jardim, 33 anos, empregado de hotelaria, membro do PCP, dirigente sindical e membro da Assembleia Municipal de Santa Cruz.

EUROPA

António Joaquim Topa, 37 anos, professor de formação de adultos em França, independente, Secretário-geral do Sindicato dos Trabalhadores Consultores e das Missões Diplomáticas na Europa.

José Manuel Veludo, 40 anos, funcionário consular na República Federal da Alemanha, independente, chefe dos Serviços Sociais do Consulado de Portugal em Hamburgo, membro da Comissão Executiva do Sindicato dos Trabalhadores Consulares e das Missões Diplomáticas na Europa.

Suplentes

Maria Honorata Martins, 39 anos, doméstica, membro do PCP, dirigente associativa na Holanda.

João Coutinho Ramos, 37 anos, operário carpinteiro, membro do PCP, dirigente sindical e associativo em França.

FORA DA EUROPA

Eugénio da Conceição das Mercês, 59 anos, comerciante no Brasil, membro do PCP, activista e dirigente de instituições culturais.

Manuel Marques, 61 anos, técnico de refinação de petróleo em Angola, membro do PCP, dirigente associativo e cooperante.

Suplentes

António Gomes da Silva, 57 anos, alfaiate na Venezuela, independente.

Maria Ivone Ralha, 47 anos, professora em Moçambique, membro do PCP, dirigente sindical.



a TV

Uma TV de libré...

A subserviência perante o imperialismo é uma das notas mais chocantes da televisão em geral e do telejornal em particular. Ela revela-se nos mais insignificantes pormenores.

Por exemplo: aquando das celebrações mundiais de protesto contra o lançamento das bombas atómicas, em nenhuma ocasião se mencionou a responsabilidade dos Estados Unidos no crime! Apenas se disse, por duas vezes, que a bomba de Hiroxima fora lançada de um avião americano...

Mas em relação à bomba de Nagasaki, Telejornal cometeu a proeza de nem uma única vez referir o nome dos Estados Unidos! Tudo se passou como se a bomba caísse do céu!

Isto quando mesmo na Televisão norte-americana se desencadeava uma onda de protestos contra as declarações de Reagan que pretendia justificar o lançamento das bombas com argumentos falaciosos. É o que se chama ser mais papista do que Papa...

Outro exemplo. Causaram grande indignação as afirmações produzidas pelo indigitado embaixador americano em Portugal, afirmações que reflectem uma clara ingerência nos assuntos internos do nosso país.

Pois bem: no Telejornal, nem uma palavra. Nem sobre a gravidade das informações, nem sobre a posição assumida em Portugal pelas diversas forças políticas e pela opinião pública. Se atendermos ao Telejornal, não aconteceu nada...

Mais uma curiosa demonstração dos «critérios jornalísticos»...

Em defesa da Paz, amen

PANORAMA efectuou um debate sobre a guerra nuclear, a propósito do dia de protesto contra o lançamento da bomba de Hiroxima.

Iniciativa louvável e que, a vários títulos se revelou útil. A doutora Zilda de Carvalho e o marechal Costa Gomes revelaram com larga cópia de informações os perigos que se encastelam sobre a Humanidade. Ficou bem patente a necessidade de mobilizar a opinião pública para a defesa da vida e da Paz.

A opinião pública, no nosso país, está francamente ao lado da Paz. A prova evidente disso, para nos situarmos apenas no terreno da Televisão, está no interesse manifestado pelas rubricas sobre a última guerra, particularmente **Ventos de Guerra** e **O Mundo em Guerra**. Refira-se ainda o impacto da transmissão da **Tela**, cuja repetição foi aconselhada durante o debate de **Panorama**.

Jornalistas portugueses tiveram oportunidade de assistir, na Embaixada da União Soviética a um filme sobre as consequências de uma guerra nuclear. A mobilização da opinião pública para a defesa da Paz ficaria certamente bem servida com a transmissão desse filme. À atenção de PANORAMA...

...E não se estranhe que não se faça aqui uma referência sequer à participação de Ângelo Correia no referido debate. Eu hoje quis só falar de coisas sérias...

O golpe

As notícias desabaram sobre nós com a velocidade do raio: primeiro, veio o director dos noticiários dizer ao País que a Televisão era isenta, pluralista e independente — e uma imensa gargalhada abalou o corpo dorido desta Pátria; logo a seguir, veio um comunicado da Gerência a dizer que sim senhor, estavam de acordo com o **duelo** televisual entre o senhor Cavaco, o senhor Almeida Santos e o senhor Ernâni Lopes...

Foi assim. O senhor Cavaco e Silva, chefe do PSD, acha que a política económica e financeira da defunta AD foi muito boa. Se a alguém devia desafiar para esclarecer a coisa (se é que não basta a linguagem dos números e dos factos...) era o Partido Comunista, que inúmeras vezes, em tempo oportuno, denunciou os erros e os crimes da primeira coligação, só ultrapassados pelos da segunda. Pois nessa não caiu ele. Quem ele desafiou foi... o Partido Socialista!!!

Então a RTP fez sair um comunicado da responsabilidade da Administração dizendo que estava de acordo com a efectivação daquele duelo, adiantando três razões da sua atitude: o interesse das forças envolvidas; a **qualidade** das personalidades referidas no caso; e ainda (pasmem, leitores!) o interesse jornalístico do caso, muito embora se tratasse de «um tema restrito»...

Várias vezes tem sido proposta à RTP a discussão de temas de interesse nacional, como sejam a situação de escândalo que se vive com os ataques à Reforma Agrária, a verdadeira realidade das Empresas Públicas, o desemprego, a calamidade dos salários em atraso, etc., etc. Pois até hoje sempre a RTP tem feito ouvidos de mercador, indiferente ao «interesse» das forças envolvidas, à «qualidade» das pessoas e ao «tema não restrito» em discussão...

A reacção da opinião pública democrática foi de tal ordem que, se na RTP ainda subsistir um pouco de bom-senso, a tal discussão sobre a vitalidade de um cadáver chamado AD, se espera não venha a concretizar-se. Mas o simples facto de a RTP se mostrar cúmplice no golpe prova que, tal como existe, a Televisão é um perigo para a democracia, é um inimigo do povo português.

■ **Ulisses**

...Síntese... semanal da IMPRENSA

Maquilhagens eleitorais & branqueamentos políticos, SARL

Da frieza de Cavaco que, graças ao «marketing» *made in* PSD, se vai transformar em abrasador calor humano, aos esforços de branqueamento do PS a que estão dando o seu desinteressado concurso alguns — não todos — membros do «ex-secretariado» (quem sabe se cansados de ser ex-), passando pelo CDS que anuncia o mesmo *slogan* — «A equipa para vencer» — já usado em eleições (Dezembro de 82 ou Abril de 83) em que foi a equipa que perdeu — assim vão os preparativos do PS, PSD e CDS para ver se enganam de novo muitos portugueses de boa-fé.

Disso damos conta aos leitores esta semana. Pelo meio, gente insuspeita diz, com brutal franqueza, umas coisas esclarecedoras.

Neo-soarismo ou soarismo post-Soares?

«As eleições vão constituir uma escolha entre **dois modelos alternativos**, representados pelo PS e PSD. Nenhum outro partido pode liderar um bloco de poder no futuro próximo (...) um partido como o PS não deve nunca abdicar do objectivo de vir a alcançar a maioria absoluta (...)».

«A única hipótese que interessa considerar é a da sua [M. Soares] vitória, porque é a única que potencia a capacidade de intervenção do PS nos próximos anos na sociedade portuguesa.»

— António Guterres, entrevista a «o jornal» de 9.8.85.

Os «modelos alternativos» dão coligação

«Cinco protocolos assinados — e mais seis em negociação — testemunham a vitalidade do bloco central, a nível das autarquias, apesar do clima de quase insulto público em que dirigentes dos dois partidos têm procurado sobreviver no plano dos compromissos governamentais. Mas nas autarquias há sempre razões que a razão desconhece e PS e PSD lá se vão entendendo no melhor dos mundos...»

— Fernando Antunes, em «o jornal» de 9.8.85.

Reconciliações e negócios

«Ao assistirmos ao ambiente de grande reconciliação interna que se vive no PS, deveríamos ser levados a crer que algum grande acordo terá sido firmado entre a minoria, afecta ao ex-secretariado, e Mário Soares. Um dos elementos daquele grupo, que em 1983 foi chamado a fazer uma travessia de deserto por solidariedade com António Guterres (então afastado de cabeça de lista de Castelo Branco por decisão da direcção do partido, que assim contrariava claramente a estrutura distrital), dizia-nos precisamente isto: «**Não sei que negociata se fez mas, para estar tudo tão bem, há-de ter sido importante.**»

— Pedro Anunciação, no «Expresso» de 10.8.85.

Calculem que também eles!

«No panfleto que anunciava o comício do Campo Pequeno (...) usava-se uma linguagem recheada de trocadilhos metafísicos («um país limpo para viver, um país vivo para amar») mas a mensagem política estava presente («contamos contigo, podes contar com o PS») e, acima de tudo, lá estava bem explícita a ideia chave que o PS será obrigado a explorar para vencer a descrença dos seus potenciais eleitores: «**Como tu, nós estamos insatisfeitos com o presente. Queremos mais e melhor.**»

— «Expresso» de 10.8.85.

As preferências de Marcelo

«Entre Herodes e Pilatos, o Partido Socialista procura-se e tem de se encontrar (...) continuamos a preferir mil vezes o dr. Vitor Constâncio ou Jaime Gama a liderar a esquerda portuguesa, a termos nessa posição o dr. Medeiros Ferreira, o eng.º Hermínio Martinho ou o general Ramalho Eanes. E, por maioria de razão, o dr. Álvaro Cunhal ou Carlos Brito.»

— Marcelo Rebelo de Sousa, no «Semanário», 10.8.85.

Testemunho de um ferrenho da AD

«A terminar gostaria de deixar uma sugestão ao prof. Cavaco Silva: nos debates que vão seguir-se, não perca tempo com a análise do sobe e desce das taxas de juro (...) o que importa sublinhar é a **esmagadora vitória da AD em termos programáticos.**

Com excepção da Lei do Aborto, que o PS aprovou com o apoio do PC, todas as reformas introduzidas ou prometidas pelo bloco central constavam do projecto de Sá Carneiro e em vários casos implicaram mudanças de 180 graus nos socialistas.»

«E, mais ainda, para as campanhas que se avizinham, figuras como Mário Soares e Hermínio Martinho, manifestaram já na Televisão a sua adesão a inúmeros aspectos do programa da AD. Foi até particularmente tocante ouvir

Mário Soares dizer que a **irreversibilidade das nacionalizações é um absurdo** (...) o esforço levado a cabo depois de 1980 valeu a pena (...).»

— Fernando Ulrich no «Expresso», de 10.8.85.

Poucos querem enganar bastantes

«Sentado no seu gabinete, Vitor António repete um mote já conhecido: «Vamos investir muito na figura do professor Cavaco.» E dá a entender que a imagem do actual líder do PSD está a ser «trabalhada» com minúcia de laboratório. A frieza de Cavaco Silva será destruída pelos criadores de imagens. Apresentá-lo-ão sorridente, rodeado pela família, posando ao lado da mulher e da filha, na companhia dos pais ou dos irmãos» (...). O professor e o

economista «sucumbirão» à imagem do dirigente popular e eficaz.»

— «Expresso», 10.8.85.

«o jornal» abre o jogo

«A confirmar-se o debate televisivo entre o actual presidente do PSD e o ministro de Estado que é também um dos mais proeminentes dirigentes do PS, será de saudar, desde logo, a introdução, em Portugal, de um hábito já antigo nas democracias ocidentais.» (...).

(...) No caso vertente, aliás, nem se pode argumentar que se trata de uma monopolização de uma boa fatia de tempo televisivo pelos partidos do governo: Será que é possível encontrar, neste momento, partidos portugueses (pelo menos ao nível dos respectivos líderes) mais desavindos que o PS e o PSD?»

— Editorial de «o jornal», de 9.8.85.

Indispensável para compreender a superioridade da gestão APU nas autarquias que tem por base:
— Uma gestão aberta às massas
— A unidade e diálogo em torno dos problemas concretos
— A dedicação e honestidade
— A participação e mobilização consciente e abnegada dos trabalhadores das autarquias
— A administração directa de grande parte das obras das autarquias



**reforçar o Poder Local democrático
melhorar a vida das populações**

edições Avante!

Documentos e intervenções Conferência Nacional do PCP

**JÁ À VENDA
SÓ 250\$00**

edições Avante!

Indispensável para compreender o crescimento constante da APU nas autarquias e o porquê de Carvalhais, S. Pedro da Cova, Redondo, S. Lourenço de Azeitão, Ponte de Lima, etc.

Confidencial

O «Tempo» de Nuno Rocha afirma — e pretende que se não divulgue, porque o faz sob o título de «confidencial», que Ângelo Correia esteve «num dos seus melhores momentos, na televisão», referindo-se à actuação daquele barão PPD durante o debate sobre as armas nucleares. Que o deputado «deu um show», diz o «Tempo». Que «está portanto, em grande forma para a campanha eleitoral»... O televisivo Ângelo costuma, porém, dar espectáculos bastante tristes, apesar de ridículos. Quem o aprecie é preciso que possua um tipo de humor bastante escuro. Recorde-se o humor dos «pregos» e da «insurreição» de há alguns anos, em que, apesar do ridículo, acabaram por morrer tragicamente alguns trabalhadores. Recorde-se também que o humor apalhado de Ângelo na emissão da RTP foi feito sobre a tragédia nuclear. Estarão mesmo à espera que os eleitores gostem desse tipo de palhaçada trágica? Só alguns. E às escondidas. Confidencialmente...

Tubarão

O «Tempo» ainda nos forneceu na passada semana mais alguns motivos de meditação. Anunciou entre outras novidades, que íamos comer tubarão. Acostumados que estão os portugueses às dentadas destes bichos — não é preciso ir à praia para encontrá-los, basta que a gente trabalhe para sermos

mordidos nos salários curtos ou na ausência deles —, não deixa de ser estranho que agora nos convidem para morder no bicho. Ou não será coisa para trabalhadores?

O caso, porém, é tão sério, que a própria Maria de Lurdes Modesto apreciou as receitas do tubarão com o secretário de Estado das Pescas. A gente sabia que os governantes se desentenderam. Mas não sabíamos que já planeavam morder-se uns aos outros. Com pareceres técnicos de um técnico israelita e de uma perita em cozinha de qualidade. A menos que o gosto do tubarão seja tão mau que eles o querem com muito molho. Para disfarçar...

O saco

Regressam os ex. Os ex-secretariado — alguns. Os ex-reformadores, uma porção. Os ex-ASDIS, uma mãozinha. Os ex-AD's do PPM. Mais o que resta da UEDS. O Partido de Soares concorre, pois, em retalho. E não se vai ficar por aqui. Se parece não ter conseguido a adesão de algumas importantes figuras — Abecasis parece ter-se decidido pela "AD", José Vitorino pelo CDS —, mas contando já com o «veto» de Jardim a Freitas, Soares tem um saco cheio de... pretendentes. Vai tudo, pois, concorrer e apoiar... o socialismo. Ele é monárquico, sociais-democratas, centristas convertidos, novas esquerdas e esquerdas liberais, reformadores e associativos-independentes. Um grande saco cheio de... vento.

Pontos Cardeais

O espectáculo das «ideias»

O «Expresso» preocupa-se. Com os símbolos e as imagens de uma campanha que nem sequer vai no adro. Muito «independente e objectivo», porém, trata partidos e coligações principais com aquela aparente equidistância que pretende disfarçar a «mensagem».

Mas a «mensagem» é clara. No tratamento dos símbolos, as três argolas da APU são uma «imagem frentista que o PCP supõe poder ainda representar». Os aliados dos comunistas são «acólitos» como o MDP, «sobrevivência arqueológica». E «Os Verdes» um «simulacro de partido»... Entretanto, dirigentes de partidos inquiridos sobre as respectivas campanhas são apresentados aos leitores de modo bastante diverso. Se o PCP está «em campanha permanente», por exemplo, o CDS tem «o futuro como slogan» e o PS vai «desdramatizar o passado», enquanto o PSD se prepara para «investir em Cavaco Silva». Em linguagem de mercado, percebemos logo quais os «produtos» que o «Expresso» quer vender...

As «reformas» dos EUA

Nenhuma das medidas «pacificadoras» dos governantes racistas da África do Sul deu o resultado pretendido pelos Bothas de serviço. A população continua a sua luta contra a opressão da maioria branca. Nem os assassinatos e os espancamentos, nem as prisões, nem o estado de sítio produziram o efeito desejado, que era a recondução dos negros — diga-se operários, diga-se trabalhadores, diga-se povo — à submissão. A coisa está preta para a maioria branca exploradora. E então, Washington, presumo, quando ainda há pouco se recusava, isolado, a condenar a política do «apartheid», corre a dar conselhos aos seus parceiros do governo sul-africano. Pede soluções rápidas. Senão, pobre do Reagan, ainda será obrigado a levantar o veto sobre as sanções. Pieter Botha ouviu logo o recado. E prepara-se para anunciar «reformas na legislação racial». Se o pasquim «O Dia» lhes chama «importantes reformas» podemos acreditar que não passam de panos quentes. Aplicados tarde demais.

Gazetilha

por Ignotus Sum

I

Torto, desmoralizado sem caminho para andar, governo desgovernado continua a «governar». Cadáver afiançado desgraçado, a procriar entre palhas e dejectos leis, posturas e decretos...

II

O Almeida Santos, na ânsia de que alguém a sério o tome já admite — ó santa ignorância! que em Portugal haja fome. E diz também que não sabe a quem é que a culpa cabe: fala tão naturalmente que ele, é bem natural, mente...

III

Já deram muito nas vistas apoiantes rabulistas interesseiros e valsistas chapados oportunistas sujeitos daquela fauna que o puro negócio obriga — e assim vão perdendo a alma numa questão... de barriga...

IV

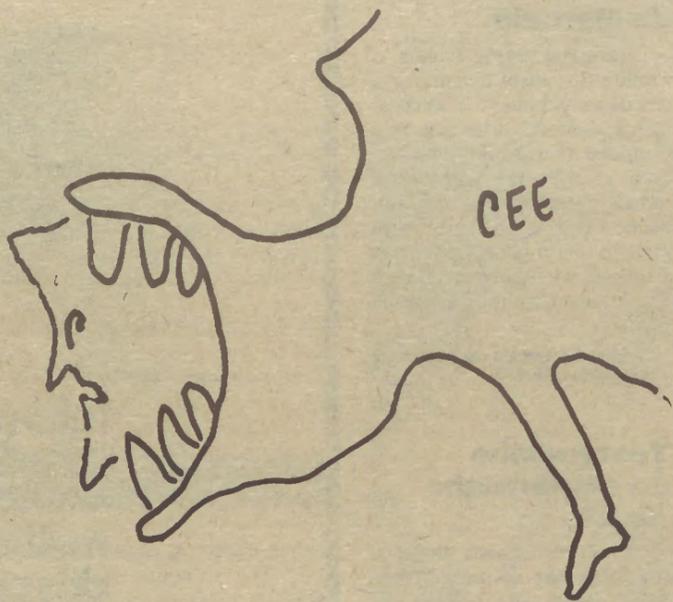
Amarelecendo a sorrir na Volta, com larga querela, o Soares foi vestir o camisola amarela e lá cumpriu o seu fado com as artes e os desvelos de quem está habituado a lidar com amarelos...

V

O Soares em pura perda, mais sofrido da maleita, diz que ele é da esquerda e o Freitas é da direita. Hipócrita, palavroso, demagogo, enxundioso não convence nesta guerra: jaz-lhe a máscara por terra...

VI

A qualquer sítio onde vá são restritos os espaços e sempre e apenas só há os mesmos amigalhaços. Está sempre como um estorvo. O povo nunca se vê. Se o Soares foge do povo ele lá sabe porquê...



J. Palom

Agenda

Avante!

Ano 53 - Série VII
N.º 607

14 de Agosto de 1985

4.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente

Quarta 14

da Corte do Pinto e da Comissão Concelhia de Mértola do PCP.

• **ALCOCHETE**
Durante as Festas do Barrete Verde, que prosseguem ainda hoje e amanhã, mantém-se aberto no local, para acções de esclarecimento e convívio, o Pavilhão do PCP.

• **MINA DE S. DOMINGOS**
Festa de Verão: hoje, amanhã e sábado, para promoção e propagação da Festa do «Avante!» e realização de fundos para a construção do Centro de Trabalho «Serrão Martins» em Mértola. Iniciativa da Comissão da Freguesia

Quinta 15

• **FIGUEIRA DA FOZ**
Início das jornadas de esclarecimento promovidas pela APU. Hoje nas praias, na Feira de Seiça e na Festa do Bom Sucesso.

Sexta 16

• **MONTIJO**
A Festa Povo Unido começa hoje à noite e prolonga-se até domingo.

COSTA DA CAPARICA

Com entrada livre, em recinto preparado junto ao Campo dos Pescadores, tem início hoje e termina no domingo a Festa da Costa: espectáculos, filmes; um torneio de Damas no domingo; colóquios em que participarão eleitos em autarquias do concelho de Almada e membros da delegação portuguesa ao XII Festival da Juventude. Exposições. Comício no domingo.

• **OLIVAIS/LISBOA**
Sessão de esclarecimento do PCP, às 21 horas, na colectividade «Os Pobræzinhos». Com a cama-

rada Georgete Ferreira, do CC.

Sábado 17

• **BORDEIRA**
Festa Popular, iniciativa da Comissão Local de Bordeira (Faro) do PCP. Hoje e amanhã.

• **GRÂNDOLA**
Tem hoje início e prolonga-se até amanhã a festa que a Comissão Local do PCP promove em Santa Margarida da Serra.

• **FIGUEIRA DA FOZ**
Continuação das jornadas de esclarecimento da APU. Hoje

e amanhã na estação da CP da Figueira e noutros locais da cidade.

Domingo 18

• **SESIMBRA**
No decorrer do passeio de barco ao Ribeiro do Cavalo organizado pela APU fará uma intervenção sobre a situação política a camarada Conceição Morais, membro suplente do CC.

• **QUINTA DO CONDE**
A primeira Festa Jovem, assinalando a

recente criação desta Freguesia. As 17 horas, comício durante o qual intervirá o camarada José Vitoriano, membro da Comissão Política.

• **COSTA DE CAPARICA**
Comício da Festa da Costa, a decorrer desde anteontem junto ao Campo dos Pescadores. Participa o camarada Dias Lourenço, da Comissão Política do CC.

• **BORDEIRA**
À tarde, no decurso da Festa Popular da Bordeira, comício com o camarada Carlos Luís Figueira, do CC.

• **TORRES VEDRAS**
Convívio de Amizade promovido pela APU em Santa Cruz (Pinhal Vale de Janelas). Participação e intervenção, sobre a situação política, do camarada Abílio Martins, do CC.

Quarta 21

• **LISBOA**
Plenário da célula da Petrogal. Para discussão da situação política e social e dos objectivos e tarefas eleitorais, com a participação de um dirigente do Partido. As 19 horas, no Centro de Trabalho Vitória.

Festas Fim de Semana

Costa de Caparica Sexta, sábado e domingo

Festa da Costa, junto ao Campos dos Pescadores. Abertura na sexta dedicada à juventude e ao XII Festival com a presença de delegados e um espectáculo. No sábado, destaque para os colóquios e debates e projecção de filmes sobre trabalho autárquico com a participação de eleitos da Câmara Municipal. Espectáculo. No domingo, torneio de damas com a participação de campeões nacionais. Noite de fado. Intervenção política também no domingo, do camarada Dias Lourenço, da Comissão Política do PCP.

No recinto da Festa está patente uma exposição sobre o trabalho da APU e da JCP.

Montijo

Sexta, sábado e domingo

Festa Povo Unido

Bordeira

Sábado e domingo

Organizada pela Comissão Local do PCP, realiza-se a Festa Popular de Bordeira/Faro. No sábado, baile com o conjunto Stratus e actuação do Trio Alentejo; no domingo de novo baile, e fado com Fernando Farinha. No decorrer da Festa será feita uma intervenção política pelo camarada Carlos Luís Figueira, do Comité Central do PCP.

Grândola

Sábado e domingo

Festa em Santa Margarida da Serra.

Sesimbra

Domingo

Junto ao Centro de Trabalho do PCP na Quinta do Conde a Festa Jovem. Almoço de convívio e pelas 17 horas comício com José Vitoriano, da Comissão Política do PCP.

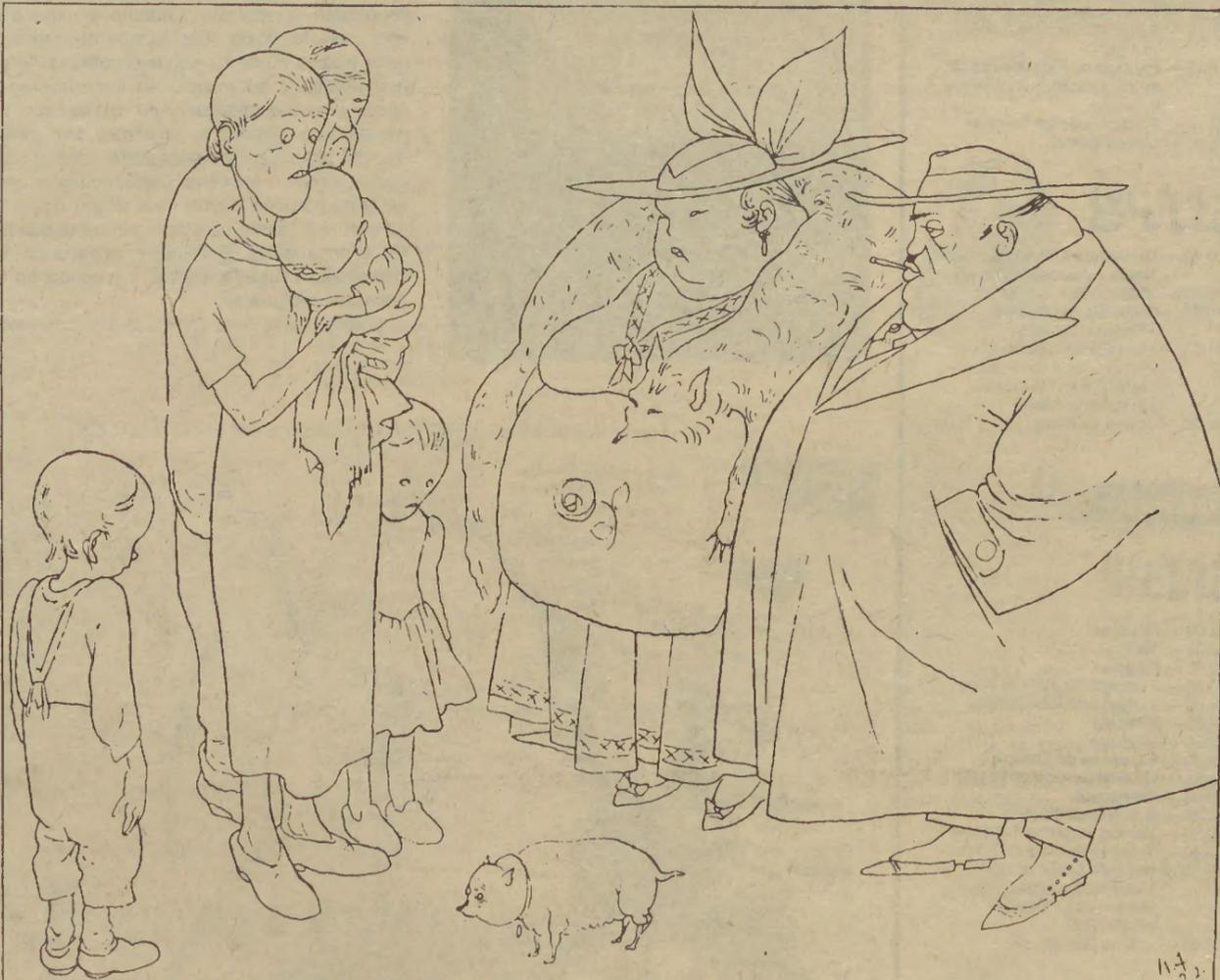
Torres Vedras

Domingo

O Convívio da Amizade em Santa Cruz (Pinhal Vale das Janelas) promovido pela APU, com provas desportivas, música e uma intervenção política por Abílio Martins, do Comité Central do PCP.

Jornadas de trabalho no Alto da Ajuda

Todos os dias



Karl Arnold (1883-1953) desenho de 1922 in «Berliner Karikaturen», editado por «Berlin-Information», 1984 com a legenda «Vocês podem ficar os cinco à vontade num quarto. Mas nós não poderíamos dar-nos a esse luxo»

TV **O Programa**

Quinta 15

RTP1

- 11.00 — Missa
- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 13.00 — Telenovela — «Vila Faia», 72.º Ep.
- 18.00 — Tempo dos Mals Novos — «As aventuras de Marco Polo»
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Programa da Direcção de Informação
- 19.20 — Pequenas e Médias Empresas, último programa
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Boletim Meteorológico
- 20.35 — Telenovela — «Louco Amor», 30.º Ep.



- 21.15 — Informação Especial
- 22.15 — Série — «A Bela Otero», 1.º Ep.
- 23.15 — Volta a Portugal em Bicicleta
- 23.35 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados — «Recruta Bailey»
- 20.00 — Conheça Melhor — «A Terra da Porcelana no Sul da China»
- 20.30 — Série — «O Misterioso Dr. Cornélius»
- 21.40 — Da... Música
- 22.30 — Jornal da Noite.

Sexta 16

RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela — «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mals Novos — «Animação»: «A Jovem da Maceira», marionetas de Brestilav Pojar, e ainda «Pontuações» e «Oh que Pintor», este último de Artur Correia
- 18.30 — Notícias
- 18.50 — Retratos em Si, (6.º programa)
- 19.20 — Cultura Árabe em Portugal
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Boletim Meteorológico
- 20.30 — Telenovela — «Louco Amor»
- 21.15 — Som Directo, com Roberto Leal
- 22.30 — Série — «A Vida de Jesse Owens», 2.º Ep.
- 23.30 — Volta a Portugal em Bicicleta
- 23.50 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
- 20.00 — Recordações, 10.º Ep.
- 21.00 — Directo/2
- 22.30 — Jornal da Noite.

Sábado 17

RTP1

- 13.00 — Tempo dos Mals Novos — «Os Conquistadores do Ar» e «Circóflé»
- 14.00 — O Pai Murphy, 31.º Ep.
- 15.00 — Revista de Toiros
- 15.30 — Eurovisão — Atletismo: Taça da Europa, Final A de Moscovo; Volta a Portugal em Bicicleta; Motonáutica
- 18.30 — Série — «Separados pela Espada», 7.º Ep.
- 19.45 — Totoloto
- 20.00 — Telejornal

- 20.27 — Boletim Meteorológico
- 20.30 — Série — «Cheers»
- 21.00 — O Bem Amado — «O dia em que Waldik foi a Sucupira»
- 22.00 — Aplauso
- 23.00 — Volta a Portugal em Bicicleta



- 23.20 — Último Jornal
- 23.30 — Sábado Especial — «O Profissional», real. Howard W. Koch (EUA/1973).

RTP2

- 18.30 — Troféu
- 20.00 — RTP/Brasil
- 20.30 — A História do Vietnam, 3.º Ep.



- 21.30 — FilMOTECA TV
- 22.30 — Jornal da Noite.

Domingo 18

RTP1

- 10.30 — 70 Vezes 7
- 11.00 — Missa
- 12.00 — Tempo dos Mals Novos — «Era Uma Vez o Espaço», «O Planeta Verde», «O Cão Vagabundo»
- 13.00 — TV Rural
- 13.20 — Desporto — Grande Prémio da Áustria de Fórmula 1; Final da Taça da Europa de Atletismo; Motonáutica
- 17.00 — Top Disco
- 18.00 — Reportagem do Exterior
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Boletim Meteorológico
- 20.30 — Coimbra Sem Tempo
- 21.00 — Série — «O Grande Senhor», 1.º Ep.



- 22.00 — Domingo Desportivo, que inclui a Volta a Portugal em Bicicleta
- 23.00 — Último Jornal.

RTP2

- 18.45 — Novos Horizontes
- 19.15 — Nós... Por Cá
- 20.00 — Fronteiras da Música
- 20.30 — Canal Livre — «Para onde vai o dinheiro dos Emigrantes»
- 21.30 — Cine-Clube — «Mataram o Pai Natal», real. Christian-Jacque (França/1941).

Segunda 19

RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13

- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mals Novos: «A Volta ao Mundo com Willy Fog»
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Programa da Dir. de Informação
- 19.20 — Série: «O Mundo da Ciência», 4.º Ep.
- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela: «Louco Amor»
- 21.15 — A Lenda de Errol Flynn: Filme adaptado da sua autobiografia. Real.: Don Taylor (EUA)
- 23.15 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados
- 20.00 — Animação
- 20.30 — Folclore: Rancho das Lavadeiras de Trofa
- 20.55 — RTP/Madeira
- 21.40 — Uma História de Amor: (Telefilme).

Terça 20

RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mals Novos: «Bel e Sebastião»
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Século XX: «O Mundo em Guerra», 16.º programa



- 19.35 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.35 — Telenovela: «Louco Amor»
- 21.15 — Série: «O Corpo Humano», 16.º Ep.
- 21.45 — Panorama: Programa da Dir. de Informação. Tema: «Face à Guerra»
- 23.15 — Série: «Tudo em Família»
- 23.40 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados: «As Novas Aventuras de Zorro»
- 20.00 — Videopólis
- 20.30 — O Mundo em Guerra: «Portugal 1939/45»
- 21.00 — Sessão das Nove: «O Homem não é um Pássaro». Real.: Dusan Makavejev (Jugoslávia/1966)
- 22.30 — Jornal da Noite.

Quarta 21

RTP1

- 12.00 — Notícias
- 12.05 — 12/13
- 12.45 — Notícias
- 13.00 — Telenovela: «Vila Faia»
- 18.00 — Tempo dos Mals Novos
- 18.35 — Notícias
- 18.50 — Trânsito
- 19.20 — Expresso da Europa
- 19.55 — O Livro Grande de Petete
- 20.00 — Telejornal
- 20.27 — Bol. Meteorológico
- 20.30 — Vamos Jogar no Totobola
- 20.40 — Telenovela: «Louco Amor»
- 21.25 — Noite de Cinema: «O Malandro Encantador». Real.: Irving Kershner (EUA/1966)
- 23.05 — Último Jornal.

RTP2

- 19.30 — Desenhos Animados: «As Misteriosas Cidades do Ouro»
- 19.50 — A Arte e as Coisas: 3.º Progr.
- 20.30 — Atletismo: Transmissão directa de Zurique

Livros

Desarmamento — quem está contra?, colecção «Problemas do Mundo Contemporâneo», edições «Avante!», 1984.

«A mais imperiosa e mais urgente tarefa da Humanidade é a manutenção da paz, a prevenção da guerra nuclear, que pode causar perdas irreparáveis à civilização terrestre e colocá-la à beira da catástrofe. Deter a corrida aos armamentos, garantir o avanço no sentido da redução e finalmente da eliminação da ameaça de guerra nuclear — tais são as questões mais importantes que se encontram permanentemente na ordem do dia da nossa vida. É precisamente aqui que se resolve a questão essencial de saber como se desenvolverá futuramente a situação internacional, e é precisamente aqui que se desenvolve a mais aguda luta. Nesta luta confrontam-se duas políticas diametralmente opostas.»

O parágrafo citado, com que se inicia a Introdução a esta brochura com um pouco mais de uma centena de páginas, coloca desde logo o leitor no centro do debate à volta do qual, ao longo dos capítulos, se desenvolvem os argumentos e os contra-argumentos, de modo a permitir ao leitor chegar a uma conclusão não porque ela lhe seja imposta, mas por ela própria se impõe.

Sendo um livro escrito sem quaisquer pretensões a ser «neuro» — em temas destes, tais pretensões não passam geralmente de hipócritas cortinas de fumo destinadas a encobrir o contrabando da propaganda belicista —, nem por isso o leitor deixa de, em relação a cada

assunto, ir podendo comparar as posições em confronto, permitindo-lhe assim tirar as conclusões por si próprio.

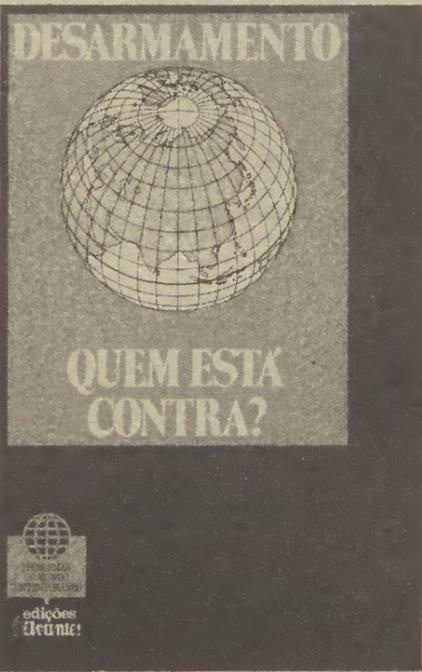
Conforme também se diz na Introdução, «na presente brochura revelam-se objectivamente as duas abordagens do problema da redução das armas nucleares e convencionais — a abordagem soviética e americana, dos Estados do Tratado de Varsóvia e dos países da OTAN. Naturalmente, no centro das atenções encontram-se as posições da URSS e dos EUA. Comparando-as, o leitor imparcial encontrará resposta às questões: quem procura na realidade alcançar um acordo construtivo e quem bloqueia as conversações; para quem é o desarmamento a pedra angular da política externa, uma tarefa prática, e para quem uma retórica propagandística, exortações gerais, um meio de mascarar a política dirigida para a realização dos seus apetites agressivos.»

Depois de um primeiro capítulo destinado à exposição da luta da União Soviética pela prevenção da guerra nuclear e pelo desarmamento, nos seguintes abordam-se, sucessivamente, a limitação e redução dos armamentos estratégicos, a limitação das armas nucleares na Europa, a redução das forças armadas e dos armamentos na Europa Central, as experiências com armas nucleares, a corrida aos armamentos no espaço cósmico, as armas químicas e bacteriológicas, a segurança europeia e, finalmente, os problemas do desarmamento na actividade da Organização das Nações Unidas e do Comité para o Desarmamento.

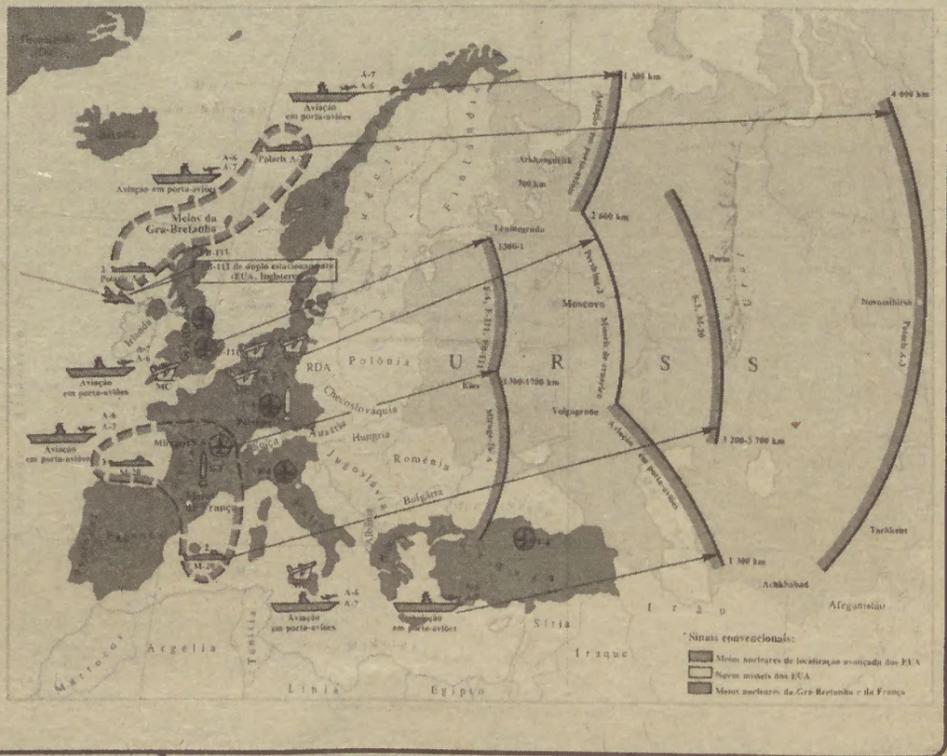
Como se vê, nada de essencial sobre a problemática da paz e da guerra fica de fora. Acrescenta-se que diversas figuras, quadros e ainda um mapa a cores enriquecem a edição, tornando mais sugestivos e de fácil apreensão diversos dados e números de grande significado.

Trata-se, em suma, de um útil contributo para o esclarecimento da questão fundamental dos nossos dias. Um esclarecimento tanto mais importante e necessário quanto é certo que, entre nós, tal como aliás sucede em todos os países cujos governos seguem políticas de enfeudamento e submissão ao imperialismo, o nosso povo é quotidianamente massacrado, nomeadamente através da televisão, com toneladas de propaganda imperialista. Uma propaganda, porém, facilmente desmontável, quando se torna possível discutir taco-a-taco e aos argumentos e factos contrapor outros tantos factos e argumentos. E vendo-se privada do monopólio do direito de antena, a propaganda imperialista esboroa-se.

O leitor deste livro verificá-lo-á facilmente.



Zonas de alcance dos meios nucleares de médio alcance dos países da OTAN



Cinema A selecção

	António Durão	David Lopes	Manuel Machado da Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
A A Caixinha de Surpresas	—	—	★★★★	★★★★	—
B Diner-Adeus Amigos	★★★	—	—	—	—
C O Eclipse	—	—	★★★★★	★★★★	★★★
D A Laranja Mecânica	—	★★★★	★★★★	★★★★	—
E Lawrence da Arábia	—	—	★★★★	★★★	★★★★★
F A Ocasão da Rosa	—	—	★★	—	—
G Para Além do Paraíso	★★★	—	★★	—	—
H reacção em Cadeia	★★	—	★★★	—	★★★
I Rocco e Seus Irmãos	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
J Starman-O Homem das Estrelas	★★★★	—	★★★	★★★	★★★★

A — Real. Walt Disney — Caleidoscópio (14, 16.30, 19, 21.30) — Lisboa; Águia d'Ouro (18.45, 21.45) — Porto.
 B — Real. Barry Levinson — S. Jorge/3 (14.30, 16.45, 19, 21.45) — Lisboa.
 C — Real. Michelangelo Antonioni — Quarteto/1 (14.30, 16.45, 19.00, 21.15) — Lisboa.
 D — Real. Stanley Kubrick — Quarteto/2 (14, 16.30, 19, 21.30, 23.30) — Lisboa.
 E — Real. David Lean — Império (14.45, 18.15, 21.30) — Lisboa.
 F — Real. Salvatore Picicelli — Apolo 70 (14, 16.30, 19, 21.30, 24) — Lisboa.
 G — Real. Jim Jarmusch — Quarteto/3 (15, 17, 19, 21.30) — Lisboa.
 H — Real. Mike Nichols — Alfa/1 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15), Berna (14, 16.30, 19, 21.30), S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30) — Lisboa; Foco (19, 21.45), Passos Manuel (19, 21.45) — Porto.
 I — Real. Luchino Visconti — Quinteto (14, 17.30, 21) — Lisboa.
 J — Real. John Carpenter — Nimas (14, 16.30, 19, 21.30), S. Jorge/2 (14.15, 16.30, 18.45, 21.15) — Lisboa.

Classificação de a a *****

Teatro O Cartaz

• LISBOA

ABC, Parque Mayer. Às 21.45; Sáb e Dom também às 16.00. **Fininho mas Jeitosinho**, de J. Bettencourt, versão de César Oliveira e R. Solnado, enc. Carlos César.

Casa da Comédia, R. S. Francisco de Borja, 24. De 3.ª a 5.ª / 2 1. 4 5 ; dom./18.00. **Savannah Bay**, de Margueri-

te Duras, enc. Filipe La Fera.

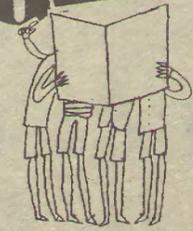
Maria Vitória, Pq. Mayer. **Não Batam Mais no Zezinho**, de H. Santana, Nicholson e Zambujal, enc. H. Santana. De 3.ª a Dom./20.30 e 22.45; Dom. e feriados também às 16.00.

Teatro da Graça, Trav. S. Vicente, 11. Terça a Sáb/22.00; Sáb/e Dom/17.00. **A Noite e o Momento**,

de Crébillon Fils, enc. Carlos Fernando — Grupo Teatro Hoje.

Teatro do Bairro Alto, R. Ten. Raul Cascais, 1-A. De 3.ª a Sáb/21 h; Dom/16 h. **Ricardo III**, de W. Shakespeare, enc. Luís Miguel Cintra — A Cornucópia (até 11/8).

Teatro Vasco Santana, Entrecampos (Feira Popular). 3.ª a 5.ª / 2 1. 3 0 ; Dom./16.00. **Jardim**



de **Outono**, de Lillian Hellman, enc. Luzia Maria Martins — Teatro Estúdio de Lisboa.

Teatro de Bolso, R. do Rasquinho, 16. De

3.ª a Sáb/21.45. **Amor de D. Perlimplim com Belisa em seu Jardim**, de Garcia Lorca, enc. Luís Aguilár — Teatro Laboratório de Faro.

• SETÚBAL

Teatro de Bolso do TAS, Rua Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9. **Luísa Todi**, texto de Fernando Gomes e Rui Mesquita, enc. Fernando Gomes.

...e ainda Música, debates, etc.



Música

Este semana, dois penúltimos concertos do **V Festival de Música dos Capuchos**: no Convento dos Capuchos e com início às 21 e 30, na **sexta-feira** «Bach e seus antecessores» com **Jordi Savall** em viola da gamba; no **sábado**, «Black and Blue» — Grandes Temas do Jazz» com alguns dos melhores instrumentistas de jazz portugueses: **Vasco Henriques** (piano e flauta), **Nuno Gonçalves** (contrabaixo), **Carlos Martins** (saxofone), **Carlos Vieira** (bateria), **Mário Franco** (contrabaixo), **Mário Laginha** (piano).

Com dois concertos no Teatro Gil Vicente de CASCAIS ambos com início às 21.30: **hoje** o jovem pianista **Miguel Henriques** interpretando obras de Bach, Beethoven, Schubert, Rachmaninov e Chopin; **amanhã**, quinta-feira, **Aníbal Lima** (violino) e **António Rosado** (piano) em obras de Brahms, Prokofieff, Beethoven, Saint-Saens e Tchaikovsky. Ainda com um concerto no Teatro S. Luiz em LISBOA na sexta-feira às 21.30: Brahms e Schubert interpretados por **Tibor Varga** (violino), **Ludwig Strelcher** (contrabaixo), **Sequeira Costa** (piano), **Vladimir Stoyanov** (clarinete) e o **Quarteto Kodaly**.



Cinema a céu aberto

Resolveu a Câmara Municipal de ALMADA levar a efeito um programa de animação dos jardins públicos e das praias.

Para já foi organizado um programa de projecção de filmes de longa-metragem em três locais dife-

rentes: neste mês de Agosto, e sempre às 21.30 aos sábados em Almada e Cova da Piedade às sextas na Costa de Caparica.

Assim, no sábado: no **Parque Urbano de Almada** (por detrás da Escola Sec. Anselmo de Andra-

de), **Roma, Cidade Aberta**, Roberto Rossellini; no **Jardim da Cova da Piedade**, **O Pecado de Clunny Brown**, de Ernest Lubitsch. Na sexta-feira, na Costa de Caparica (por detrás do Banheiro Tarquinio) também **Roma, Cidade Aberta**.

Marceau no S. Luiz

Finalmente, o encerramento deste Festival ocorre no sábado, no S. Luiz em LISBOA, com um espectáculo marcado para as 21.30: mestre Marcel Marceau em «Pantomimas de Estilo» e «Pantomimas de Bip».



Festas populares

Neste próximo fim-de-semana, a Câmara Municipal de VILA FRANCA promove a tradicional **Feira do Melão** com o objectivo de «divulgar e apreciar a qualidade deste fruto, cultivado em grande escala na lezíria ribatejana, e de o comercializar, aproximando produtor e consumidor». Tanto no sábado como no domingo haverá provas gratuitas de melão entre as 11.30 e as 12.30, e um concurso de qua-

Exposições

Arqueologia Industrial, «Um Mundo a Descobrir, um Mundo a Defender». Visitas guiadas, 3.ª, 4.ª, 5.ª e dom./10 às 17; 6.ª e sábados até às 21 horas. Na antiga Central Tejo, em Belém.

Azulejos do Século XIV aos Nossos Dias. De 3.ª a dom/10 às 13 e 14.30 às 17. Museu Nacional do Azulejo — Convento da Madre de Deus.

Colecção Calouste Gulbenkian. Expostas no Museu e nas Galerias da Fundação, peças — dos tapetes orientais aos livros preciosos — organizadas sob a designação, «Reservas da Colecção».

Colectiva de Verão, Galeria Fonte Nova, Estrada de Benfica, 503. Até 6/9.

Colectiva de pintura e escultura. 3.ª a Dom./12.30 às 15.30 na galeria Gemini, Rua das Freiras.

Desenho e Serigrafia, 46 trabalhos de 16 artistas. De 2.ª a 6.ª, das 14.30 às 19.30. Ditec-Espaço Arte, Av. da Igreja, 46-A. Até 30/8.

Fotografias de Alberto Peixoto, António Aguiar, Beatriz Ferreira, Eduardo Tomé e Luís Manuel Vasconcelos. De 2.ª a 6.ª, das 10 às 20, na Casa da Imprensa.

Arte para as Férias. 3.ª a sáb. das 16 às 19.30. Galeria EG, Rua do Crato, 210. PORTO.

João Cutileiro, esculturas em mármore. Centro Cultural de S. Lourenço ALMANSIL.

Arquitectura e Escultura Gólicas. Até 3/11. Mosteiro de St.ª Maria da Vitória. BATALHA.

1.ª Bienal Nacional de Escultura ao Ar Livre. Até 29/9 nos jardins do Museu Municipal António Duarte CALDAS DA RAINHA

José de Azevedo, aquarelas: «Olhar o Mar» de 4.ª a dom./15 às 18.00, de 13/7 a 24/8. Por ocasião do 5.º Festival de Música dos Capuchos, no Convento dos Capuchos. CAPARICA.

Colectiva de pintura. De 3.ª a Dom./15

às 19, em A Galeria — R. Nova de Alfaroelra. CASCAIS.

Homenagem a Gil do Monte (Felício José Passaro) — exposição bibliográfica no Museu. ÉVORA

Colectiva de pintura (Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Guíma, Jorge Martins, Nadir Afonso e outros). De 3.ª a domingo, das 15 às 19.30. Galeria Gilde, S. Torcato. GUI-MARÃES.

Edith Ambuhl, desenhos: «Mãos de Mulheres». Museu Municipal. PENICHE

Vida e Cultura Popular no Concelho de Santiago do Cacém, exposição organizada pela Câmara e patente na Câmara municipal até 21/9. SANTIAGO DO CACÉM

Arqueologia Naval. Exposição itinerante organizada pela Ass. dos Municípios de Setúbal, a percorrer todos os concelhos do distrito, SETÚBAL.

Laurinda Silvério, pintura. De 3.ª a 6.ª/9 às 12 e 14 às 17; Sáb. e Dom./15 às 19. Até

8/9 na Casa de Boca-ge — Galeria Municipal de Artes Visuais. SETÚBAL.

Pintura — Eduardo Santos Neves, Fátima Neves, Helena Subtil. De 3.ª a Dom./9 às 12 e 14 às 17, até 8/9. Galeria de Exposições Temporárias — Convento de Jesus/Museu de Setúbal.

Eduardo Lemos, pintura. Todos os dias, das 12 às 21. Até 16/8. Trav. de Santa Catarina, 11. SETÚBAL.

Kira. Todos os dias, das 12 às 13, até 31/8. Galeria de Arte do Castelo de S. Felipe. SETÚBAL.

Jaime Batalha e Luís Magalhães, exposição bibliográfica e iconográfica, por ocasião do 50.º aniversário da sua morte. De 2.ª a 6.ª/10 às 17, até 31/8 na Biblioteca Nacional.

José Júlio, gravura e desenho. De 2.ª a Dom./11 às 21, até 20/8. Pátio Alfacinha, R. do Guarda-jóias, 44.

Marília Nunes, pintura. Fund. Ricardo Es-

pírito Santo, Lg. das Portas do Sol. De 3.ª a sábado, das 10 às 13 e das 14.30 às 17.00. Até 17/8.

Nova Ourivesaria portuguesa, um espaço em que também estão expostas peças da colecção do Museu. Trabalhos de professores e alunos do Ar.Co, com a utilização de novos materiais. Museu Nacional de Arte Antiga. Até 29/9.

Pintura — Helena Mata, Maria José Ferreira e Teófilo. De 2.ª a 6.ª das 10 às 19, Galeria Altamira, Rua Filipe Folque, 48-A. Até 30/8.

«Um Rosto para Fernando Pessoa» — o poeta retratado por 33 pintores nossos contemporâneos. Na nave superior do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian.

Vestir 1955-85. A moda nos últimos 30 anos. Museu Nac. do Traje, Palácio do Monteiro-Mor, Lumiar.

Victor Reis, pintura. De 2.ª a 6.ª/8 às 20, até 31/8. Garagem Auto-Palace, R. Alexandre Herculano.



Quando ao **I Festival Internacional de Música Barroca de Vila Real**: concertos sexta-feira em S. PEDRO (Crispim Steela-Perkins e Roderick Shaw em obras de Purcell, Fantini, Haydn, Haendel para trompete, corneto e órgão), **sábado** em REMÉDIOS/LAMEGO (Música Ibérica dos sécs. XVII e XVIII pelos Segreiros de Lisboa), e **segunda-feira** na igreja da CUMIEIRA (madrigais pelo Orpheus Britannicus Amsterdam).

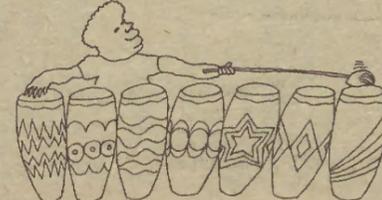


O **XI Festival da Música da Costa do Estoril** — que decorreu, com actividades quase diárias, desde 5 de Julho — termina neste fim-de-semana.

Tempo Fim de Semana



No próximo sábado, as neblinas matinais são o único factor climatérico que diferenciam este dia do dia seguinte, segundo a antevisão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica. Assim, para o fim-de-semana, o céu apresentar-se-á pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de Noroeste, no litoral Oeste, durante a tarde.



Pioneiros

A Exposição Nacional Itinerante dos Pioneiros de Portugal estará até sexta-feira em VIANA DO CAS-

TELO e de sábado a terça-feira no PORTO na Av. Brasil, à Foz, junto à Praia do Molhe.



Utilidades & variedades

Quando a morte surge nas profundezas dos mares

- O Homem tem ainda grandes dificuldades em dominar as catástrofes naturais que se desencadeiam nos oceanos

A 23 de Julho de 1958, o navio-laboratório soviético «Sebastopol» singrava a toda a velocidade pelo estreito da Dinamarca. Soprava um vento fresco e o mar estava azul. De repente, alguma coisa de extraordinário aconteceu com as ondas: elas embranqueceram. A toda a volta do navio, até perder de vista, o mar estava coberto de milhões de peixes mortos.

Estabeleceu-se que os peixes tinham morrido devido a uma mudança brusca de temperatura. Os aparelhos do navio registaram, com efeito, saltos de temperatura espantosos. Em dois pontos da superfície do mar, a menos de uma milha um do outro, a água tinha, respectivamente, temperaturas de 7,2 e 3,4 graus centígrados. Variações igualmente brutais foram registadas a algumas dezenas de metros de profundidade.

O navio navegou entre montanhas de peixes mortos durante mais de uma hora. A calamidade deu-se a 65° 33' de latitude norte e 30° 28' de longitude oeste, no limite da corrente quente de Irminger e duma corrente fria ao longo da costa da Groenlândia. Nas semanas anteriores a esta ocorrência, o vento norte tinha trazido para o estreito da Dinamarca grandes quantidades de gelo.

Perda massiva de peixes

Regra geral, o Homem não consegue agir sobre os elementos que se desencadeiam nas profundezas do oceano, semeando a morte entre os seus habitantes. O oceano esconde-nos ainda muitas das suas tragédias, que são, aliás, grandiosas. Só no mar de Oman, entre Janeiro de 1957 a Janeiro de 1958, registou-se por quatro vezes uma perda massiva de peixes, cuja quantidade total era semelhante ao volume da pesca anual à escala planetária.

Nestes últimos anos, uma penetração súbita de águas frias provocou uma perda massiva de peixes no golfo de São Lourenço e Trinity Bay, perto da Terra Nova, no mar do Norte e em Skagerrak, junto da costa do Somali, ao largo das ilhas Hawaii, no estreito de Tatarie. As vítimas foram bacalhaus, solhas, cavalas, tubarões, linguados, sardinhas, anchovas e, em primeiro lugar, naturalmente, o peixe miúdo.

Existem armadilhas mortais, tais como uma lagoa da costa oeste de Porto Rico, geralmente muito povoada. O mês de Junho de 1967 foi muito quente, a água na lagoa aqueceu até aos 35° centígrados e o seu teor em sal aumentou até aos 43 por mil. Restou portanto pouco oxigénio na água, o que provoca a morte da maior parte dos peixes.

Uma situação semelhante verificou-se também nesta lagoa em 1963 mas, no momento crítico, abateu-se na zona uma tempestade tropical, o que adoçou e arrefeceu a água.

Em Junho de 1976, a pesca nocturna de uma traineira ao largo de Nova Iorque continha 75 por cento de peixes mortos. A causa foi a abundância nestas águas duma alga vermelha a «Ceratium Tripos». Durante a noite, a actividade de fotossíntese das algas não se realiza e a sua respiração absorve a quase totalidade do oxigénio dissolvido na água.

Ao largo da Flórida ou do Texas, quando «florescem» estas algas, notou-se mais do que uma vez estranhas idas e vindas dos peixes da profundidade para a superfície e vice-versa. Às vezes, cardumes inteiros apareciam de repente à superfície, ficavam como parados, soltavam um jorro de água e morriam. Todas as praias ficaram cobertas de peixes mortos em putrefacção.

As ditas «marés vermelhas» (grande multiplicação periódica destas minúsculas algas) são também muito perigosas, e não apenas por que elas empobrecem subitamente as águas de oxigénio. Algumas destas algas, como as «Gymnodium», «Gonyaulax» e «Prymnesium», segregam substâncias altamente tóxicas. Oitenta vezes mais fortes que o veneno da cobra, contaminam os peixes, tornando-se assim um perigo para todos.

Em Agosto de 1973, muitos habitantes da região de Petropavlosk, na Kamchatka soviética,

dirigiram-se aos médicos, queixando-se de adormecimento das pernas e dificuldades respiratórias. Descobriu-se que todos os doentes tinham comido mexilhões que eles próprios tinham apanhado. Os médicos tiveram tempo de os salvar, mas por que é que os mexilhões se tinham tornado venenosos?

Tanto quanto se sabe, os moluscos filtram o seu alimento, isto é, absorvem e expulsam a água, retendo as partículas alimentares em suspensão. Quando aquelas algas abundam no mar, eles ingerem-nas também. Os molus-

cos não morrem, mas a sua carne torna-se venenosa. Nos países em que é habitual o seu consumo, são frequentes as intoxicações massivas da população a seguir às «marés vermelhas».

Catástrofes naturais como estas são frequentes no oceano. O Homem deve tentar elucidar-se sobre as suas causas e as leis que as regem, pois a Natureza é capaz de reparar ela própria os efeitos de tais catástrofes, enquanto que uma intervenção irreflectida do Homem pode agravar as suas consequências a ponto de as tornar irreparáveis.

Sobre o mar e nas suas profundezas. Por quanto tempo ainda poderá o Homem contemplar semelhantes paisagens? A resposta é, afinal, simples: por quanto tempo quiser, se aprender a respeitar as leis naturais que regem o ambiente.

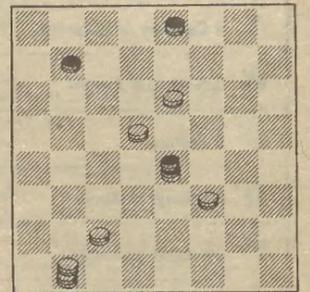


Damas

XIII - 15 de Agosto de 1985

PROPOSIÇÃO N.º 13
Por Manuel Duarte
«Matuto» n.º 10, 16.VI.1951

Pr. (14)-28-30



Br. (4)-7-10-19-22
Jogam as brancas e ganham

JOGO N.º 13

Vale de Vargo, 10.X.1982
Br. Herminio Medalha da Silva
Pr. Daniel Seita Machado

1. 12-16, 23-19; 2. 10-14, 19-10; 3. 5-14, 24-20; 4. 16-23, 28-10; 5. 6-13, 21-17; 6. 2-5, 17-10; 7. 5-14, 32-28; 8. 1-5, 28-23; 9. 5-10, 25-21; 10. 8-12, 21-17; 11. 12-16, 26-21; 12. 7-12, 29-25; 13. 12-15, 22-19; 14. 15-22, 27-18; 15. 16-20, 23-16; 16. 4-8, 30-27; 17. 8-12, 16-7; 18. 3-12, 27-22; 19. 12-15, 31-27; 20. 14-19 Empate.

GOLPE N.º 13

Golpe de H. F. Shearer (1892)

1. 10-13, 21-18; 2. 13-17, 22-19; 3. 11-15, 19-14; 4. 6-11, 23-20; 5. 3-6, 27-23; 6. 12-16! Perdente! As Pr. ganham de Golpe!

SOLUÇÕES

VII (4.VII.85): N.º 7: 19-23 Se; 27-20; 11-15, 4-9; 15-31 G. Br. Se: 28-19; 7-12, 4-9; 12-31 G. Br. 26-17!

Golpe n.º 7: 11...., 21-18; 12. 14-21, 17-13; 13. 9-18, 26-17! 14. 19-26, 30-7 G. Pr. VIII (11.VII.85) N.º 8: 19-10, 8-26; 10-17, Se: 26-19; 23-27 e 18-22 G. Br. Se: 26-8; 18-22 e 23-27 G. Br. Se: 30-27; 17-30 e 30-16 G. Br. Se: 29-25; 23-27 G. Br.

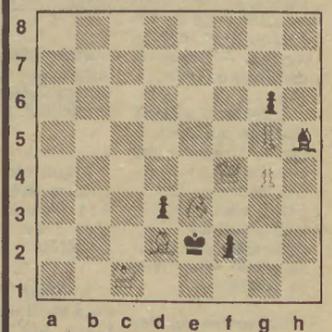
Golpe n.º 8: 7.... 20-15; 8. 11-27, 31-15; 9. 13-22, 15-12; 10. 7-16, 24-20; 11. 16-23, 28-1 G. Pr.

Xadrez

XIII - 15 de Agosto de 1985

PROPOSIÇÃO N.º 13
Por J. Hartong
«L'Action Française», 1935
6+5

Pr. Ps. d3,f2,g6-Bh5-Re2



Br. Ps. g4,g5-Ce3-Bd2-Df4-Rc1

Mate em 2 lances

«Elo» Feminino: 1.ª, TCHIBURDANIDZIE 2450 pts.; 2.ª, Z. Polgar; 3.ª, P. Crumling 2420; 4.ª, Gaprindasvili 2350; 5.ª, Levitina 2315.

JOGO N.º 13

Torneio Internacional de Sarajevo, 1985

Br. S. Lputjan - Pr. D. Velimirovic

1. d4,Cf6; 2. c4,c5; 3. d5,g6; 4. Cc3,Bg7; 5. e4,0-0; 6. Cf3,d6; 7. Bd3,e6; 8. 0-0,exd5; 9. exd5,Ca6; 10. h3,Cc7; 11. Te1,b5; 12. cxb5,Bb7; 13. Bc4,a6; 14. b6,Cb5; 15. Db3,Tb8; 16. a4,Cxc3; 17. bxc3,a5; 18. Bg5,Bc8; 19. Tab1,h6; 20. Bxf6,Dxf6; 21. Te3,Df4; 22. Bd3, 23. b7,Bxa4; 24. Da3,Bd7; 25. Dxa5,Bf5; 26. Da6,Bxd3; 27. Dxd3,Tfd8; 28. Tb6,Da4; 29. Db1,Td7; 30. Te2,Bxc3; 31. Ta2,Df4; 32. Ta8,Td7d8; 33. Txb8,Txb8; 34. Tc6,Rg7; 35. Tc8, Txb7; 36. Dxb7,Dc1+; 37. Rh2,Df4+; 38. Rh1,Dc1+; 39. Cg1,Be5; 40. De7,Df4; 41. Df8+,Rf6; 42. g3,De4+; 43. Rh2,De1; 44. Rg2,Bxc3; 45. Dh8 + abandono (se 45.,Rf5; 46. Df2!).

JORNADAS DE TRABALHO

Próximas semanas são decisivas!



da festa!

ALTO DA AJUDA • 6, 7 E 8 SETEMBRO

Avante!

Director
António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 5
14 de Agosto de 1985

Não pode ser vendido
separadamente

As 10 Festas em exposição



Artistas portugueses

RÃO KYAO

CARLOS PAREDES

JÚLIO PEREIRA

GNR

RÁDIO MACAU

Então e a EP ?

E então a EP? Quantas é que já vendeste? Será suficiente? Não te terás esquecido de nenhum conhecido? E a tua, já a compraste?

É que estamos apenas a três semanas da Festa e ainda há muita gente que não comprou a sua entrada permanente. A razão é evidente. Ainda não se foi ter com eles e lembrar exactamente isso: a Festa está aí à porta!

Temos portanto que muitas pessoas estão ainda à espera que lhes batam à porta com uma EP na mão. O difícil não é vendê-las. O difícil está na forma de as vender. Ou talvez nem tanto.

Vender a EP é, essencialmente, uma questão de imaginação. Senão vejamos: As pessoas estão à espera e a EP continua nas nossas mãos. Há que juntar estes dois factores e, neste caso, não podemos estar à espera que as pessoas venham ter connosco. Temos nós que ir ter com elas.

E são muitas as formas que se nos apresentam. Desde a banca de rua ao porta-a-porta, são mil e uma as maneiras que temos à nossa disposição. Desde as grandes acções de propaganda ao contacto directo com as pessoas, presumíveis compradores ou nem por isso.

Muitas vezes cal-se no erro de que temos compradores certos. Assim, só a esses nos dirigimos. No entanto, o nosso vizinho pode, pela primeira vez, querer ir à Festa. Só que não sabe onde a há-de comprar e por isso fica em casa. No nosso emprego pode acontecer exactamente a mesma coisa.

Para tudo isto há um bom remédio. Vamos ter com as pessoas. Vamos falar com as pessoas. Com todas. Os artistas já não sendo conhecidos, já se sabe das grandes exposições que a Festa vai ter e, portanto, torna-se cada vez mais fácil vender EP's a quem, em princípio, não se pensaria falar.

Dos porta-a-porta às bancas, passando pelas brigadas de venda nas ruas, vender a EP não é difícil. É preciso é ter imaginação. E isso é coisa que não nos falta. A prova é a própria Festa.



Vamos reforçar as jornadas de trabalho

A 22 dias que estamos do começo da Festa, as jornadas de trabalho revestem-se de uma importância fundamental para o seu êxito. Seja de fim-de-semana, seja de fim de dia, o trabalho voluntário é o principal motor do trabalho de implantação da Festa no terreno.

O fim-de-semana passado estiveram no Alto da Ajuda 760 camaradas e amigos a construir a Festa. Com o seu contributo, mais estruturas apareceram, mais placas se montaram e mais painéis se pintaram.

Neste momento, falar da Festa é salientar sobretudo a importância das jornadas de trabalho. Sem elas, a Festa nunca seria possível. Sem uma forte participação de todas as organizações, sem uma forte

participação de muitos e muitos camaradas e amigos, a Festa não passaria de um bonito sonho. Fazer a Festa exige muito trabalho. Exige muitos milhares de horas. Ainda hoje, e apesar

de já só estarmos a 22 dias da Festa, são muitas as horas que ainda se podem ganhar a construir no Alto da Ajuda. Mesmo depois do trabalho.

Quem corre por gosto

Quem corre por gosto não cansa, já lá diz o ditado popular. Assim é, de facto. Passar uma tarde, um ou dois dias ou passar umas férias no Alto da Ajuda a construir a Festa, pode deixar o corpo cansado. Mas a cabeça, essa fica leve.

A consciência de se estar a ter um papel importante na construção daquilo que começou por ser um belo sonho e que hoje é uma ainda mais bela realidade, faz com que todos os obreiros da Festa se sintam exactamente isso: o terem sido os homens e mulheres que puseram de pé a mais bela Festa portuguesa.

E este é, certamente, dos sentimentos mais belos que se pode ter. Chegar à Festa e saber que se não fosse o seu esforço nada daquilo seria realidade.

E a verdade é que, sem as jornadas de trabalho, sem uma forte participação nas jornadas de trabalho, a Festa não seria possível.

Fazer a Festa

Fazer a Festa implica uma união de muitos e muitos talentos, de muitos e muitos esforços e horas de trabalho. Implica um árduo mas sempre recompensado empenhamento, se...

Como tudo, também a Festa tem os seus ses. Vejamos: se o PCP não fosse um partido profundamente enraizado nas massas, nunca a Festa seria possível. Se a Festa não existisse, o património cultural



português estaria menos rico. Se não é o forte empenhamento de toda a organização do Partido e dos seus militantes individualmente, a Festa não seria a grande realização política e cultural que conhecemos...

Vem isto a propósito de dois números — 1130 e 860 —, que se referem a quatro dias e dois anos.

Explicuemo-nos: o ano passado, neste mesmo fim-de-semana, foram 1130 as pessoas que foram ao Alto da Ajuda fazer a Festa. Este ano, como já dissemos, estiveram no recinto 860 pessoas a trabalhar.

Como se vê — e relativamente ao ano passado — a diferença de pessoas que se deslocou à Ajuda quatro fins-de-semana antes da Festa, foi de 270. Se multiplicarmos por dois, vemos que houve menos 540 braços a trabalhar.

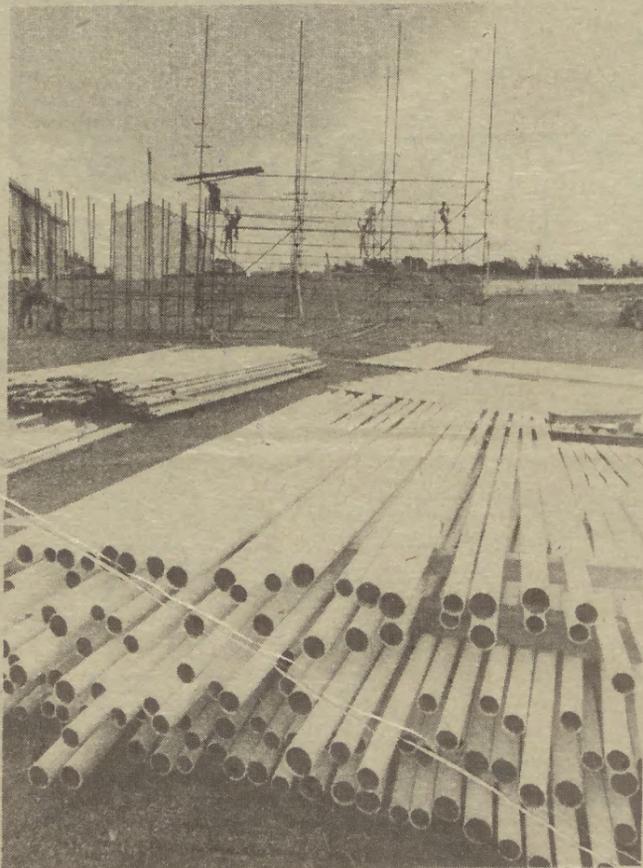
Se bem que esta tenha sido uma boa jornada de trabalho, quando a comparamos com os números do ano passado, ficamos com a certeza de que muito mais se poderia fazer. Ficamos com a certeza de que — embora se

tenha feito muito — a Festa poderia ter recebido um muito maior impulso este fim-de-semana.

Mãos à obra

Cabe-nos, pois, fazer com que estes três fins-de-semana que nos separam da Festa constituam outras tantas jornadas de trabalho. Cabe-nos agora recuperar o número de braços que se têm perdido nestes fins-de-semana. Cabe-nos agora fazer um último esforço para que esta décima edição da Festa do «Avante!» seja a melhor e a mais bonita de todas.

É simples. Organizemos mais e mais jornadas de trabalho. Durante a semana e ao fim-de-semana. Ponhamos de lado um pouco das nossas férias e vamos retemperar forças trabalhando para aquela que é a mais bonita Festa que alguma vez se realizou em Portugal. Resumindo: mãos à obra que já só faltam 22 dias para a grande Festa dos trabalhadores, da democracia e do futuro!



Programa das organizações regionais

Uma imensa festa popular

Se é certo que a Festa do «Avante!» vive em grande parte da animação central, as organizações regionais do Partido têm uma palavra extremamente importante também no que toca ao êxito da Festa do ponto de vista da sua animação. Estando as organizações regionais profundamente enraizadas entre a população das suas zonas, conhecendo a sua realidade como ninguém, está à vista a extrema importância de que o seu contributo se reveste para a Festa.



Efectivamente, sendo esta iniciativa uma Festa de todo o povo português — estando aí representadas as suas lutas, as suas vitórias, os seus problemas e perspectivas —, só com o forte empenho das diversas organizações é possível à Festa adquirir o cunho a que nos habituámos. Festa popular, as diversas

especialidades de todo o País, as suas modalidades desportivas, a gastronomia, a música, a poesia — são presença obrigatória no Alto da Ajuda.

É exactamente neste ponto que o contributo das organizações regionais é decisivo. É por isto que as zonas de cada organização são tão diferentes entre si, tendo ao mesmo tempo tanto em comum.

Do leitão da Bairrada ao ensopado de borrego; dos vidros da Marinha Grande ao barro de Portalegre; do jogo beirão ao medronho algarvio, é todo um Portugal que assim se vai reencontrando, ou descobrindo na Festa do «Avante!».

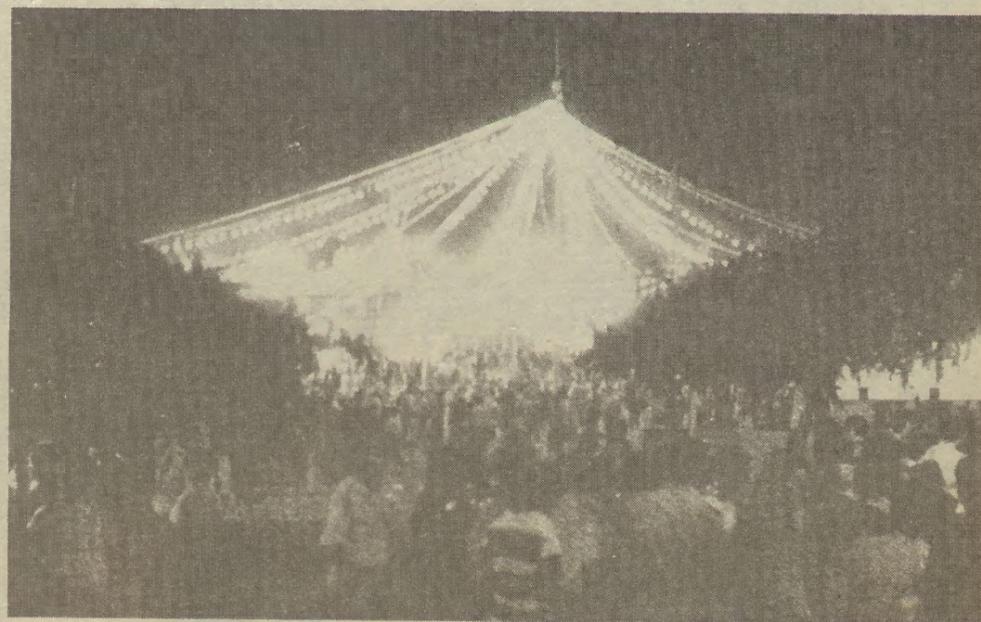
Região a região

Assim, no pequeno-grande recinto do Alto da Ajuda é possível dar-se uma volta por esse Portugal fora — de Trás-os-Montes ao Algarve, das ilhas

ao continente —, é possível saber-se dos principais problemas de cada região, de quais as propostas do Partido e da APU para as diversas zonas. Graças ao programa das diversas organizações regionais, é possível, na Festa, ter-se uma ideia precisa das potencialidades de cada região. Saber-se de como a capacidade criativa do povo é esquecida pelo Poder Central. Saber, também, das realizações do Poder Local Democrático. E isto, sempre, de região a região.

Programa cultural

O programa cultural das organizações regionais é



também fundamental para a diversidade e qualidade da Festa. Tendo sempre como preocupação a qualidade; tendo sempre como preocupação a representatividade dos diversos

artistas a nível regional e mesmo nacional, os programas dos palcos, coretos, e auditórios oferecem ao visitante da Festa um incontestavelmente grande leque de opções.

De facto, dada a qualidade e a diversidade, o grande problema que se põe ao visitante não é onde ouvir, ver e participar num espectáculo. O grande problema que se lhe põe é decidir-se por qual o espectáculo, por qual a organização regional.

Não sendo uma decisão simples, é certo que se se visitar toda a Festa, se passar por todos os pavilhões, fica-se com a tarefa facilitada.

Festa popular

É toda esta diversidade, toda a enorme gama de momentos

artísticos que acontecem no Alto da Ajuda, que fazem da Festa do «Avante!», verdadeiramente, uma festa popular.

É todo o artesanato — tão diverso e particular —, é toda a gastronomia que nos é apresentada, que fazem da Festa uma grande Festa popular. É de todos os jogos, quermesses, exposições sobre as diversas regiões que a nossa Festa é efectivamente **nossa**. Uma Festa não só dos comunistas, mas de todo o povo português.

Para que tal aconteça, contributo imprescindível dão os programas das diversas organizações regionais do Partido. Só com o seu contributo, só com a sua presença é que a Festa é — efectivamente — uma Festa Popular.



Torneio de futebol um pouco por toda a parte

O programa desportivo da Festa do «Avante!» movimentou muitas centenas de pessoas ainda mesmo antes de chegar ao Alto da Ajuda. As diversas fases dos torneios desportivos vão-se desenrolando um pouco por toda a parte. Também neste caso está o futebol de salão. O torneio da Festa pôs a fazer desporto muita e muita gente, numa competição em que o objectivo primeiro é o convívio. Exemplo disso é o concelho de Pinhel, no distrito da

Guarda. Aqui, foi a equipa da «Residencial Falcão» a vencedora. No entanto, foram nove as equipas participantes, com um total de perto de cem pessoas. Mais ao sul, na Amadora, também já se realizou o torneio concelhio, tendo as equipas da «Pastelaria Lusobra» e da «Filarmónica Recreio Artístico» chegado à final. A vencedora foi a equipa da Filarmónica. Em Santarém, num torneio da

Organização Regional, a equipa vencedora foi o «Retiro do Caçador», de Alcanhões. Como se vê, a Festa está a mexer um pouco por todo o País. Quem sabe se alguma destas equipas estará presente na final do Alto da Ajuda? Mesmo que tal não aconteça, uma grande vitória conquistaram todos os atletas que participam nos diversos torneios regionais. Juntaram à divulgação da Festa um sempre são convívio desportivo.

Perto de 200 excursões para o Alto da Ajuda

Quando na semana passada noticiámos que eram já 76 as excursões organizadas para se vir até à Festa do «Avante!», deixámos desde logo o aviso de que ainda o comboio não tinha saído da estação. O número que hoje vos damos é a confirmação de tudo quanto se disse. Até ao momento, são já **188** (sim, um/oito/oito) as excursões que se organizam rumo a esta cidade dentro da cidade em que o Alto da Ajuda se transforma durante três dias.

188 quer dizer que são já perto de duas centenas as camionetas que a 6, 7 e 8 de Setembro rumarão a Lisboa. 188 quer dizer que perto de 940 pessoas se resolveram e se juntaram pela Festa.

Havia que vir à Festa de qualquer maneira. Havia que contornar as dificuldades económicas que hoje uma deslocação a Lisboa representa. Houve que juntar o útil ao agradável, houve que organizar excursões. Houve que começar o convívio antes da chegada a Lisboa.

E se dissermos que o ano passado, mais ou menos por esta altura, «apenas» cem excursões estavam organizadas, podemos ver bem da

implantação que a Festa adquire de ano para ano um pouco por toda a parte.

Destas cerca de duzentas excursões, umas vêm de perto — da zona oriental do distrito de Lisboa —, outras chegam de relativamente perto — Santarém, Leiria —, mas muitas são

organizadas em Trás-os-Montes, no Minho, no Porto ou no Algarve.

É assim. Um pouco por todo o País, são muitas as centenas de pessoas que se organizam para vir colectivamente até à Festa de todo o povo. Até à Festa do «Avante!» — passando por Lisboa.

OBRAS COMPLETAS DE SOEIRO PEREIRA GOMES



“A vida e a obra de Soeiro Pereira Gomes reflectem as grandes linhas da realidade político-social em que se caldearam dias melhores para o povo Português”

edições **Avante!**



Rão Kyao

João Ramos Jorge é músico. Tendo passado pelos estúdios, decidiu-se um dia por uma carreira a solo. Com os seus últimos trabalhos, tornou-se um dos mais populares músicos portugueses. Assina: **Rão Kyao**. Tendo começado como músico de estúdio, a sua técnica adquiriu-a em Portugal e na Índia. Desde então, o seu trabalho como compositor e intérprete torna-o num dos músicos que mais contribuiu para o avanço do jazz em Portugal. A sua grande popularidade conquistou-a ao meter-se numa aventura que pareceria à partida extremamente arriscada. Fundir o som do saxofone jazzista com os trinado fadistas. Substituir a voz humana pela voz de um instrumento.

Com o enorme sucesso que este disco alcançou, Rão Kyao provou assim que os diversos estilos e formas musicais não são incompatíveis. O que existe é **música**, e, quando boa, universal. Assim foi com «Fado Bailado».

Um acto de liberdade

Um trabalho que fez dele um dos maiores intérpretes de fados como «A Mouraria», «Canção do Mar» ou «Fado Vitória». Mais recentemente — e trocando o saxofone pela flauta — Rão Kyao torna-se no primeiro músico português a alcançar um disco de platina. «Estrada da Luz» funde um

quotidiano citadino com uma musicalidade a cheirar a campo. «Estrada da Luz» é a confirmação, para o grande público, de um instrumentista de muitos recursos e de um compositor que não pára de surpreender. Este artista, para quem a «música é sobretudo um acto de liberdade», tem já na sua carreira sete álbuns. Se é certo que são os seus dois últimos os mais conhecidos, em toda a sua discografia está patente a preocupação de apresentação de um trabalho de qualidade. Em 1981, a sua actuação no Festival de Jazz de Cascais — que constituiu um dos momentos mais altos do certame — deu origem a um disco que terá sido importante no lançamento do autor. Depois foi «Ritual» e,

finalmente, os álbuns a que já nos referimos. Para Rão Kyao — que trabalha durante parte do ano em Paris com os seus músicos e que participou em trabalhos de artistas indianos de projecção internacional — a música é também isso: um Ritual. De amor e de harmonia. Como não podia deixar de ser: de liberdade. Voltado recentemente da Índia, o seu espectáculo na Festa do «Avante!» de 1985 não deixará certamente de surpreender o seu já certo público e todos os outros que, trauteando o «amanhecer», têm assim pela primeira vez a oportunidade de o escutar ao vivo. Um espectáculo diferente, sem dúvida. Mas, acima de tudo, um espectáculo de qualidade.



Carlos Paredes

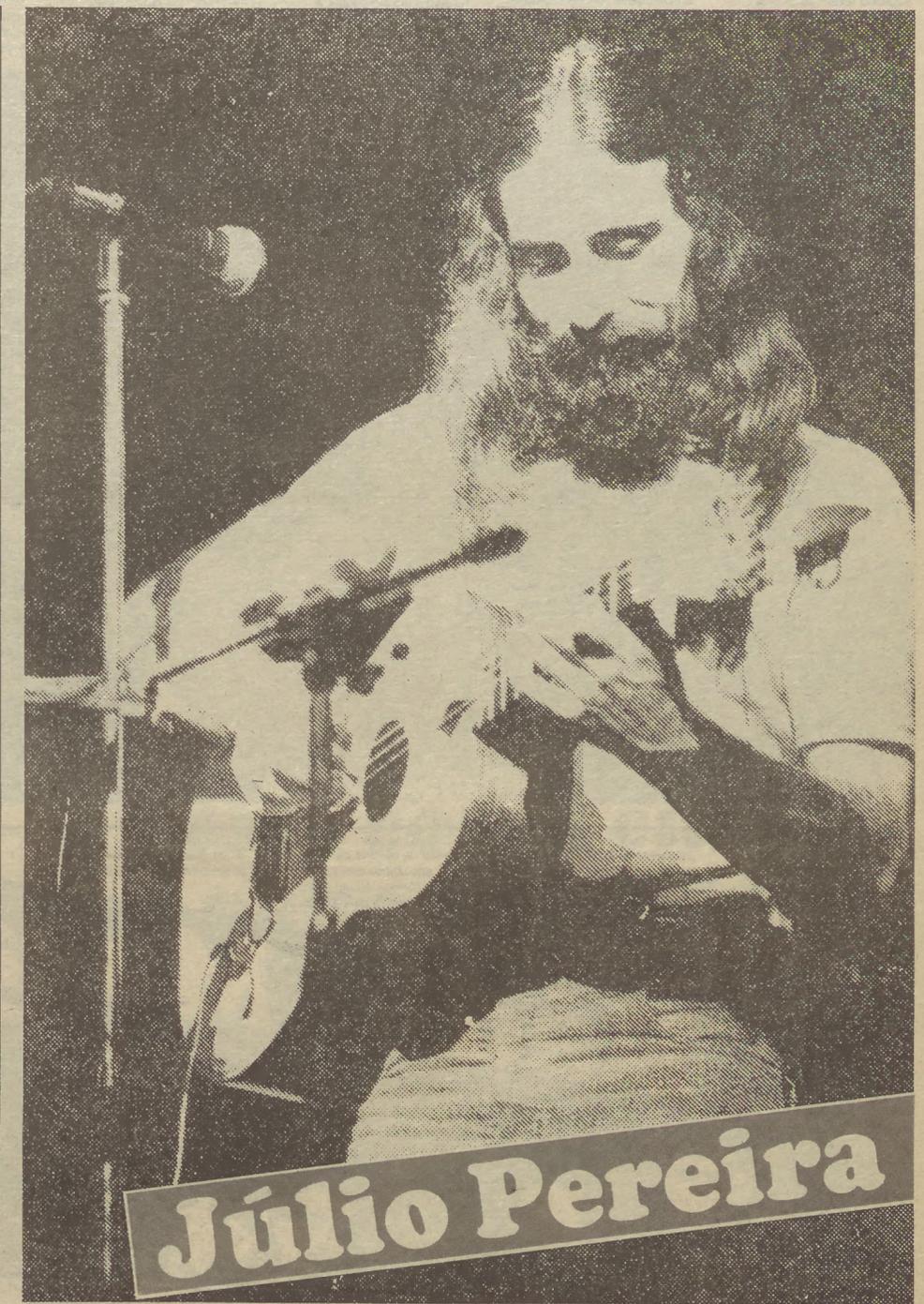
Humildade, humanismo e amor são palavras-chave para falar de um artista que faz de todas as suas actuações momentos que julgamos sempre serem possíveis uma só vez na vida. Falar de **Carlos Paredes** é sempre difícil. Que focar?, o homem, a música ou a técnica? É sempre um problema. Quando no mais imponente palco ou no mais pobre estrado mundiais da guitarra, é a humildade que vem ao de cima. O palco é grande de mais para uma pessoa que parece pedir-nos desculpa por estar lá em cima, por nos ir tomar tempo com a sua música. Depois, quando homem e instrumento se fundem num só

corpo é o amor que nos aparece em todo o seu esplendor. Homem e guitarra unem-se para, com a música, dizerem da verdade de estarem vivos. Finalmente, quando a música começa a fazer parecer pequeno qualquer recinto em que flutua, é o imenso humanismo que nos inunda. Carlos Paredes, sendo **amador**, é um dos maiores executantes mundiais da guitarra. Os impressionantes sons que consegue arrancar (pedir será o termo mais apropriado) do instrumento fazem dele um caso praticamente único.

O compositor

No entanto, falar-se deste artista, não é exclusivamente dizer-se da sua técnica, não é dizer-se unicamente do seu talento de intérprete. É, também, falar do grande compositor que se

esconde por baixo de uma enorme humildade. De facto, a sua música — extremamente elaborada — faz do acto de criar uma verdadeira ode ao Homem. Não é assim de espantar que tanto numa fábrica ou numa aldeia, como em qualquer teatro da capital, todos aqueles que escutam a arte de Carlos Paredes se vejam tomados dos sentimentos mais diversos, mas que todos se identifiquem com aqueles sons. A razão é simples. A música de Carlos Paredes fala-nos do Homem. Fala-nos do seu trabalho, das suas letras e do seu dia-a-dia. Assim, por muito elaborados que sejam uns «Verdes Anos», um «Canto do Trabalho» ou uma «Dança de Camponeses», todos se tornam claros a qualquer pessoa. Com ou sem formação musical, uma vez que todos nos indentificamos naquelas melodias. Mas a música de Carlos Paredes surge em grande parte como complemento de outras formas de criação artística. Como banda sonora ou ao vivo, a música de Carlos Paredes fica intimamente ligada ao cinema, ao teatro ou ao bailado. Mais uma vez, Carlos Paredes vai actuar na Festa do «Avante!». Mais uma vez, este mestre da guitarra que universaliza raízes profundamente portuguesas vai estar no Alto da Ajuda. Como sempre, como que a pedir desculpa pela bela música que faz. Como sempre, encantando milhares de pessoas como sempre julgámos só ser possível uma vez.



Júlio Pereira

Com o seu longo cabelo e fartos bigodes, é uma pessoa que não passa despercebida no meio da multidão. Com a sua arte é uma pessoa que se impõe à multidão. Chama-se **Júlio Pereira** e é músico. Os seus três últimos álbuns são fundamentais na discografia da música tradicional portuguesa. Com «Cavaquinho», **Júlio Pereira** reavivou a memória de um instrumento que corria o risco de ficar esquecido em prateleiras de qualquer museu etnográfico, o mesmo acontecendo com «Braguesa». Só por isto, a importância de **Júlio Pereira** na preservação do património cultural seria já muito importante. Mas este artista faz mais. Não

só dá nova vida a instrumentos que tendiam a desaparecer, como o faz igualmente no que respeita a músicas do nosso cancionário popular. Daí que falar de **Júlio Pereira** é dizer de um trabalho de pesquisa empreendido um pouco por toda a parte. É falar na necessidade de se não deixar cair uma já longa tradição musical do nosso povo. Com o seu último álbum, «Cádoi», **Júlio Pereira** continua a afirmar-se como um instrumentalista de muitos recursos e como um caso importante na nossa música popular. Artista português, junta o mais tradicional dos sons e o mais tradicional da nossa música a

alguns instrumentos que à partida muito pouco terão a ver com ela.

A música tradicional na Festa

É no entanto com os instrumentos tradicionais portugueses que **Júlio Pereira** constrói as suas/nossas melodias. Do cavaquinho à braguesa, passando pela concertina, e toda uma gama de instrumentos sempre tão presentes na nossa música. **Júlio Pereira**, que recentemente esteve em Moscovo integrado na delegação portuguesa ao XII Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes, o que actuou no imenso festival internacional de folclore que se

realizou no âmbito desta iniciativa, estará presente na Festa do «Avante!». Uma presença que, não sendo a primeira, leva a supor que **Júlio Pereira** fará a festa dentro da Festa. De facto, a última vez que actuou no Alto da Ajuda, então acompanhado por Carlos Zingaro, Zé Marreiros, Amélia Muge e João Seixas, **Júlio Pereira** fez da sua actuação um muito agradável momento na nossa Festa. Este ano, mais uma vez, subirá aos palcos da Ajuda e fará música portuguesa. Mais uma vez, encantarà todos quantos o escutem. São estas as certezas dos espectáculos de **Júlio Pereira**: a qualidade e, acima de tudo, a qualidade escrita em português.

Segundo rezam as crónicas musicais, constituíram um estrondoso êxito em Madrid não há ainda muito tempo. Mais

precisamente há dois meses e meio incendiaram um público exigente que bandas anglo-saxónicas de nomeada não

havam chegado sequer a aquecer. Têm nome de polícia mas não

são violentos. A associação terá o seu pitoresco, mas

efectivamente não se trata de uma banda filarmónica de marchas a compasso que as há e boas de resto, mas de uma

banda eléctrica reclamada do novo rock. Grupo Novo Rock, GNR, confusão desfeita, o melhor será ouvi-los para que não restem dúvidas. Novo rock, título e proposta de um grupo formado no caldo de uma geração de músicos e bandas jovens que na sua maioria não resistiram ao tempo e às dificuldades de um mercado controlado. Os GNR constituíram na altura uma aposta arriscada, que contrabalança a inevitabilidade de temas para grande consumo com outros de diferentes fôlegos e duração como 'avarias', onde o grupo evidenciava as qualidades musicais da formação e seus membros sem as vulgares concessões ao lucrativo gosto das editoras discográficas. Dos GNR saiu entretanto um dos seus membros fundadores, apostado na exploração de outros caminhos musicais. A banda, contudo, persistiu e aí está, não só com êxitos além fronteiras, mas com novos *hits* dançados em ritmos quentes. O travo latino de 'os homens não se querem bonitos' ou de 'bombero' dão asas e ganham asas com toda a movimentação de palco, em particular a do vocalista Rui Reininho, que faz desde 'o melhor homem de cena que temos e de que temos as cenas' no dizer de um dos críticos da especialidade. Para aqueles que assiduamente frequentam a Festa, não passa despercebido o facto de ser esta a primeira vez que Rui Reininho, Alexandre Soares, Jorge Romão e Toli se apresentarão nos palcos da Festa. E é mais que certo que a sua actuação fará festa na Festa, para todos os apreciadores dos GNR.

GNR



Há pouco mais de um ano gravaram o seu primeiro disco *long-play*. Hoje, «Rádio Macau» é um nome – um nome que se impôs pela qualidade e pela persistência. Hoje, «Rádio Macau» é sinónimo de *rock* urbano feito em português. Foi com «Bom Dia Lisboa» que estes cinco jovens se

impuseram. Desde então, os concertos em pequenas e menos pequenas salas deu-lhes uma rodagem que lhes permitiu lançar recentemente um novo disco: «A Vida Num Só Dia». A confirmação do que foram

fazendo na estrada ao longo deste ano. Disco que acumula as experiências de um grupo que se impôs, é também ponto

de partida para um novo álbum – já em preparação – que promete

pela novidade: inovação ao nível de sons e de timbres e da própria vida do grupo.

Rádio Macau



Música urbana

«Rádio Macau» é um projecto urbano. Numa entrevista recentemente publicada no semanário «Sete» salientavam que «nascemos num meio urbano e a nossa vivência musical esteve sempre afastada da realidade global da música portuguesa. Mas o facto de haver uma música urbana universal não impede nunca a nossa identificação como urbanos portugueses». A música deste grupo concilia, portanto, a universalidade de uma estética património dos «filhos do cimento», com as particularidades da sua/nossa vivência portuguesa. O resultado está à vista. Em pouco mais de um ano, os «Rádio Macau» impuseram-se no campo musical português.

E fizeram-no numa época em que é difícil vingar. O «boom» do chamado *rock* português e a sua inevitável queda levou a que as editoras fechassem as portas a esta expressão da música em Portugal. Assim, neste campo, só a qualidade consegue vingar. Banda que habitualmente escolhe «pequenas salas, pequenas audiências» os «Rádio Macau» vão, finalmente, ter diante de si uma audiência de muitos milhares de pessoas. Pela primeira vez actuarão ao ar livre em Lisboa. Pela primeira vez actuarão nos palcos da Festa que mais gente reúne em Portugal.

O *rock* urbano português estará na Festa do «Avante!» pela mão dos «Rádio Macau»!



A Festa com a cidade por pano de fundo

Com a ponte 25 de Abril por cenário, com o rio que une as duas margens por pano de fundo, em 1979 a Festa do «Avante!» transfere-se para o Alto da Ajuda. Este seu novo local deixa ver mais a Festa em todo o seu esplendor do que até então. O facto de se situar numa encosta torna-se mais Festa do que em qualquer dos outros locais. É pois num sobe e desce constante que os visitantes da Festa calcorreiam Portugal inteiro a pé, num redescobrir constante das características, das lutas e da cultura dos povos de todas as regiões.

Sim, porque com a vinda para o Alto Ajuda, a Festa do «Avante!» não se descaracterizou. Muito pelo contrário. Com a cidade por pano de fundo, continuou a ser a Festa do Povo Português. 1979 foi mais um ano da mudança. Uma vez mais, a Festa construiu-se a partir do nada. Uma vez mais foi necessário limpar o terreno de todos os pedregulhos e criar as infraestruturas necessárias ao suporte da Festa. Uma vez mais, as jornadas de trabalho voluntário constituíram um contributo precioso para a construção da Festa. Efectivamente, desde o Jamor, e ainda hoje, a participação de todos os camaradas e amigos que vão trabalhando no terreno aos fins-de-semana ou ao entardecer é condição fundamental para que a Festa continue a abrir as suas portas todos os anos. Assim o foi também em 1979 e 1980.

A Exposição em festa

Desde a sua primeira edição que a componente cultural adquiriu

uma justa importância na Festa do «Avante!». Uma vez mais, o pavilhão central foi o palco para as maiores exposições de todo o recinto. No primeiro ano do Alto da Ajuda, o pavilhão central — mesmo no meio do terreno — albergou mostras sobre «a defesa da natureza», «a actividade e propostas do PCP» e, ainda, uma exposição iconográfica e bibliográfica sobre Camões. 1979 foi também o ano da homenagem a Armindo Rodrigues, da II Bienal de Artes Plásticas da Festa do «Avante!» e do ciclo de cinema cómico. Camões, «Poeta do Povo e da Pátria» foi uma vez mais o tema para uma exposição do pavilhão central de 1980, onde, afirmando-se e demonstrando-se que «Abril é Portugal que Continua» se expôs a «Arte Popular e o Património Cultural». Como sempre, o pavilhão central não se limitou a ser um espaço de exposição. Dos colóquios aos debates, passando pelos recintos de poesia, foi todo um intenso programa que animou aquele que é o principal pavilhão da Festa.

Painel da Solidariedade Internacional

A presença de numerosas delegações estrangeiras, a oportunidade de contactar realidades diferentes e, acima de tudo, a grande solidariedade que se respira nesta zona fizeram da Cidade Internacional um dos pontos mais procurados em todo o Alto da Ajuda. O carácter internacionalista da Festa vem-se acentuando à medida que os anos passam. Seja pelo número de delegações, seja pelos numerosos actos de solidariedade para com os povos que constroem o seu futuro ou para com todos aqueles que ainda hoje lutam pela sua libertação, ou ainda pela solidariedade manifestada pelos diversos partidos amigos e irmãos que enviam embaixadas à Festa do «Avante!»; solidariedade é a palavra, o conceito e o acto mais predominante na Cidade Internacional. A prova-lo está o painel da Solidariedade Internacional que foi sendo pintado ao longo dos três dias da Festa de 1979 por artistas estrangeiros.

1979 e 1980: dois anos grandes

É verdade... 1979 e 1980 foram dois dos maiores anos da Festa

em termos de artistas estrangeiros. No primeiro destes anos, Richie Havens, Mercedes Sosa, Max Roach, os «Gwendal», Mike Glick e Sérgio Ortega vieram fazer a festa à Festa. Já em 1980, Zeca Afonso cantou no sábado e, com ele, muitos milhares de pessoas entoaram a Grândola. Foi com esta mesma canção que se encerrou a Festa.

Aí era um coro de mais de cento e cinquenta mil pessoas que assim diziam que «Abril é Portugal que Continua». Um dia depois, Chico Buarque da Holanda diria que «nunca tínhamos cantado para tanta gente». Juntamente com Edu Lobo, Simone, MPB-4 e o realizador brasileiro Ruy Guerra, tinha atravessado tanto mar para poder estar na nossa Festa.

1980 foi o ano da primeira embaixada de música brasileira à nossa Festa. Foi o ano da maior embaixada musical brasileira que já alguma vez se deslocou a Portugal. Mas este último ano ficou ainda marcado pelas actuações de Soledade Bravo, Tom Paxton e Maria Farantouri.

O desporto dentro da Festa

Com a vinda para a Ajuda, o programa desportivo deslocou-se para dentro do recinto da Festa, passando assim a constituir forte factor de animação durante os três dias. Das classes das colectividades desportivas, aos festivais internacionais de ginástica que, como sempre, encantaram todos quantos tiveram a sorte de a eles assistir; do chinquillo às damas, também o desporto foi rei nesta Festa que é de todo o povo. Se em 1979 a Festa se realizou em Setembro, em 1980 — ano de eleições — a Festa foi em Julho. Apesar das muitas diferenças que evidenciaram — sim, porque a Festa, embora mantendo sempre as suas características, é todos os anos diferente — 1979 e 1980 foram dois anos grandes da Festa do «Avante!». Foram dois anos que contribuíram decisivamente para que a Festa continuasse em todo o seu esplendor. Foram dois anos que ajudaram a fazer da Festa o que ela é hoje.



Nove Festas em exposição no Pavilhão Central

Ao longo das suas nove edições, a Festa do «Avante!» adquiriu um já muito vasto património. A própria Festa é já parte integrante, e muito importante do património nacional.

Sendo assim, na sua décima edição, seria uma falta imperdoável que a história das festas não fosse contada de uma forma dinâmica e viva, como todas elas o foram.

Seria uma falta que não acontecerá. Mesmo no centro do Pavilhão Central, as nove festas estarão em exposição. Será uma exposição onde não faltarão as fotografias e os

pequenos textos. No entanto, muito do que a Festa é, muito antes de abrir as portas, poderá ser visto por todos quantos por lá passarem.

Os boletins das diversas organizações, tão necessários para a divulgar, as jornadas de trabalho e todo o trabalho de propaganda serão alguns dos temas da exposição. Além do mais, falar das nove Festas é falar das jarras, dos copos, das medalhas e de todos os materiais que foram editados ao longo de todas as edições. Da Feira Internacional de Lisboa ao Alto da Ajuda, passando pelo Jamor, de tudo um pouco haverá nesta exposição que nos recordará como foram todos aqueles três dias que nos acompanham há já nove anos.

Apelo

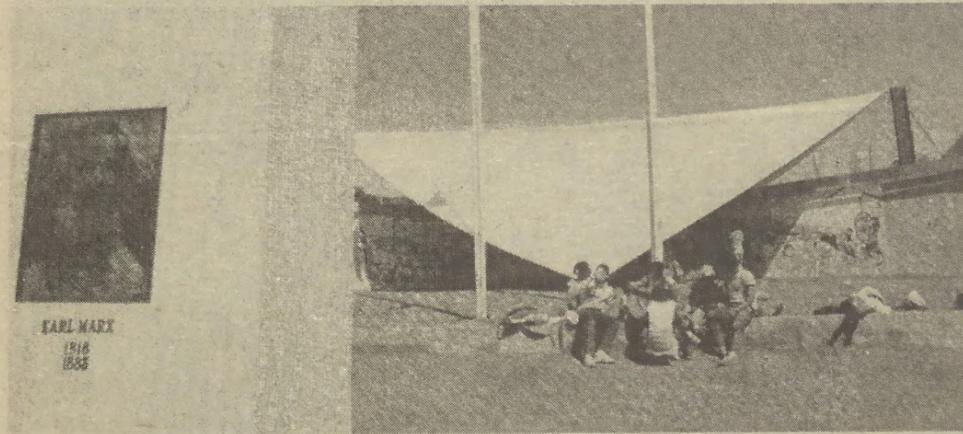
Como é lógico, montar uma exposição com este cariz implica um muito grande esforço. De todo o lado, um pouco por todo o País, foram muitos os materiais especialmente construídos para esta ou aquela Festa.

Daí que se torne necessário, como sublinhámos a semana passada, enviar esses materiais para a organização — que os devolverá. Só assim, com o contributo de todos, poderemos fazer desta exposição um verdadeiro espelho do que foram as nove Festas.

Diaporama

Uma outra mostra estará englobada nesta exposição. Trata-se de um gigantesco

6, 7 e 8 Setembro 1985 • Alto da Ajuda



Tal como no cartaz, também no pavilhão central haverá um espaço próprio para as nove edições anteriores da Festa do «Avante!»

painel onde serão apresentadas as fotografias que melhor ilustrem estas nove edições da Festa.

Trata-se, como é lógico, de uma iniciativa que despertará a atenção de toda a gente. O colorido, o movimento e a alegria juntar-se-ão neste imenso

diaporama. Tal como na Festa, fosse na FIL, no Jamor, ou agora na Ajuda.

Podem desde já marcar a vermelho o vosso itinerário. A 6, 7 e 8 de Setembro, a história das festas é para não perder nesta que é a décima edição da Festa do «Avante!».

Mais artistas na exposição de gravura

São já 71 as obras que chegaram à organização da Exposição Internacional de Gravura. Todas de uma grande qualidade, o seu número indica-nos estarmos na presença de um dos mais importantes acontecimentos jamais realizados em Portugal neste campo.

À parte disso, o elevado número e a grande receptividade demonstrada pelos maiores artistas da gravura internacionais, demonstra a importância de que uma tal iniciativa se reveste.

De facto, a Festa do «Avante!» é uma oportunidade praticamente única de juntar artistas com um público que vulgarmente não lhes tem acesso.

Assim sendo, a Festa adquire um importante papel no enriquecimento cultural do nosso povo. Esta Exposição Internacional de Gravura não só não escapa à regra, como constituirá uma das melhores exposições jamais realizadas em Portugal.

Além dos artistas a que aludimos recentemente, enviaram já os seus trabalhos para a organização, os seguintes gravadores: Da Austrália, David Rose; do Egipto, Ahmed Nawar; da

Tunísia, Rachid Koraichi; dos Estados Unidos da América, Leonardo Lasanki; da Guatemala, Rodolfo Abularach; do Uruguai, Alfredo Testoni; da Noruega, Per Kleiva; da Bélgica, Maurice Pasternak, da Áustria, Omar Valentin e, finalmente, o italiano Gino Scarpa.

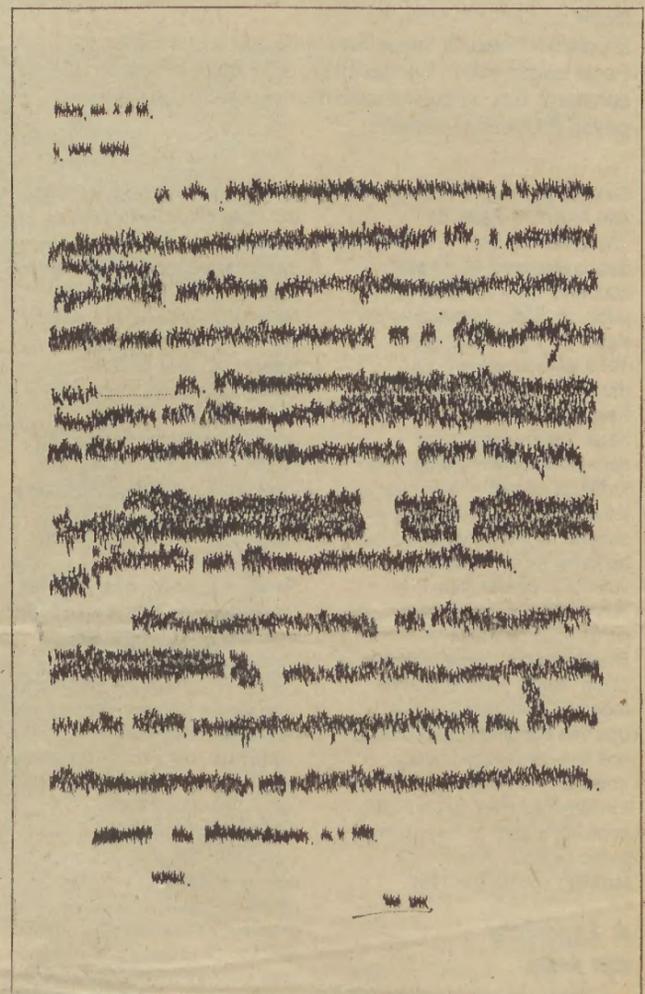
Torna-se necessário lembrar uma vez mais que todos estes artistas foram já premiados em certames internacionais de gravura, o que, à partida, suscita um perfeitamente justificado interesse de todos quantos se desloquem à Festa do «Avante!».

Comissão patrocinadora

Nomes conceituados das artes plásticas portuguesas fazem parte da comissão que patrocina esta Exposição Internacional de Gravura. Dada a sua representatividade, aqui ficam os nomes: Álvaro Perdigão, António Fernando, Armando Alves, Fátima Vaz, Henrique Ruiv, Isabel Laginhas, João Abel Manta, João Hogan, Jorge Pinheiro, Jorge Vieira, José Aurélio, José Rodrigues, Maria Keil, Rui Filipe, Vítor Palla e Zé Penicheiro. Também mais uma garantia de qualidade.



Gravura de Ahmed Nawar



Serigrafia de Alfredo Testoni — «A Carta»